





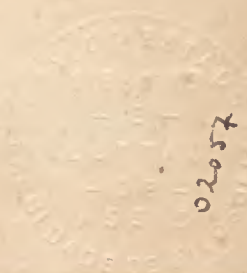




JOÃO DE DEUS

CAMPO DE FLORES

TOMO I



BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS																	
Data	<table border="1"> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> </table>																
Tombo	<table border="1"> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td colspan="8"> </td></tr> </table>																

Composto e impresso na Typographia "A Editora Limitada,"
Largo do Conde Barão, 50 — Lisboa



JOÃO DE DEUS

CAMPO DE FLORES

Poesias Lyricas completas

Coordenadas sob as vistas do auctor

POR

THEOPHILO BRAGA

TOMO I

PARTE I—Poesias Lyricas

QUARTA EDIÇÃO—NE VARIETUR. (1.º milheiro)

Livrarias AILLAUD e BERTRAND
PARIS — LISBOA

Livraria FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO



*Todos os exemplares são rubricados pelo filho do autor,
o Dr. João de Deus Ramos*

João de Deus Ramos

867.1
v. 4 862
v. l. n.
3 963



CANÇONETAS

Amor

Não vês como eu sigo
Teus passos, não vês?
O cão do mendigo
Não é mais amigo
Do dono talvez!

Ao pé de uma fonte
No fundo de um valle,
No alto de um monte
De vasto horizonte,
Sem ti estou mal!



Sem ti, ólho e canço
De olhar, e que vi?
Os olhos que lanço,
Acharem descanso,
Só acham em ti!

Os ventos que empolam
A face do mar,
E as ondas que rolam
Na praia, consolam
Tamanho pesar?

As fórmas estranhas
De nuvens que vão
Roçando as montanhas
Em ondas tamanhas
Distraem-me? Não!

A pomba que abraça
No ar o seu par,
E a nuvem que passa,
Não tem essa graça
Que tens a andar!

Parece o pésinho,
De lindo que é,
Ligeiro e lévinho,
O de um passarinho
Voando de pé!



O rosto, ha em torno
Da pallida oval,
D'aquelle contorno
Tão puro, o adorno
Da auréola immortal!

Não sei que luz vaga,
Mas intima luz,
Que nunca se apaga,
Me inunda, me alaga,
Se os olhos lhe puz!

Eu amo-te, e sigo
Teus passos, bem vês!
O cão do mendigo
Não é mais amigo
Do dono talvez!



Sympathia

Olhas-me tu
Constantemente :
D'ahi concluo
Que essa alma sente ;
Que ama ; não zomba
Como é vulgar ;
Que é uma pomba
Que busca o par !

Pois ouve : eu gemo
De te não ver !
E em vendo, tremo,
Mas de prazer !
Foge-me a vista...
Falta-me o ar...
Vê quanto dista
D'aqui a amar !



Casto lírio

Meu casto lírio,
Terno delírio,
Gloria e martyrio
Do meu amor!
Amo-te como
A haste o gomo,
O labio o pomo,
E o olho a flor.

Se ao meu ouvido
Chega o rugido
Do teu vestido
Indo a roçar,
Que som me vibra
Não sei que fibra,
Que me equilibra
A mim no ar?



E que harpa santa
É que me encanta
E enche de tanta
Consolação,
Quando uma fala
Terna se exhala
D'onde se embala
Teu coração?

Quando te vejo
De um simples beijo
Corar de pejo,
Mudar de côr,
Que susto é esse
Que me parece
Te empalidece,
Rosa de amor?

Quando no leito
Teu niveo peito
Sonho que estreito
E aperto ao meu,
Vendo tão perto
O céu aberto,
Porque desperto,
Anjo do céu?



Não fujas, rosa,
Não fujas, gosa
Manhã mimosa,
Manhã de amor!
De folha em folha
A flor se esfolha
Bem cedo, e olha
Que és uma flor!...



Melancholia

A Manuel Vianna

Oh doce luz, oh lua!
Que luz suave a tua,
E como se insinua
Em alma que fluctua
De engano em desengano!
Oh criação sublime!
A tua luz reprime
As tentações do crime,
E a dor que nos opprime
Abres-lhe um oceano!

É esse céu um lago,
E tu, reflexo vago
De um sol, como o que eu trago
No seio onde o afago,
No seio onde o aperto?



Oh luz orphã do dia!
Que mystica harmonia
Ha n'essa luz tão fria,
E a sombra que me guia
N'este areal deserto?

Embora as nuvens trajem
De dia outra roupagem,
O sol, de que és imagem,
Não tem essa linguagem
Que encanta, que namora!

Fita-te a gente, estuda,
Sem medo que se illuda,
Essa linguagem muda...
O teu olhar ajuda...
E a gente sente e chora!

Ah! sempre que descrevas
A orbita que levas,
Confia-me o que escrevas
De quanto vês nas trevas,
Que a luz do sol encobre...

As victimas, que escutas,
De traças mais astutas
Que as d'essas feras brutas...
E as lastimas, as luctas
Da orphã e do pobre!



Noite de amores

Mimosa noite de amores,
Mimoso leito de flores,
Mimosos, languidos ais!
Vergontea debil ainda,
Tremia! Lua tão linda,
Lembra-me ainda... Jámais!

Aquella dahlia mimosa,
Aquelle botão de rosa
Dos labios d'ella... Senhor!
Murchavam; mas, como a lua,
Passava a nuvem: «Sou tua!»
Reverdeciam de amor!

E aquella estatua de neve
Como é que o fogo conteve
Que não a vi descoalhar?
Ondas de fogo, uma a uma,
N'aquelle peito de espuma
Eram as ondas do mar!



Como os seus olhos me olhavam,
Como nos meus se apagavam,
E se accendiam depois!
Como é que alli confundidas
Se não trocaram as vidas
E os corações de nós dois!

Mimosa noite de amores,
Mimoso leito de flores,
Mimosos, languidos ais!
Vergontea debil ainda,
Tremia! Lua tão linda,
Lembra-me ainda... Jámais!



Carta anonyma

(Referindo-se á poesia antecedente)

*Tal como desfeitas correm,
Como se esvaem e morrem
Nuvens de fumo no céu,
Passa a Noite, a luz da Lua
E a gloria de ouvir — Sou tua! —
Que deprime o canto teu.*

*Um mysterio profanaste
No segredo, que violaste
N'essa orgulhosa canção;
Profanaste, anjo cahido,
Momentos, que arrependido
Sente e cala o coração.*

*N'essas gottas da existencia,
Bebendo da rosa a essencia
E desfolhando-a, gosaste?
Foste um verme venenoso;
Matando-a sóras piedoso,
Se a virtude lhe roubaste.*



Resposta

A minha bella incognita... censora

Eu mysterios se os profano,
Não são nunca de mulher;
Vou desfazer um engano...
Ou desculpar-me sequer.

Aquella noite de amores,
Aquelles languidos ais,
Aquelle leito de flores...
Foi um sonho e nada mais.

Foi um sonho, e sonho aéreo
Como os sonhos sempre são;
Nem podia ser mysterio...
Dos mysterios da paixão.

Se pensei n'um doce instante
Que ao luar, candida flor
De um perfume inebriante
Perfumava o meu amor;



Se pensei que um vão desejo
Com que á luz desabrochei,
Me expirava emfim n'um beijo,
Foi um sonho que sonhei.

Foi um sonho; e se eu morresse
Quando á luz do mundo vim;
Ou se uns olhos só tivesse
Que me dessem luz a mim;

Não dormia, e já velava
Como outro tempo velei...
No bom tempo que eu gosava
O que ainda não sonhei!

Não faz mal que o pensamento
De quem Deus fadou tão mal
Fuja, em sonhos um momento
D'esta existencia real;

Que o que a sorte desditosa
Soprou como sombra vã,
Colha em sombras uma rosa
Nos seus sonhos da manhã!

Que te custa que dissesse
Um infeliz: — Fui feliz?
Que fiz eu que te offendesse,
Que mal foi o que te fiz?



Quando a mão de um innocente
Quer a estrella que o seduz,
Ninguem ha tão inclemente,
Que no céo lhe apague a luz.

Ah! mulher! custa isso pouco!...
Se não faz mal a ninguem,
Deixa lá que um pobre louco
Sonhe... sonhos que não tem.

Maio, 1859.



Lettra

A lua desce,
E ao seu clarão
A magua cresce
No coração;
 E com bem magua
 Pedi a Deus
 Um pingo de agua
 Dos olhos seus.

A lua desce,
E ao seu clarão
A magua cresce
No coração;
 Cresce, que o pranto
 D'esse bom Pae
 Cae em seu manto,
 Do céu não cae.



A lua desce,
E ao seu clarão
A magua cresce
No coração ;
Cresce, que o lirio
Branco do valle
Não tem martyrio
Nem sêde equal.

A lua desce,
E ao seu clarão
A magua cresce
No coração ;
E com bem magua
Peço ao Senhor,
Um pingo de agua
Que orvalhe a flor !

Lagrima sua
Vendo ao clarão
Da frouxa lua
No coração,
Cae-me dos olhos
Em pranto a dor,
Como de abrolhos
Brota uma flor.



Lagrima celeste

Lagrima celeste,
Perola do mar,
Tu que me fizeste
Para me encantar !

Ah ! se tu não fosses
Lagrima do céu,
Lagrimas tão doces
Não chorara eu.

Se eu nunca te visse,
Bonina do valle,
Talvez não sentisse
Nunca amor igual.

Pomba debandada,
Que é dos filhos teus ?
Luz da madrugada,
Luz dos olhos meus !



Meu suspiro eterno,
Meu eterno amor,
De um olhar mais terno
Que o abrir da flor,

Quando o nectar chora
Que se lhe introduz
Ao romper da aurora
E ao raiar da luz!

Esta voz te enleve,
Este adeus lá sôe,
O Senhor t'o leve,
E Deus te abençõe.

O Senhor te diga
Se te adoro ou não,
Minha doce amiga
Do meu coração!

Se de ti me esqueço
Ou já me esqueci,
Ou se mais lhe peço,
Do que ver-te a ti!

A ti, que amo tanto
Como a flor a luz,
Como a ave o canto,
E o Cordeiro a Cruz;



A campa o cypreste,
A rola o seu par,
Lagrima celeste!
Perola do mar!



Enlevo

Não brilha o sol,
Nem pode a lua
Brilhar na sua
Presença d'ella!
Nenhuma estrella
Brilha deante
Da minha amante,
Da minha amada!

A madrugada
Quanto não perde!
O campo verde
Quanto esmorece!
Quanto parece
A voz da ave
Menos suave
Que a sua fala!



A flor exhala
Menos perfume,
Do que é costume
O seu cabelo...
Que basta vel-o,
Prende-se a gente;
Prende-se e sente
Gosto ineffavel!

Que riso affavel
Aquella riso!
Que paraiso
Aquella bocca!
Penetra, toca,
Enche de inveja
Um ar que seja
Da sua graça!

Onde ella passa,
Aonde ella chega,
Quem lhe não prega
Olhos avaros?
Ha dotes raros,
Rara doçura
N'aquella pura,
Casta existencia!



Oh! que innocencia
Que ella respira!
A alma aspira
Não sei que aroma,
Mal nos assoma
Ao longe aquella
Pallida estrella...
Que rege o mundo!

Nunca do fundo
Do oceano
Foi braço humano
Colher ainda
Perola linda,
Como a formosa,
Candida rosa
Que eu amo tanto!

Não sei, de santo,
Que ha no seu gesto...
No ar modesto
D'aquelle todo!
N'aquelle modo...
Que tudo esquece,
E nos parece
Estar no céu!



Beijo

Beijo na face
Pede-se e dá-se:
Dá?
Que custa um beijo?
Não tenha pejo:
Vá!

Um beijo é culpa,
Que se desculpa:
Dá?
A borboleta
Beija a violeta:
Vá!

Um beijo é graça,
Que a mais não passa:
Dá?
Teme que a tente?
É inocente...
Vá!



Guardo segredo,
Não tenha medo...

Vê?

Dê-me um beijinho,
Dê de mansinho,
Dê!

*

Como elle é doce!
Como elle trouxe,
Flor,
Paz a meu seio!
Saciarme veio,
Amor!

Saciarme? louco...
Um é tão pouco,
Flor!
Deixa, concede
Que eu mate a sêde,
Amor!

Talvez te leve
O vento em breve,
Flor!
A vida foge,
A vida é hoje,
Amor!



Guardo segredo,
Não tenhas medo
 Pois!
Um mais na face,
E a mais não passe!
 Dois...

*

Oh! dois? piedade!
Coisas tão boas...
 Vês?
Quantas pessoas
Tem a Trindade?
 Tres!

Tres é a conta
Certinha e justa...
 Vês?
E que te custa?
Não sejas tonta!
 Tres!

Tres, sim: não cuides
Que te desgraças:
 Vês?
Tres são as Graças,
Tres as Virtudes;
 Tres.



As folhas santas
Que o lírio fecham,
Vês?
E não o deixam
Manchar, são... quantas?
Tres!

(Musica de H. Vargas.)



Perdão!

Seria o beijo
Que te pedi,
Dize, a razão
(Outra não vejo)
Porque perdi
Tanta afeição?
Fiz mal, confesso;
Mas esse excesso,
Se o commetti,
Foi por paixão,
Sim, por amor
De quem?... de ti!

Tu pensas, flor,
Que a mulher basta
Que seja casta,
Unicamente?
Não basta tal:
Cumpre ser boa,
Ser indulgente.
Fiz-te algum mal?
Pois bem: perdôa!



É tão suave
Ao coração
Mesmo o perdão
De offensa grave!
Se o alcançasse,
Se o conseguisse,
Quizera então
Beijar-te a mão,
Beijar-te a face...
Beijar? que disse!
(Que indiscreção...)
Perdão! perdão!



Amores, amores

Não sou eu tão tola,
Que caia em casar ;
Mulher não é rola,
Que tenha um só par :
 Eu tenho um moreno,
Tenho um de outra côr,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

Que mal faz um beijo,
Se apenas o dou,
Desfaz-se-me o pejo,
E o gosto ficou ?
 Um d'elles por graça
Deu-me um, e depois,
Gostei da chalaça,
Paguei-lhe com dois.



Abraços, abraços,
Que mal nos farão?
Se Deus me deu braços,
Foi essa a razão:

Um dia que o alto
Me vinha abraçar,
Fiquei-lhe de um salto
Suspensa no ar.

Vivendo e gosando,
Que a morte é fatal,
E a rosa em murchando
Não vale um real:

Eu sou muito amada,
E ha muito que sei
Que Deus não fez nada
Sem ser para quê.

Amores, amores,
Deixal-os dizer;
Se Deus me deu flores,
Foi para as colher:

Eu tenho um moreno,
Tenho um de outra côr,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.



N'um album

Eu olhos sei de uns,
Que desde que os vi,
Não vi mais nenhuns!

Vê tu por ahi
Se os achas; senão,
Descubro-os a ti.

Que lindos que são!
Que modo de olhar!
Que terna expressão!

Já tenho pesar
De os ver, porque emfim...
Que posso esperar?

Ver fitos em mim
Taes olhos... jámais!
Por certo: e assim,



Suspiros e ais
É quanto tirei
De ver olhos taes!

Só vendo-os se crê
Na graça, na côr,
No fluido, ou não sei

Que doce esplendor...
Tão doce, que eu
Não posso suppor
Que exista outro céu!



Folha cahida

A Ferreira Lima

Arida palma
Tem seu licor;
Tem, como a alma
Tem seu amor;
Tem, como a hera
Tem seu abril;
Tem, como a fera
Tem seu covil.

Tem toda a planta,
Que o sol crestou,
Lagrima santa
Que a orvalhou;
E o passarinho,
Que hontem nasceu,
Lá tem seu ninho
Que a mãe lhe deu.



Só eu na magua
Do meu penar
Sou como a agua
Que anda no mar ;
Sou como a onda
Que á busca vem
D'onde se esconda,
E onde não tem !

Folha revolta
Que anda no chão,
Lagrima solta
Do coração ;
Corpo sem vida,
Haste sem flor,
Folha cahida
Do meu amor !



Saudade

Tu és o Calix
E eu o orvalho :
Se me não vales,
Eu nada valho !

Eu se em ti caio,
E me acolheste,
Torno-me um raio
De luz celeste!

Tu és o collo
Onde me embalo
E acho consolo,
Mimo e regalo ;

Petala curva
Que se aljofara,
Não de agua turva,
Mas de agua clara.



Quando me passa
Essa existencia,
Que é toda graça,
Toda innocencia,

Além da raia
D'este horizonte —
Sem uma faia,
Sem uma fonte —

O passarinho
Não se consome
Mais no seu ninho
De frio e fome,

Quando se ausenta
A boa amiga,
Ah! que o sustenta
E que o abriga!

Sinto umas maguas
Que se confundem
Com as que as aguas
Do mar infundem!

E quem um dia
Passou os mares
É que avalia
Os meus pesares!



Só quem lá anda
Sem achar onde
Sequer expanda
A dor que esconde;

Longe do berço,
Morrendo á mingua,
Paiz diverso...
Diversa lingua...

Esse é que sabe
O meu tormento
Mal se me acabe
Aquelle alento!

Ah nuvem branca!
Ah nuvem de ouro!
Ninguem me estanca
Amargo choro;

E assim que passes,
Mesino de largo,
Vê n'estas faces
Se ha pranto amargo!

Tu és o norte
Que me desvias
De ir dar á morte
Todos os dias;



A larga fita
Que de alto monte
Cerca e limita
Este horizonte.

Tu és a praia
Que eu solicito ;
Tu és a raia
D'este infinito !

Se ha uma gruta
Onde me esconda
Á força bruta
Que traz a onda ;

Á força immensa
D'esta corrente
De alma que pensa,
De alma que sente ;

Se ha uma vela,
Se ha uma aragem,
Se ha uma estrellá,
N'esta viagem . . .

É quem eu amo,
É quem adoro,
E por quem chamo,
E por quem choro !



Sêde de amor

Vi-te uma vez e (novo
Estranho caso foi !)
Por entre tanto povo,
Tanta mulher... Suppõe,

Que mãe estremecida
Vê o seu filho andar
Sobre muralha erguida
Aonde o fez ir dar

Aquelle redemoinho,
Aquella inquietação
De um pobre innocentinho
Ainda sem razão :

E ora estendendo os braços...
Ora apertando as mãos...
Vendo-lhe o gesto, ospassos...
Quantos esforços vãos



O triste na cimalha
Faz por voltar atrás...
Sem ver como lhe valha!
A ver o que elle faz!

Pallida, exhausta, muda,
Os olhos uns tições,
Com que a tremer lhe estuda
As mesmas pulsações...

(Porque não é mais fundo
O mar no equador,
Nem é todo este mundo
Maior do que esse amor;

Mais vasto, largo e extenso
Todo esse céu também,
Do que o amor immenso
De um coração de mãe!)

Assim, n'essa agonia,
N'essa intima avidéz
É que entre os mais te eu ia
Seguindo d'essa vez!

Porque te adoro... a ponto,
Que ainda hoje, crê,
Escuto e oiço e conto
Os grãos de areia até,



Que tu, mulher! andando
Fazias estalar
Já mesmo longe e... quando
Deixei de te avistar!

*

Os olhos são
De uma expressão!
Que linda bocca!
O pé nem toca
De leve o chão!

Aquelle pé,
De leve, até
Nem se elle sente!
E sente a gente
Não sei o que é!

E a graça, o ar
D'aquelle andar!
Que vela passa
Com tanta graça
Á flor do mar?

Os olhos, ver
Um só volver
De olhar tão doce,
Que mais não fosse...
Era morrer!



Os dentes são
E tão irmãos
E tão luzentes!
Que bellos dentes!
Que lindas mãos!

*

Estrella, nuvem, ave,
Perfume, aragem, flor!
Consola-me, destilla
Da languida pupilla
O balsamo suave
De um desditoso amor!
Estrella, nuvem, ave,
Perfume, aragem, flor!

A flor de que és imagem,
A flor de que és irmã,
Sacia-se e desata
O seu collar de prata
Aos beijos da aragem
Aos risos da manhã!
A flor de que és imagem,
A flor de que és irmã!

A perola que encerra
A flor, é sua? Não!
O pranto, que a amima,
Cahiu-lhe lá de cima



Para cair na terra,
Para cair no chão!
A perola que encerra
A flor, é sua? Não!

Tu já mataste a sede,
Mata-me a sede a mim:
Se em nuvem piedosa
Te refrescaste, rosa!
Tambem em ti eu hei-de
Refrigerar-me... sim!

Tu já mataste a sede,
Mata-me a sede a mim!

É para que me orvalhes
Que te orvalhou o céu!
O liquido que veiu
Aljofarar-te o seio
Bem é tambem que o espalhes
No chão... e o chão sou eu!

É para que me orvalhes
Que te orvalhou o céu!



?

A M. Duarte de Almeida

Não sei o que ha de vago,
De incoersível, puro,
No vôo em que divago
Á tua busca, amor!
No vôo em que procuro
O balsamo, o aroma,
Que se uma fôrma toma,
É de impalpavel flor!

Oh como te eu aspiro
Na ventania agreste!
Oh como te eu admiro
Nas solidões do mar!
Quando o azul celeste
Descança n'essas aguas,
Como nas minhas maguas
Descança o teu olhar!



Que placida harmonia
Então a pouco e pouco
Me eleva a phantasia
A novas regiões...
Dando-me ao úivo rouco
Do mar n'essas cavernas
O timbre das mais ternas
E pias orações!

Parece-me este mundo
Todo um immenso templo!
O mar já não tem fundo
E não tem fundo o céu!
E em tudo o que contemplo,
O que diviso em tudo,
És tu... esse olhar mudo...
O mundo és tu... e eu!



Aroma e ave

Eu digo, quando assoma
O astro creador :
Deus me fizesse aroma
De alguma pobre flor !

E digo, quando passa
Uma ave pelo ar :
Deus me fizesse a graça
De azas para voar !

Aroma, da janella
Me evaporava eu,
Me respirava ella
E me elevava ao céo !

E quem, se eu fosse uma ave,
Me havia de privar
A mim da luz suave
D'aquelle seu olhar ?



Lembras-me

Se ao enlaçal-a no peito
Me cai desfeita uma flor,
Lembras-me, sonho desfeito,
Sonho de amor!

Se a borboleta do calix
De um lírio aos ares se ergueu,
Lembras-me, estrella dos valles,
Lírio do céu!

Se inda um affecto em mim vive
Entre os que mortos possuo,
Lembras-me, sonho que eu tive,
Lembras-me tu!



Os olhos fallam

A V. de C.

Pois se como sempre fomos,
Somos
Petalas da mesma flor,
E o que eu sinto, ou eu me illudo,
Tudo
Tambem sentes, gosto e dor ;

Que te arrasa os olhos de agua?
Magua
Em que eu não deva tocar?
Oh! mas se ha quem a suavize,
Dize,
Vou-lhe um suspiro levar.

Não se alcança, não se avista,
Dista
D'aqui muito a causa, ou não?
Dos teus olhos muito ; e pouco,
Louco,
Pouco do teu coração !



Sei o que vai em teu seio :
Cheio
De mal compensado amor,
Debalde os labios se calam ;
Fallam
Ainda os olhos melhor.



Thuribulo

Thuribulo suspenso
inda fluctuo
Em quanto a alma em incenso
restituo;

Mas quando, como fumo
que se esvai,
Minha alma, vás teu rumo...
sobe e vai!

Vai d'estas densas trevas,
d'esta cruz,
Levar-lhe... quanto levas,
pobre luz!

Amor que em mim não cabe,
vai depor
Em Deus; e Deus bem sabe
se era amor:



Se de outra flor o calix
mais libei
Por esses quantos valles
divaguei;

Se lampada tão linda
vi já mais,
Que me esquecesse ainda
de olhos taes!

Dos olhos meus se um pranto
só brotou,
Que o fogo d'esse encanto
não gerou!

Se um nome em igneo traço
li no céo,
Nas ondas e no espaço,
mais que o seu...

Se n'alma, Deus que fosse,
Pôde a sós
Vibrar-me voz mais doce,
Que essa voz!

Deus sabe se eu dos montes
vi tambem
Nos vastos horizontes
mais alguem;



Nos tristes e risinhos
dias meus,
Se alguém vi mais em sonhos,
que ella e Deus!

Porém quem é que apanha
o aéreo véo
Da nuvem da montanha,
se é do céo?

Se á terra a nuvem desce,
quando vai
Tocar-se-lhe, desfez-se
como um ai!

Mas breve — ao chão meu lodo!
e a ti, Senhor,
Minha alma; e a ella... ah! todo
o meu amor.



Tristezas

A Sebastião Formosinho

Na marcha da vida
Que vai a voar
Por esta descida
Caminho do mar,

Caminho da morte
Que me ha de arrancar
O grito mais forte
Que eu posso exhalar;

O ai da partida
Da patria, do lar,
Dos meus e da vida,
Da terra e do ar;

Já perto da onda
Que me ha de tragar,
Embora se esconda
No fundo do mar;



De noite e de dia
Me alveja no ar
O fumo que eu via
Subir do meu lar!

Que sonhos doirados
Me estão a lembrar!
Mas tempos passados
Não podem voltar!

Carreira da vida,
Que vás a voar
Por esta descida,
Vai mais de vagar;

Que eu vou d'este mundo,
Talvez, descansar,
E nunca do fundo
Dos mares voltar!...



Agora!

A luz que dá o teu rosto
É a luz da madrugada,
Mas vi-a quasi ao sol-posto
De uma vida amargurada...
Tão tarde vi o teu rosto!

Oh! se na manhã da vida
Me raia logo essa aurora,
Quanta folha e flor cahida
Me embellezara inda agora
O triste arbusto da vida!

Mas andei sempre ás escuras...
Por onde nem se loriga
Luz de estrella nas alturas,
Quanto mais em face amiga...
Eu andei sempre ás escuras!



E agora vendo a beleza
D'essa luz que me allumia,
Não sei se a minha tristeza
É mais que a minha alegria...
Vendo agora essa beleza!

(Musica de Miguel Angelo.)



Estrella

Estrella que me nasceste
Quando a vista mal te alcança
N'essa abobada celeste,
Onde a nossa alma descança
A sua ultima esperança...
 Estrella que me nasceste
 Quando a vista mal te alcança!

Antes nascestes mais cedo,
Estrella da madrugada!
E não já noite cerrada...
Que até no céu mette medo
Ver essa estrella isolada...
 Antes nascestes mais cedo,
 Estrella da madrugada!



Fragmento

A Guimarães Fonseca

Vejo em sonhos vaporosos
Uma imagem fugitiva
De uns olhos tão saudosos
Que me captiva!

Captiva-me aquella graça
De um coração maguado
A ponto que me não passa
Mesmo accordado!

Formam aquelles cabellos
De um vago reflexo louro
Mais esplendidos novelos
Que as nuvens de ouro!

Aquelles pés são de prata,
E aquella corpo indolente
É um quadro que arrebatava
De encanto a gente!



Aquelles labios intentam
Fingir um sorriso, enquanto
Duas lagrimas rebentam
De intimo pranto!

E cada lagrima fórma
Como uma estrella cadente
Que no collo se transforma
Subitamente...

.....



Modinha

Ah se eu fosse borboleta,
Violeta!
Por quem ao sol derretera
As minhas azas de cera
E ouro em pó?

Ah! se eu fosse borboleta,
Violeta,
Deixaria a rosa e a dhalia,
Nuvens, bosques, céu de Italia,
Por ti só.



Desalento

Ao dr. F. Ferraz de Macedo

Trago uma scisma commigo:
Não torna o meu terno amigo!
Triste de mim, que farei!
Cabello, já te não ligo...
Nunca mais te ligarei!

Lá se finou em Castella...
Vêde que desgraça aquella!
Ou lá m'ó detém el-rei!
Toucas da Serra da Estrella,
Já nunca mais vos porei!

Se um ar alegre assemelho,
Ai amigas, sem conselho,
Nem juizo, que farei!
Já me não assomo ao espelho...
Nem jámais me assomarei!



Ricas prendas! Todas ellas
Me deu elle; sim, donzellas,
Que não vol-o negarei!
Ah meu cinto de fivelas,
Nunca mais te cingirei!

(Retoque da lyrica 505 do *Cancioneiro da Vaticana*.)



Ella

A Theophilo Braga

Às vezes trémula, inquieta,
Como a luz de uma estrellinha,
Vou enconral-a sósinha
N'um calix de violeta:
 Se os anjos choram de encanto,
 Deve assim ser o seu pranto!

Que vezes a não admiro
A exhalar-se da rosa,
Como de bocca formosa
Se exhala mudo suspiro!
 Então a sua existencia
 Não passa de pura essencia.

Oiço-lhe em noites serenas,
E noites tempestuosas,
Ao longe vozes saudosas,
Que parecem ais apenas:
 Não sei que linguagem falla
 Ou que suspiros exhala...



Quantas vezes ao sol-posto,
N'aquellas nuvens doiradas,
Lhe estou a ver desmanchadas
As tranças por sobre o rosto!
Fica-me a alma suspensa
D'aquella abobada immensa!

Mas quanto mais admiravel,
Quando tudo em si resume:
Quando é orvalho e perfume,
Mysterio e luz ineffavel!...
É não me fatar de a ver
Em fôrma de anjo... ou mulher!



Encanto

Meus olhos sempre inquietos
Que posso até dizer
Só acham n'alma objectos
Que os possam entreter;

Meus olhos, coisa rara!
Porque não de em ti parar
Como a corrente pára
Em encontrando o mar!?

E penso n'isto, scismo...
Mas é tão natural
Cahir-se no abysmo
De uma belleza tal!

Olhei, foi indiscreta
A vista que te puz;
A pobre borboleta
Viu luz, cahiu na luz!



Uma atracção mais forte
Que toda a reflexão
(É fado, é sina, é sorte)
Me arrasta o coração!



Deliciosa cruz

Luz de intima influencia,
Oh fugitiva luz,
Luz cuja eterna ausencia
É minha eterna cruz!

Podessem-te, ainda antes
Do meu extremo adeus,
Meus olhos fluctuantes
Ver lampejar nos céos!

Se ainda n'esse espaço,
Tão longe onde tu vás,
Visse um reflexo baço
Da pura luz que dás,

Tornaram-se-me em estrellas
As lagrimas de dor!
E lagrimas são ellas...
Sim, lagrimas de amor!



Vê n'esse espaço immenso
Os astros como estão,
Bem como eu estou suspenso
Por intima atracção!

Porque ha quem os attraia:
É essa eterna paz,
Que a mim de praia em praia
A suspirar me traz!

Converte-me este inferno
Em azulado céo,
Ou quebra o laço eterno
Que a tua luz me deu!

Ou antes, muda em espuma
De nunca estavel mar
Esta alma, que alma alguma
Póde exceder em amar!

Em cinza, em terra, em nada
Meu ser converte, ó luz!
Mas sempre, sempre amada,
Deliciosa cruz!



A * * *

Mal sabes, é certo,
Quem traça estas linhas,
Nem tu adivinhas,
Nem eu t'o direi.
Mas desde que ha pouco
Te vi á janella...
Supponho-te a estrella
Que me ha de guiar!
E um dia, se a sorte
Que a mim me persegue,
Quizer que eu socegue
Jámais uma vez,
Será permittindo
Que instantes ditosos
Meus olhos saudosos
Descancem em ti.

Pergunta-me agora
O premio que espero!
Elle é tão sincero
Tão puro este amor,
Que mais do que a ver-te
Se acaso aspirasse,
Seria essa face
Beijar e... morrer!



Duvida

Amas-me a mim? Perdoa,
É impossível! Não,
Não ha quem se condoa
Da minha solidão.

Como podia eu, triste,
Ah! inspirar-te amor
Um dia que me viste,
Se é que me viste... flor!

Tu, bella, fresca e linda
Como a aurora, ou mais
Do que a aurora ainda,
Mal ouves os meus ais!

Mal ouves, porque as aves
Só soltam de manhã
Seus canticos suaves;
E tu és sua irmã!



De noite apenas trina
O triste rouxinol:
Toda a mais ave inclina
O collo ao pôr do sol.

Porquê? porque é ditosa!
Porquê? porque é feliz!
E a que sorri a rosa?
Ao mesmo a que sorrís...

Á luz doirada e pura
Do astro creador:
Á noite, não, que é escura,
Causa-lhe a ella horror.

Ora, uma nuvem negra,
Uma pesada cruz,
Uma alma que se alegre
Só quando vê a luz

De que elle, o sol, inunda
O mar, quando se põe,
Imagem moribunda
De um coração que foi...

Uma alma semelhante
Não póde captivar
Um rosto tão galante,
Um tão galante olhar!



E eu vi os caracteres
Que a tua mão traçou;
Mas vós... ah! vós, mulheres,
Quem já vos decifrou!

Mal te sustinha o pulso
A delicada mão;
Sentia-te convulso
Bater o coração;

Via-te arfar o seio...
Corar... mudar de eôr...
E embora, ah! não, não creio...
Tu não me tens amor!



Cantigas

A João de Menezes

Quando vejo a minha amada
Parece que o sol nasceu ;
Cantae, cantae alvorada
Oh avesinhas do céu.

N'essas aguas do Mondego
Se póde a gente mirar,
Ellas procuram socego...
E vão caminho do mar.

A rosa que tu me deste
Peguei-lhe, mudou de côr ;
Tornou-se de azul-celeste
Como o céu do nosso amor.

Não me falles da janella,
Que te não oiço da rua ;
Falla-me de alguma estrella,
Que te vou ouvir da lua.



Dizes que a letra não deve
Ser nunca tão miudinha ;
Mas grada ou miuda escreve,
Que o coração adivinha.

Não digas que me não amas
A ver se tenho ciume ;
Os laços do amor são chammas,
E não se brinca com lume.

A virgem dos meus amores
Sobresáe entre as mais bellas :
É como a rosa entre flores,
É como o sol entre estrellas.

Eu zombo de sol e chuva,
Noite e dia, terra e mar ;
Ais de uma pobre viuva,
Se os oiço, dá-me em chorar.

A sombra da nuvem passa
Depressa pela seara ;
Mas a nuvem da desgraça
Já de mim se não separa.

Eu bem sei qual é a tinta
Que dás ás faces mimosas ;
É o carmim com que pinta
Deus nosso Senhor as rosas.



Quando eu era pequenino
Que chorava a bom chorar,
A mãe beijava o menino,
No beijo se ia o pezar.

Nunca os beijos que te dei
Me venham ao pensamento...
Correi lagrimas, correi
Para o mar do sofrimento.

Faça Deus maior o mundo,
Terra, mar e céu maior,
Não faz nada tão profundo,
Tão vasto como este amor.

Se tua mãe te vigia
Faz tua mãe muito bem ;
Com joias de tal valia
Não ha fiar em ninguem.

Na alma já não me assoma
Aquella antiga visão ;
A rosa perdeu o aroma
A luz perdeu o clarão.



Anceio

A Emygdio Monteiro

Oh quem me dera embalado
N'esse berço vaporoso,
Nuvens do céu azulado...
Onde os meus olhos repouso
Já de tanto olhar caçado!

De tanto olhar á procura
De um bem que o fosse devéras;
De uma paz, de uma ventura
D'essas venturas sinceras,
Se as pode haver sem mistura.

Mas ha, sem duvida: creio
N'este desejo entranhavel!
Ha de haver um rosto, um seio
De amor e goso ineffavel
D'onde mesmo este amor veiu!



Este amor que a vós me prende,
Nuvens do céu azulado!
E a vós, lampadas, que accende
Depois do sol apagado
Quem... de Quem tudo depende!



Amor mystico

A D. José III, Cardeal Patriarcha

Quando a minha alma nasceu
Para onde olhou primeiro,
E viu tudo um nevoeiro,
Foi lá cima para o céu...
 Que a alma nunca lhe passa
De idéa a fonte da graça!

Em toda a ancia de luz,
Em toda a ancia de goso,
Sempre aquelle olhar ancioso
N'esse ideal de Jesus...
 N'esse bem que não se exprime...
Extase de amor sublime!

Olhava da solidão,
Onde se sentia presa,
Com a natural tristeza
Dos ferros de uma prisão...
 Á espera sempre da hora
Que lhe raiasse a aurora!



Bem a chamavam de cá
Sempre os cuidados do dia;
Ella, que nunca os ouvia,
Olhava, mas para lá...
D'onde ella mesma viera,
D'onde todo o bem se espera!

Um dia (nem eu sei qual,
Que em summa foi isso ha tanto!)
Vê com uns olhos de espanto
Romper-se a névoa geral;
E como um sol recortado
N'esse mar ennevoado...

E dentro d'esse clarão,
Como em circulo de prata,
Que imagem se lhe retrata,
Fosse verdade ou visão?
A mesma que ella apertava
Nos braços quando sonhava.

Mas a visão, em logar
De vir cahir-lhe nos braços,
Voa por esses espaços
Até já mal se avistar...
Indo assim a luz mingando
E indo-se a névoa cerrando!

2963



E hoje a minha alma, não sei
Se n'essa névoa cerrada
Vê tal visão embrulhada
Ou nem já vestígios vê...

Sei que se ainda me anima,
É de olhos fitos lá cima.



Não sentes no coração?

— Donzella, vou dar-te a flor
Das flores do meu jardim!

«Sim?

— Symbolisa, diz: Amor;

Côr

Como a tua, vês? Assim?

«Ai, dize, dize-me lá,
É rosa, é cravo essa tal?

— Qual?

«É amor perfeito? — Será.

«Ah,

Conheço essa flor tão mal.

— Pois olha, não vês, além
Balouçar debil botão?

«Não!

— Aqui, não sentes, vês bem!

«Quem?

— Não sentes no coração?...



ODES E CANÇÕES

Adoração

A Fernando Leal

Vi o teu rosto lindo,
Esse rosto sem par;
Contemplei-o de longe mudo e quedo,
Como quem volta de aspero degredo
E vê ao ar subindo
O fumo do seu lar!

Vi esse olhar tocante,
De um fluido sem igual;
Suave como lampada sagrada,
Bemvindo como a luz da madrugada
Que rompe ao navegante
Depois do temporal!



Vi esse corpo de ave,
Que parece que vae
Levado como o sol ou como a lua
Sem encontrar belleza igual á sua;
Magestoso e suave,
Que surprehende e attrae!

Attrae, e não me atrevo
A contemplal-o bem;
Porque espalha o teu rosto uma luz santa,
Uma luz que me prende e que me encanta
N'aquelle santo enlevo
De um filho em sua mãe!

Tremo, apenas presinto
A tua apparição;
E se me approximasse mais, bastava
Pôr os olhos nos teus, ajoelhava!
Não é amor que eu sinto,
É uma adoração!

Que as azas providentes
Do anjo tutelar
Te abriguem sempre á sua sombra pura!
A mim basta-me só esta ventura
De ver que me consentes
Olhar de longe... olhar!



Encanto

Passavas como rainha,
E eu, que andava como morto,
Parece que me sustinha
No ar em extase, absorto...
É ella, dizia eu,
A minha estrella do céu!

Passavas lançando em torno,
Como a lua em noite amena,
Aquelle olhar doce e morno
Que me dava gosto e pena...
Pena de não ser só meu
Esse reflexo do céu!

Mal sabes como em nossa alma,
Á luz de uns olhos que attraem,
A tempestade se acalma
E as nuvens negras se esvaem!
Como a luz de um olhar teu
É uma benção do céu!



De tal maneira me encanta,
Que até andei, por exemplo,
Comtigo a Semana santa,
Sem saber, de templo em templo...

Depois é que me ocorreu
Que esse olhar era do céu!

N'esse traje austero e grave,
Toda de preto, era um gosto
Ver não sei que luz suave
A banhar-te as mãos e o rosto...

Era a luz, supponho eu,
Que banha os anjos do céu!

Se um dia, estrella dos Magos,
Me abandonares na vida,
Deixa-me uns reflexos vagos
Como de estrella cahida...

Ao menos verei no céu
Rasto da estrella que ardeu!



Alma perdida

A Luiz Guimarães

Deus cria as almas aos pares;
Cada um dos seus olhares
É um casal que voou:
Às vezes cruzam nos ares
Essas pombinhas o vôo...
Mas Deus criou-as aos pares!

Partindo juntas de um ponto
Cuidam também que de prompto
Se tornam a ajuntar;
Mas andam almas sem conto
No mundo á busca de par...
Partindo juntas de um ponto!

A minha irmã, não sei d'ella!
Ao avistar, de uma estrella,
Um filho ao collo da mãe...
Uma graça como aquella,
Só contemplando-se bem...
E a minha irmã não sei d'ella!



Levado d'aquelle encanto
Pelo affecto mais santo
E mais profundo que lia,
Não me lembrou se entretanto
Minha irmã ficava lá...
Levado d'aquelle encanto!

Pobre de uma alma perdida
Da sua irmã n'esta vida,
Que é um continuo gemer!
É uma noite comprida
Sem nunca lhe amanhecer...
Pobre de uma alma perdida!

Ainda quem sempre espera
Achar a alma sincera
Que Deus lhe deu por irmã...
Talvez ache a companheira,
Por quem suspira, amanhã...
Feliz de quem sempre espera!



Foges?

Mulher, foges-me? espera!
Eu nunca te fiz mal!
Tu és a primavera
D'este profundo valle!
A ti que te afugenta?
A dor que me atormenta?
Mas essa dor augmenta
Uma affeição leal!

Aqui não raia o dia,
Aqui não raia a luz;
Tu és quem me allivia
O peso d'esta cruz:
E se é do meu desgosto
Que afastas o teu rosto,
Nunca te houvesse eu posto
Os olhos como puz!



Nunca tivesse eu visto
Em vida esse olhar teu,
Bello como o do Christo
Olhando para o céo;
Terno como a saudade
Da pallida orphandade
Scismando na piedade
Que em sua mãe perdeu!



Deixa!

Deixa que ao romper de alva o cravo, abrindo,
 À rosa envie o aroma;
E lá quando alta noite a lua assoma,
 O rouxinol carpindo!

Que pela face a lagrima resvale
 De quem no exílio geme;
E quando a propria sombra o homem teme,
 Que a mãe seu filho embale!

Deixa que ao espaço immenso os olhos lance
 O sol antes que expire;
Que pelo norte a bússola suspire
 E n'elle só descanse!

Amam leões e tigres: não ha nada,
 Anjo! que a amor se esconda,
Beija a pomba o seu par, e abraça a onda
 A rocha inanimada!



Deixa que a luz celeste banhe a rosa,
Que a rosa o céu perfume,
E a gotta que do seio a flor resume
O sol demande anciosa!

Deixa que a nuvem negra tolde a lua,
Se a leva a tempestade!
Deixa que eu te ame a ti, cara metade
D'esta alma toda tua!



Amor

A João Vilhena

Amo-te muito, muito!
Reluz-me o paraíso
N'um teu olhar fortuito,
N'um teu fugaz sorriso!

Quando em silencio finges
Que um beijo foi furtado,
E o rosto desmaiado
De côr de rosa tinges,

Dir-se-ha que a rosa deve
Assim ficar com pejo
Quando a furtar-lhe um beijo
O zephyro se atreve!

E ás vezes que te assalta
Não sei que idéa, joven,
Que o rosto se te esmalta
De lagrimas que chovem;



Que fogo é que em ti lavra
E as forças te anniquila,
Que choras, mas tranquilla,
E nem uma palavra?...

Oh! se essa mudez tua
É como a que eu conservo
Lá quando á noite observo
O que no céo fluctua;

Ou quando á luz que adoro,
Ás horas do infinito,
Nas rochas de granito
Os braços cruzo e choro;

Amamo-nos! Não cabe
Em nossa pobre lingua
O que a alma sente, á mingua
De voz... que só Deus sabe!



Paixão

Suppõe que de uma praia, rocha ou monte,
Com essa vista embaceada e turva
Que dá aos olhos entranhavel dor,
Tinhas podido ver transpor a curva
Pouco a pouco do liquido horizonte
A barca saudosa que levasse
Aquelle a quem primeiro uniste a face
E o teu primeiro amor!

Depois, que toda magua e saudade,
Da mesma rocha ou alcantil deserto,
Olhando avidamente para o mar...
Vias na solitaria immensidade
Vagas ficções de um pensamento incerto
Surgir das ondas, desfazer-se em espuma,
Não alvejando nunca vela alguma...
E sempre a suspirar!



Até que á luz de uma intuição sublime
De alma arrancavas o gemido extremo
De saudade, desespero e dor!...
Pois é assim que eu soffro, assim que eu gemo,
Que nuvem negra o coração me opprime,
Nuvem de magua, nuvem de ciume,
Em te não vendo á hora do costume...
Meu anjo e meu amor!



Descalça!

A João de Oliveira Ramos

Quem és, que ao ver-te o coração suspira
E em puro amor desfaz-se?
Raio crepuscular do sol que nasce,
De lampada que expira?

Como os teus pés são lindos! Como é doce
A curva do teu peito!
Oh! se o meu coração fosse o teu leito,
E o teu amado eu fosse!

Que preciosas perolas descobre
Teu meigo, humido labio!
E, virgem! como Deus foi justo e sabio
Em te fazer tão pobre!

Não tens fofa velludo onde se atole
Tua angelica imagem;
Mas quando é bello o céu, bella a paisagem?
E quando é bello o sol?



Limpo de nuvens, nu, derrete a neve,
E a aguia até desmaia!
Tu não tens mais do que uma pobre saia,
E essa, curtinha e leve:

Onde o corpo te alteia, a saia avulta;
Onde te abaixa, desce...
Ês como a rosa; a rosa nasce e cresce,
Não para estar occulta...

A ti pois que te falta? Os teus desejos
Quaes são? de que precisas?
Ah! não ser eu o marmore que pisas...
Calçava-te de beijos!



Beatriz

Tu és o cheiro que exhala
Ao ir-se abrindo uma flor!
Tu és o collo que embala
Suas premicias de amor!

Tu és um beijo materno!
Tu és um riso infantil,
Sol entre as nuvens do inverno,
Rosa entre as flores de abril!

Tu és a rosa de maio!
Tu és a flammula azul
Que atam á flecha do raio
As tempestades do sul!

Tu és a nuvem de agosto,
Meu alvo vello de lâ!
Tu és a luz do sol-posto,
Tu és a luz da manhã!



Tu és a tímida corça
Que mal se deixa avistar!
Tu és a trança que a força
Do vento leva no ar!

És a perola que salta
Do nível calix da flor!
És o aljofar que esmalta
Virgíneas rosas de amor!

És a roscira que a custo
Levanta as rosas do chão!
És a vergontea do arbusto,
Anjo do meu coração!

Tu és a água das fontes,
Tu és a espuma do mar!
Tu és o lírio dos montes,
Tu és a hostia do altar!...

És o pimpolho, és o gомmo,
És um renovo de amor!
Tu és o vedado pomo, ...
Tu és a minha Leonor!

Tu és a Laura que eu amo,
E a minha Taboa da Lei,
E a pomba que trouxe o ramo,
E a margarida que achei!



És o lírio, és a bonina
Dos valles do meu paiz!
És a minha Catharina!
És a minha Beatriz!



Anjo da Guarda

Quando a luz dos teus olhos contemplo,
Sinto a alma banhar-se-me em luz
Como aquella que espalha n'um templo
Uma lampada ao pé de uma cruz!

Sinto o que eu talvez nunca na infancia
Pude ao collo materno sentir!
Sinto Deus a mais curta distancia...
Sinto o que eu te não posso exprimir!

Vae-me a alma no vago delirio
De innocente que o somno enlevou
E assim como a essencia de um lirio
Voa ao céo, a minha alma voou.

Anjo meu tutelar! não me dizes
Porque fitas em mim esse olhar?...
Se ha no mundo quem ame infelizes,
És tu só, anjo meu tutelar!



Heresta

A José Falcão

— Que magua ou que receio
Dos olhos te desata
Esse collar de prata
No jaspe do teu seio ?

Bem intima ser deve
A pena que te opprime,
Flor tenra como o vime
E pura como a neve !

«Compunge-te isso, doe-te
Ver esmaltar o calix
Da erma flor dos valles
O balsamo da noite ?

Se aos olhos nos affluem
As lagrimas parece
Que a dor nos adormece,
E as maguas diminuem.



— Heresta ! pois inclina
Na minha a tua face,
Deixa que me repasse
Teu balsamo, bonina !

Abraça-me, divide
Commigo esse consolo !
Enlaça-te ao meu collo
Como ao olmeiro a vide !

Às vezes tambem quando
Os olhos se me estendem
Às luzes que se accendem
No templo venerando ;

Tão intima saudade,
Tão intimo desejo
De um mundo que não vejo,
Me inspira a immensidade,

Que o pranto se agglomera
Na palpebra onde morre...
Sim, gela-se, não corre,
Tal é a dor que o gera !

«É Deus que a si te aspira,
É Deus que ao céu te chama ;
Que em tudo amor derrama,
A tudo amor inspira !



Canta-o o Justo, o Santo!
E a flor que o campo adorne
Thuribulo se torne
Ouvindo o doce canto.

— Inspira-o pois, inspira,
Virgem de intacto pejo!
Seja um teu riso o arpejo,
E um teu cabelo a lyra!

«O sol já da montanha
Nos disse adeus! adeus!
E a cupula dos céos
Ficou pallida e estranha.

E aquella que a bondade
De Deus em si reflecte,
Em quanto ao sol compete
Mostrar-Lhe a magestade,

Á luz extrema de hoje
Ergueu livida a face
Com medo que avistasse
Quem busca, e de quem foge!...

Fluxo e refluxo eterno
De alma contradictoria,
Que após continua gloria
Anda em continuo inferno!



Poeta! é copia tua,
Supplicio igual te inquieta!
Mas que alma de poeta
Teu seio arqueia, oh lua?

Amor! amor como este,
Visão tímida e casta,
Em giro eterno arrasta
A lampada celeste!

Como esse que a deshoras
A ti te ergue a cabeça
E aos ermos te arremessa
Em busca do que adoras.

Mas ah! pallido globo!
É pio de ave nocturna?
Ecco em alguma furna
Do uivo de algum lobo?

Oiço uma voz... escuta:
É ella a voz que se ouve,
Ou monge que inda louve
A Deus de alguma gruta!

Quem lá em baixo á escarpa
De um ingreme penedo
No tremulo arvoredo
Entorna os sons de uma harpa?



— É ella a minha Heresta,
A minha branca ermida
Do ermo d'esta vida
Mais erma que a floresta ?

Ah vulto meu querido !
A que ergue ella o seu braço ?
És tu ? . . . Vae, cruza o espaço,
Minha alma, n'um gemido !

Tu, lua, que no valle
De Aialon paraste,
Já viste em sua haste
Suspenso lirio egual ?

Não é, não é mais bella
A rosa entre os abrolhos,
Nem ha como os seus olhos
No céo nenhuma estrella !

E á luz de uma alvorada
Apenas desabrocha,
Nos angulos da rocha
Vel-a despedaçada !

Vós, lobos ! ide em bando,
Trepae pelo rochedo,
Uivae, mettei-lhe medo,
Levae-a recuando !



Que faz quem se aproxima
De um precipicio, diz'-m'o?
Que buscas tu no abysmo
Se o céo é lá em cima?...

«Não tarda muito, creio,
Que acabe esta ancia nossa,
E Deus unir-nos possa
No seu eterno seio!

É lá que a alma falla,
Lá que o amor se mede,
Que em brilho o sol excede,
E em gloria a Deus eguala!

Na nuvem do futuro
Teus vagos olhos prega!
Depois de noite negra
Vem sempre um céo mais puro!»

E agora se o desejo
Te satisfiz, em premio
De um canto de alma gemeo,
Um gemeo e doce beijo!



Fascinação

Cae a folha da rosa pudibunda,
Cae a rosa da face virginal,
Cae das nuvens a aguia moribunda,
Cae o sol na montanha occidental;

Cae a onda na praia; cae do somno
O poeta na luz; e cae das mãos
Dos despotas o sceptro, elles do throno,
Como a seus pés cahiram seus irmãos!

Cae dos labios o riso; cae dos olhos
A lagrima tambem que de alma sae;
Cae a rocha no mar, cae nos abrolhos
A flor de liz; do loiro a folha cae;

Cae do céo a centelha incendiaria,
A nuvem cae se um sopro Deus lhe dá,
Cae ante o dia e a noite solitaria,
Como o falso Dagon ante Jehovah;



Cae tudo, flor! cae tudo; eu só não caio:
Mais do que um rei, que o sol, igual a Deus...
Cahir, mulher! só posso á luz de um raio,
Se elle cahir do céo dos olhos teus!



A um retrato

Amo-te, flor! Se te amo, Deus que o sabe
Que o diga a teus irmãos, que o céu povoam
E ebríos de gloria canticos entoam
A quem no mar, na terra e céos não cabe.

Se te amo, flor! que o diga o mar que expelle
Quanto é dominio, e beija humilde a praia...
Se mal que a lua lá das ondas saia
Nas rochas me não vê gemer com elle!

Amo-te, flor! Se te amo, o sol que o diga:
Quando lá da montanha aos céos se eleva,
Se entre os vermes do pó, que o vento leva,
Me banha a mim também na luz amiga.

Se te amo, flor? Sem ti... que noite escura,
Meu céu, meu campo em flor, meu dia e tudo!
Diga-te a noite minha se te illudo,
Se em vida já sem ti sonhei ventura!



O anjo que no berço humilde e escasso
Do céu me veio alumiar piedoso
E em lagrimas e riso, pranto e goso,
Desde então me acompanha passo a passo ;

És tu ! Amo-te e muito ! O que fluctua
Na fornalha que o sopro eterno accende,
Não beija a mão do anjo que o suspende
Com mais amor que eu beijo a sombra tua !



Espera!

Uivaria de amor a fera bruta
Que pela grenha te sentisse a mão;
E eu não sou fera, pomba! espera, escuta;
Eu tenho coração!

Não é mais preto o ebano, que as tranças
Que adornam o teu collo seductor!
Ai não me fujas, pomba! que me canças!
Não fujas, meu amor!

A mim nasceu-me o sol, rompeu-me o dia
Da noite escura de olhos taes, mulher!
Não me apagues a luz que me alumia,
Senão quando eu morrer!

Eu não te peço a ti que as mãos de neve,
Os dedos afusados d'essas mãos,
Me toquem estas minhas nem de leve...
Seriam rogos vãos!



Não te peço que os lábios nacarados
Me deixem esses dentes alvejar,
Trocando, n'um sorriso, os meus cuidados
Em extase sem par!

Mas uivando de amor a bruta fera
Que pela grenha te sentisse a mão, . . .
Eu não sou fera, pomba! escuta, espera!
Eu tenho coração!



Adeus

Adeus tranças côr de oiro,
Adeus peito côr de neve!
Adeus cofre onde estar deve
Escondido o meu thesoiro!

Adeus bonina, adeus lirio
Do meu exilio de abrolhos!
Adeus, oh luz dos meus olhos
E meu tão doce martyrio!

Adeus meu amor perfeito,
Adeus thesoiro escondido,
E de guardado, perdido
No mais intimo do peito.

Desfeito sonho doirado,
Nuvem desfeita de incenso
Em quem dormindo só penso,
Em quem só penso acordado!



Visão sim, mas visão linda,
Sonho meu desvanecido !
Meu paraíso perdido
Que de longe adoro ainda !

Nuvem que ao sopro da aragem
Vooou nas azas de prata,
Mas no lago que a retrata
Deixou esculpida a imagem !

Rosa de amor desfolhada
Que n'alma deixou o aroma,
Como o deixa na redoma
Fina essencia evaporada !

Gotta de orvalho que o vento
Levou do calix das flores,
Curto abril dos meus amores,
Primavera de um momento !

Adeus sol, que me alumia
Pelas ondas do oceano
D'esta vida, d'este engano,
D'este sonho de um só dia !

No mesmo arbusto onde o ninho
Teceu a ave innocente,
Se volta a quadra inclemente,
Acha abrigo o passarinho ;



Mas eu n'esta soledade
Quando em meus sonhos te estreito
Rosto a rosto, peito a peito,
Acordo e acho a saudade!

Adeus pois morte! adeus vida!
Adeus infortunio e sorte!
Adeus estrella do norte!
Adeus bússola perdida!



Tristeza

Esse olhar silencioso
Em que lingua se traduz?
Falla-me oh astro saudoso,
Luz do céo, pallida luz!
Que aereas visões me acordas,
Que imagem, lua, recordas
N'essa prateada côr?
Que ha em ti que a dor mitiga,
Que ha em ti, lampada amiga,
De meigo e consolador?

Eseuta, pallida lua,
Dá-me um sorriso dos teus,
Dá-me uma lagrima tua,
Se és a pupilla de Deus!
Vê que outros mimos não tenho,
Que em tua face desenho
A face do meu amor:
Uma só lagrima! fria
Que ella me caia, diria
Que uma lagrima cahia
Do céo ao menos na dor!



Toma esse véo por encosto
Da face, tua gentil;
Vae, nuvem, pouza em seu rosto,
Dá-lhe graça ás graças mil;
Quebra-lhe a marcha tranquilla
Oscille, ondeie, como oscilla,
Virgineo olhar d'entre o véo;
Seja sombra a imagem bella
Sombra impalpavel como ella,
Como vós, nuvens do céu!

Trémula, assim vacilante
Como és linda, oh lua, assim!
Lembras-me em veste fluctuante
Crystallino cherubim!
Virgem que os mimos de neve
Em lago d'azul se atreve
A mostrar casta e louçã!
Lembras-me ella, que sonhando,
Nos olhos de quando em quando
Reflecte a luz da manhã!

Ai, pára luz da saudade,
Ai, pára, oh Lua tem dó!
Não me deixes por piedade,
Não me deixes triste e só.
D'esta luz este ermo aclara,



N'estas lagrimas repara
Que ha ondas, que ha mar tambem!
Não fujas, doce companha,
Ai pára sobre a montanha,
Sobre a montanha de além.



No tumulto

Vae-se a tarde despedindo,
Vae fugindo,
Vae levando a luz do céu...
Vem-se a noite approximando,
Desdobrando
Desdobrando o negro véo.

Horas são. Desce oh mysterio,
Vulto aereo,
Mysterio do meu amor!
Desce, desce, aerea sombra,
Não me assombra
Teu phantasma encantador.

Do sepulchro te desprende,
Surge, accende
Em minha alma vida e luz,
Vida e luz que em tempo ainda
Viva e linda
Me juraste por Jesus!



Morta mesmo, nada importa,
Se é que morta,
Tua alma não jaz aqui...
Morta mesmo, ah vem sorrir-me
Repetir-me:
«Não me esqueço, não, de ti!»

Vem dizer-me: «Falsas juras,
Vãs, perjuras
Nunca em vida te jurei;
Que meus cantos, meus sorrisos,
Prantos, risos,
Noites, dias, te votei.»

Vem dizer-me: «Se contigo,
Terno amigo,
Meus sonhos sonhei em vão,
Só por ti senti que a morte
D'esta sorte
Me gelasse o coração!»

Mas não digas, não, mysterio...
Vulto aereo,
Mysterio do meu amor!
Não desças, aerea sombra,
Que me assombra
Teu phantasma assustador.



N'um convento

Como a agua em funda gruta
Gotta a gotta filtra e cae,
Sem saber quem isso escuta,
O que lá por dentro vae ;

Como ao longe incerta e baça
N'uma igreja alveja a luz,
Que da lampada esvoaça
E a vidraça reproduz ;

Mal te vi, moira encantada !
Mas á luz dos olhos teus
Murcha a lampada sagrada
De um altar do nosso Deus.

Mal te ouvi, mas as suaves
Melodias, que te ouvi,
São mais doces que as das aves
Da aldeia ondê nasci !



Que eu nem preso ao menos viva
Onde a sorte te escondeu,
Preso a ti, linda captiva,
Se inda é livre um escravo teu!

Anjo! os cofres do thesoiro
Com que ha muito sonho em vão,
Li eu n'alma em lettras de oiro
Que os tens tu no coração!

Quem teve, bella captiva,
Coração de te deixar
Aqui enterrada viva,
Sem amor, sem luz, sem ar?

Era cego e surdo, juro,
O miseravel algoz
Que não viu olhar tão puro,
Não ouviu tão pura voz!

Eu, não tendo a faculdade
De arrastar esta prisão,
Sacrifico a liberdade
A tão doce escravidão!

•



Sol do meu dia

Se eu fosse nuvem tinha immensa magua
Não te servindo de azas maternas
Que te pudessem abrigar da agua
 Que chovesse das mais !

E sendo eu onda, tinha magua summa
Não te podendo a ti, mulher, levar
De praia em praia sobre a alva espuma,
 Sem nunca te molhar !

E sendo aragem eu, que pela face
Te roçasse de rijo alguma vez
Que o Senhor com mais fôrça respirasse...
 Que magua immensa... Vês ?

E a luz do teu olhar que me não luza
Um rapido momento a mim sequer,
Como a aguia no ar, que passa e cruza
 A terra sem na ver !



Mas que me importa a mim! Se me esmagasses
Um dia aos pés o coração a mim,
As vozes que lhe ouviras, se escutasses,
Era o teu nome... sim;

O teu nome gemido docemente,
Com toda a fé de um martyr em Jesus,
Se acaso já em Christo pôz um crente
A fé que eu em ti puz!

A fé, mais o amor! Porque elle expira
Sem que a ninguem lhe estale o coração;
E eu, se essa luz dos olhos me fugira,
Sobrevivia? Não.

Assim como em ti vivo, morreria
Tambem contigo, se uma vez (que horror!)
Te visse pôr, oh sol!... sol do meu dia!
Astro do meu amor!



Não!

Tenho-te muito amor,
E amas-me muito, creio;
Mas ouve-me, receio
Tornar-te desgraçada:
O homem, minha amada,
Não perde nada, gosa;
Mas a mulher é rosa...
Sim, a mulher é flor!

Ora e a flor, vê tu
No que ella se resume...
Faltando-lhe o perfume,
Que é a essencia d'ella,
A mais viçosa e bella
Vê-a a gente e... basta.
Sê sempre, sempre, casta!
Terás quanto possuo!



Terás, em quanto a mim
Me alumiar teu rosto,
Uma alma toda gosto,
Enlevo, riso, encanto!
Depois terás meu pranto
Nas praias solitárias...
Ondas tumultuárias
De lágrimas sem fim!

À noite, que o pesar
Me arrebatou de casa,
Irei na campa rasa
Que resguardar teus ossos,
Ah! recordando os nossos
Tão venturosos dias,
Fazer-te as cinzas frias
Ainda palpitar!

Mil beijos, doce bem,
Darei no pó sagrado,
Em que se houver tornado
Teu corpo tão galante!
Com pena, minha amante,
De me não ter a morte
Cahido a mim em sorte...
Cahido a mim também!



Já exhalando os ais
Na lugubre morada
Te vejo a sombra amada
Sair da sepultura...
A tua imagem pura,
Fiel, mas illusoria...
Gravada na memoria
Em traços tão leaes!

Então, se ainda alli
Teus vaporosos braços
Me podem dar abraços
Como dão hoje em dia,
Peço-te, sombra fria,
No mais intimo d'elles
Que a mim tambem me geles,
E fique ao pé de ti!

Mas ai! meu coração!
Tu porque assim te affliges,
E tremula diriges
A vista ao céu piedoso?
O quadro é horroroso,
A scena triste e feia,
Basta encerrar a idéa
De uma separação....



Mas ouve, existe Deus;
Ora e se Deus existe,
Tão horroroso e triste
Que podes temer? Nada!
Disfructa descansada
O extase, o enleio
Em que eu já saboreio
O jubilo dos céos!

Deixa-me n'esse olhar
Ver como a lua assoma...
Sim, deixa no aroma,
Que a tua bocca exhala,
Ver como a rosa falla
Quando a aurora a inspira...
Ver como a flor suspira
Por ver o sol raiar!

A morté para amor
É exito sublime;
A morte para o crime
É que é amarga e feia:
A morte não receia
O verdadeiro amante!
Por ella a cada instante
Implora elle o Senhor.



É juntos, tu verás,
Que nós expiraremos!
Sim, juntos que os extremos
Olhares cambiando,
Iremos despegando
Do involucro terreno
O espirito sereno
Como a eterna paz!

Vê, só porque suppuz
Chegado esse momento,
Já esse olhar mais lento,
As vistas mais serenas...
Bruxuleando apenas
Em languido desejo
Sympathico lampejo
De uma ineffavel luz!

Ha n'este triste valle
De lagrimas a imagem
De dois n'essa passagem
Para a eternidade:
A nevoa, a anciedade,
O jubilo que mata,
Dão uma idéa exacta
Do transito fatal.



Mas essa imagem, flor,
É tão fiel, tão viva
Que á sua luz activa
Se cresta a flor mimosa:
E nem o homem gosa;
Se gosa é um momento:
Depois... o desalento!
Depois... o desamor!



Innocencia

A Alberto Telles

Encolhe as azas, que te abrazas, louca!
O fogo mata a quem o gera, attende;
Foge e, se a vida te aborrece, estende
Um braço aos anjos, que a distancia é pouca.

Porque uma nuvem, onda transitoria
Do mar immenso, vem poisar na serra,
Não fica a nuvem pertencendo á terra:
Tu és o anjo que desceu da gloria.

Extranhas forças para ti me attraem;
E ás vezes cedo, tua cinta enleio,
Teus olhos beijo, mas contemplo o seio,
Tua alma dorme, e os meus braços caem...

Desfallecidos, flor celestial
Como ante um berço cae a foice erguida,
Se ha n'elle mais do que uma simples vida,
Se ha innocencia que mil vidas vale.



Oh! não: teus labios o meu fel não provem;
Outros os lirios d'essa face esmaguem;
De outros mãos impias teu sorriso apaguem
Emquanto os labios tuas graças louvem.

Já no meu berço de innocencia pude
Pesar as joias que hoje em vão te invejo:
Provei os favos de illibado pejo,
Sei o que perde quem o vicio illude.

Alcantil ingreme, onde o raio é certo,
Contém mais seiva, que inda o musgo cria:
Quanto de fertil em nossa alma havia,
Só deixa o ermo da saudade aberto!

Cahir no abysmo de intimos pesares
D'essas alturas onde mal te vejo,
O ponto estava em derreter n'um beijo
O fio de oiro que te prende aos ares.

N'esses dois cofres, n'esse collo, onde
Tantas riquezas enterrei ciumento
E que alta noite véla o pensamento
Pelo crystal que o coração te esconde,

Em oiro em barra, fina prata e quanto
Coalha o vasto e opulento Oriente,
Fôra em ruinas encontrar sómente
Carvão... se um dia te quebrasse o encanto!



Casta innocencia, de Deus filha e bella
Entre as mais bellas! virginal aroma!
Rosa ineffavel que, se à luz assoma,
Haste e raiz apodreceu com ella!

Sol que uma vez em nossa vida passas!
Flor que uma e neutra, como Deus, não gera;
Que se abre morre, mas sem prole, inteira
Com todo o coro das virgineas graças:

Ao ver-te, embora meu olhar te envia
O impio incenso de Nadab, ajoelho...
Rosa da face e, não só rosa, espelho
Da face occulta de quem espalha o dia!

Se por teus membros orvalhadas flores
Prodigas mãos da formosura entornam,
Flores mais bellas o teu seio adornam...
Vós, lirios de alma, virginaes amores!

O céu me encanta, como encanta o inferno:
Mysterio... espaço... mente exploradora!
Morre nas mãos o que a nossa alma adora
— Vago, impalpavel, infinito, eterno!



No Leito Nupcial

A Rodrigo Velloso

Dorme, estatua de neve,
Vergontea de marfim!
Tocar que impio se atreve
No que é sagrado assim?

Dois são: o mais, mysterio
Vedado á terra: Deus
Talvez do sólio ethereo
Nem baixe os olhos seus;

Respeita-os, tapa-os como
Japhet e Sem, o pae:
Pende, sagrado pomo!
A vista ergue-se e cae...

Ergue-se e cae conforme
A lei que o manda assim.
Ergue-se e... Dorme, dorme,
Vergontea de marfim!



Cerca-te o leito aereo
Delgado e raro véo;
E a extranhos... que mysterio,
Eburnea flor do céu!

Mas dize: o espelho a imagem
Te estampa mal te vê;
Beija-te o seio a aragem,
Doira-te o sol: porquê?...

Não segue acaso a sombra
Teu corpo sempre, flor?
E pois porque te assombra
Meu insensato amor?

Às vezes passas tremula
Como sagrada luz,
E os olhos dizem: vêmol-a
Como no alto a cruz!

Teu labio um dia aromas
No seio meu verteu,
E em sonho inda me assomas,
Doce visão do céu!

E quando a estrella treme
E a aurora abrindo vem,
Inda em ti pensa e geme
Por ti no mundo alguém.



Perdoa se isto exprime
Maldade aos olhos teus;
Perdoa-me se é crime...
Amo tambem a Deus.

E á tarde quando o albergue
No solitario valle
Incenso quecima e se ergue
De Abel o fumo egual;

Da pomba solta o vôo,
Baixa-me um olhar teu
E dize-me: Perdôo;
Sim, tudo aspira ao céo!

Em premio intima gotta
De ambar do coração,
De Deus se é digna dou-t'a
Em premio do perdão!

A mais não posso eu triste
Nunca aspirar, nem pude...
Vergontea, que partiste
As cordas do alahude!

Mas se inda o mel que vasa
Teu labio, flor! me ungisse
Ou penna da tua aza
Em minhas mãos cahisse,



A ave harmoniosa
No hombro poisar-me-ia
E assomar-se-ia a rosa
Ao nome de... Maria!



Amo-te

Amo-te a ti, e a Deus.
Teus sonhos são riquezas
Talvez e fasto; os meus,
És tu que me desprezas.

Deixal-o. Amor acaso
É racional? Não é.
O fogo em que me abraço
É como a luz da fé;

Que além de cega, apaga
O facho da razão.
Ama-se e não se indaga
Se se é amado ou não.

Amo-te, e o mais ignoro;
Mas os meus ternos ais
E as lágrimas que choro
Podem dizer o mais.



Que choro ; se te admira,
Nunca tiveste amor ;
Quem tem amor suspira,
E o suspirar é dor.

Ah ! quando abraço e beijo
O travesseiro, e assim
Acordo e te não vejo ;
Vejo-me só a mim ;

Não sei, mulher ! que aneio
Se me traduz n'um ai !
Confrange-se-me o seio,
Rebenta o pranto e cae.

Então se por encanto
Fallando em ti, mas só,
Todo banhado em pranto
Me visses, tinhas dó ;

Tinhas ; a piedade
É filha da mulher,
Que sempre quiz metade
De uma afflicção qualquer.

Havias ao teu rosto
De me apertar a mim,
De encher, fartar de gosto
Todo este abysmo, sim ;



Vós desprezaes embora
Culto e adoração
De quem vos ama ; agora
As dores, essas não !



Sol intimo

Os olhos sempre que os puz
Fitos no astro do dia
(Parece que se introduz
Tanta luz na phantasia...)
Sabem o que acontecia?
Fechava os olhos e via
Do mesmo modo essa luz.

Assim foi certa visão
Que tive por meus peccados!
Nunca uma breve impressão
Em meus olhos descuidados
Deu tamanhos resultados...
Que é vel-a de olhos fechados,
Ainda no coração!



Luz do céu

Que vos disse, meus olhos tentadores!
Disse-vos que se ha muito vos não sigo,
É porque nunca em vida achei abrigo
Senão dentro em mim mesmo ás proprias dores!

Nem um só de meus timidos olhares
Que não levasse um férvido gemido,
Mas que nunca podia ser ouvido
Da pomba que voava n'esses ares...

N'essas alturas onde tudo é brilho,
Harmonia, pureza, formosura;
Nas regiões da placida candura...
Tão distantes dos tramites que trilho;

Dos tramites onde ando taciturno,
Insensível, inerte, ouvindo a espaços
O ecco surdo de meus proprios passos
Como o voar de um passaro nocturno;



D'este carcere frio, escuro, immundo,
D'esta vida sem vida, esta cadeia
Onde uma vaga luz me bruxoleia
Como o pallido olhar de um moribundo !

Mas tu, oh luz do céu ! cheia de graça !
Tu cuja cinta meço a toda a hora,
Tu para mim és o listão da aurora
Que me encobre a montanha da desgraça :

Em te avistando ao longe, como eu pinto
Já de outra côr o céu ! Mal te oiço o vôo,
Como eu digo contente : eu te abençôo,
Oh dia em que nasci ! Eu amo ! eu sinto !



N'um album

Pedindo a dona uma poesia

Não me admira a mim que o sol, monarcha
De indisputavel throno, e throno eterno
 Em céu e terra e mar,
Que em seu imperio o mundo inteiro abarca,
Abaixe á pobre flor seu doce e terno,
 Mavioso olhar.

Não me admira a mim que a crystallina,
Tão pura, onda do mar que espelha a face
 Do astro creador,
Que essas asperas rochas cava e mina,
Á praia toda languida se abraçe
 E toda amor !

Mas sendo vós um sêr mais precioso
Do que onda e sol, — um anjo de poesia
 Inspirada (e que inspira . . .)
Que ás minhas mãos, das vossas, tão mimoso,
Delicado penhor descesse um dia,
 É que me admira.



Quizera nos meus cofres de poeta
Ter as riquezas todas do Oriente,
E com mãos liberaes
Expulsar esta duvida que inquieta
Um grato coração que apenas sente
E... nada mais!

De limpido diamante e fio de oiro,
Quizera-vos tecer collar que á aurora
Vencesse em brilho e côr;
Mas o poeta, o unico thesoiro
Que tem, ah! são as lagrimas que chora
E o seu amor!

Eu vol-o dou : e lá do espaço immenso
Se amada estrella olhar piedoso envia
A quem da terra a adora;
Se o sol aceita á flor humilde incenso,
Ha no amor tambem muita poesia...
Minha senhora!



Ultimo adeus

A Reis Damaso

Prestes, se ainda á rocha de granito
D'onde em tempo me vias te elevares,
Não olhes para a terra ou para os mares,
Olha sim para o céu, que é lá que habito.

Lá tão longe de ti, mas não do terno,
Bondoso Pae que os dois nos ha gerado,
Só para maguas não, que bem guardado
Nos tem tambem no céu prazer eterno.

Não se é só pó no fim de tanta magua!
Senão, diga-me alguém que allivio é este
Que sinto quando á abobada celeste
Alevanto os meus olhos rasos de agua!

Mentem os céos tambem?... Os céos maldigo!
Feras, tigres, tambem o céu povoam?
Tambem os labios lá sorrindo coam
Veneno desleal em beijo amigo?



Mas, na dor é que os astros nos sorriem,
E os homens não sorriem na desdita :
Astros ! fio-me em vós ! E Deus permitta
Que os infelizes sempre em vós se fiem.

Intima voz do fundo, bem do fundo
De alma me diz (e as lagrimas me saltam) :
Vês os milhões de soes que o espaço esmaltam ?
Pisa a terra a teus pés, ainda ha mais mundo ;

Ha depois d'esta vida ainda outra vida :
Não se reduz a nada um grão de areia,
E havia de a nossa alma, a nossa idéa
Nas ruínas do pó ficar perdida ?

— Isso que pensa e quer (até me admiro !),
Isso que a luz nos traz, que a luz nos leva,
Isso que me abre o céu, que ao céu me eleva
N'um teu cançado olhar, n'um teu suspiro !

Onde... não sei eu bem, mas sei que existe
Deus remunerador. Depois de mortos
Hemos de ver-nos, e um no outro absortos
Fartar de glorias este amor tão triste.

Tão triste ! (E o coração que me adivinha ?)
N'este supplicio nosso, este tormento
Nunca dos labios teus minimo alento
N'um só beijo bebi em vida minha !



E morro sem te ver! Cabeça douda,
Desasisado amor! Sonhar afflicto
Um sonho até morrer!... Não! resuscito;
Morto tenho eu vivido a vida toda!



Ventura

O sol na marcha luminosa voa
Lançando á terra magestoso olhar;
Passa cantando quem o ar povoa,
E a praia abraça venturoso o mar.

No bosque o vento doce canto entoa,
Ouvem-se em côro as multidões cantar:
Que a um só triste o coração lhe doa,
Que eu seja o unico a soffrer, penar!

Por ti, saudade... de quem vae tão perto
E a quem dos olhos e das mãos perdi
N'este tão ermo, lugubre deserto!

Por ti, ventura... que uma vez senti;
Por ti que ás vezes a meu peito aperto
E... o peito aperto sem te ver a ti!



Mal sabes

Mal sabes o que soffro n'um momento
De duvida ou ciuime; se soubesses,
Tão bem formado coração pareces
Que me não davas nunca esse tormento.

Despedi-me de ti, os labios rindo,
Mas estalando o coração, que em summa
Deus me livrasse a mim por fórma alguma,
De te nublar um dia o gesto lindo!

Que eu soffra, muito embora: o meu destino
Qual é senão soffrer a vida inteira?
Causa da tua lagrima primeira
É que nunca serei: não te amofino.

Quiz converter a terra em paraizo:
Vendo uma luz no céo, ergui o braço
A ver se a apanhava n'esse espaço...
Como faz a creança sem juizo!



Malmequer

Talvez em eu morrendo a teus ouvidos
Chegue a noticia, que hoje os factos voam,
E oiças então os intimos gemidos
Que exhalo e te não soam.

Talvez então, embora me não ames,
Com esses olhos humidos de fito
Na minha sombra : «Desgraçado ! (exclames ;)
Amava-me, acredito.

Levou a vida amando-me : que prova
Me podia alguem dar de mais ternura ?
Ingrata como eu era ! Abri-lhe a cova,
Cavei-lhe a sepultura !

Hei de regal-a de meu pranto. Julgo
Do meu dever agradecer-lhe agora !
Purificar-me em lagrimas ! O vulgo
Que me censure embora.



Hei de ir dispor um pé de saudade
Na terra onde elle descansou da lida;
Mostrar-lhe amor, mostrar-lhe piedade,
Que não mostrei em vida!»

Se fores, meu amor! uma perpetua,
E uma saudade ser-me-ia doce!
Mas só perpetua ou saudade aceito-a,
E um malmequer que fosse!



No Album

(De Nogueira Lima)

Tu não vês como as pombas se beijam,
Tu não vês como as nuvens se abraçam,
Tu não vês como as hieras se enlaçam
A ruínas e troncos, amor?
Que esses olhos tão meigos não vejam
O supplicio de Tantaló, ingrata,
Em que arrasto uma vida que mata,
Uma vida... que a morte é melhor!

Dá-me um beijo! Se o beijo que deres,
Te não der o prazer que supponho,
Sabe ao menos que eu mesmo não sonho
No céu gloria ou delicia maior.
É na face das bellas mulheres
Que eu só vejo o bom Deus retratado:
Que é o sol insensível ao lado
D'esses olhos de vivo esplendor?



Ciume

Rainha das mulheres
Te chamei eu um dia;
Recordas-te? Podia
Dizer-te ainda como
Ias então vestida.
Ai meu vedado pomo!
Sonho da minha vida!
Não me passou ainda
Nem passará jámais
Apparição tão linda,
Curvas tão ideaes!

O garbo, a magestade,
E a singeleza, a graça
De teu vestido côr
Da rouxa saudade
Ainda me não passa:
Que é d'elle, meu amor?!

A graça, o ar de arveola
De virgem vaporosa,
Que ao longe se adivinha,
De longe nos attrahe,



E quando se avizinha,
Quasi que a gente cae
Em muda adoração...
Que é senão essa auréola
Que cerca a formosura
— Mystica emanação
De uma alma ainda pura!

É esse um privilegio,
Que a gente não pratica
Jámais o sacrilegio
De attribuir em vão!
Uma divina graça
Que até nos santifica!
Um circulo, um clarão
Que banha a vista e passa
Da vista ao coração!

Eu vejo-te e sorrio,
Celeste creatura!
Que me enche de ventura
O coração vazio?

A rosa espalha em torno
Deliciosa essencia;
Tu, esse fluido morno
Que annulla esta distancia
Da nossa residencia!
Sinto-te a influencia
E aspiro-te a fragancia!



Não tinha o pobre monge
Dentro em sua alma o céu?
Assim também sou eu!
Não vae de aqui ao sol
Distancia immensa? Eu cuido
Que te irradia um fluido
Sympathico mais longe...

Á noite que o lençol,
N'este calor que vae,
Quando te deitas cae
Sobre o teu seio... eu sinto!
E sabes que não minto:
Oh! se pudesse ser...
Tu és mulher, presume
O que eu não sei dizer...
— Mordia-o de ciume...



Desdem

Dispensavas-me em tempo alguns olhares
Que eu escondia n'alma com receio
De que alguém suspeitasse o meu thesoiro:
Trazia-os mais guardados no meu seio,
Do que tu ao pescoço as joias de oiro!

Quantas vezes ungi os meus pesares,
E alliviei o coração magoado
N'essas caras memorias, recordando
As circumstancias minimas de quando
Este ou aquellê olhar me era lançado!

Agora tu desprezas-me, porquê...
Um amor ideal é sempre futil!
N'essas rasgadas palpebras apenas
Contemplo hoje as lampadas serenas
De um santuario funebre... Expirei
Para o teu coração como ente inutil!...
.....

A que nivel moral não desce a gente,
Alma filha de Deus, n'este ambiente!



Olhar

A Luciano Cordeiro

Tenho, mulher, um unico desejo
Que não faz mal dizer: quando te vejo
Dá-me vontade logo de agarrar-te
E ir depois esconder-te n'uma parte
 (Na terra não, nos céos!)
Que ninguem mais soubesse senão Deus.

Ahi, desenrolar-te as loiras tranças;
E contemplando-te esse olhar que lanças
— Olhar que não ha balsamo que lave
Chagas do coração, puro, suave,
 Doce como elle é —
Sim, contemplando-o, ajoelhar-me ao pé;

E dizer-te: Mulher! em companhia
Da pessoa que te é mais cara... um dia
Passaste duas vezes descansando
Em mim aquelle olhar suave e brando...
 Em mim, não sei porquê!
Porque seria, pomba, que não sei?...



É desde então que um ar de madrugada,
Um principio de luz, uma alvorada,
Vaga, longinqua sim, mas permanente
Me traz a mim o coração contente,
E me faz perguntar:
Qual seria a razão d'aquelle olhar?

Mas como se eu no mundo te pedisse
Que me explicasses esse olhar, que eu disse,
Talvez não respondesses com receio
De profanar segredos do teu seio;
Aqui estamos sós
E onde só Deus nos póde ouvir a nós.

Dize-me pois; sabias o meu nome,
Coulhecias-me acaso? A mim tocou-me
Aquelle olhar assim tão meigo e terno
De uns olhos que até mesmo do inferno
Que os vissem estes meus,
Me inspirariam o amor de Deus!

Suppõe agora tu que me dizias:
«Aquelle olhar é o olhar que envias
Á abobada eterna a toda a hora;
Com que contemplos o raiar da aurora,
As angustias do mar
E a paz celeste em noites de luar.



«É essa vista universal dos olhos
Do nosso espirito immortal, que abrolhos
E flores, riso e lagrimas confunde
Na grande; vasta rede que diffunde
Do intimo onde está,
Como Deus, para tudo quanto ha.

«Eu contemplei-te a ti, como contemplo.
O triste lupanar, a cruz do templo,
Um rosto virginal, o pó que elevo
Dos meus passos no transito que levo...
Existes, e isto só
Me inspira a mim ou sympathia ou dó.

«Adorna-te a virtude? Amor me inspiras.
Enodôa-te o vicio, a que fugiras
Talvez com tanto empenho, mas baldado?
És sem culpa nenhuma desgraçado?
Ou seja como for,
És miseravel?... Tens a minha dor!

«Gira n'esses dois eixos simplesmente
Uma alma nobre, um coração que sente:
Não conheço o desprezo; o odio, menos.
Volvo os meus olhos limpidos, serenos
Ao throno, á cruz,
Ao assassino, á mãe, á noite, á luz.»



E pois, diria eu, se assim fallasses:
— Virgem de intacto scio e intactas faces!
Tu amas quanto vês; eu, que não vejo
Senão aquelle rapido lampejo
 D'aquelle teu olhar,
Que posso n'esta vida mais amar?

Para ti no vastissimo universo
(Vê o nosso sentir como é diverso!)
Sou apenas o atomo, o argueiro!
E tu és para mim o mundo inteiro!
 Para o meu coração
Posso dizer que és tu a Creação!

A mim nem outra bussola me guia,
Nem tambem outra estrella me alumia,
Nem eu tenho outro mundo, nem contemplo
Os mysterios de Deus n'um outro templo!
 Sim, tudo se reduz
Para mim, n'este mundo, a essa luz!

E nunca me assomou ao pensamento
Ser amado... De amar-te me contento.
Achando a perfeição, a formosura
N'uma existencia assim suave e pura,
 Como um beijo de mãe,
Basta que a ame, para viver bem!



A mim basta-me só, quando passares,
Como a ave do céu cortando os ares,
Dizer-te cá do valle onde me escondo:
— Olha o sol, mal nasceu, já se vae pondo,
O astro creador!
O astro do meu dia! o meu amor!



Sonho

A Cesario Verde

Ha muitos sonhos de imaginação,
De mera phantasia:
Outros que são a voz da prophecia,
A voz da intuição,
A voz do coração.

Pões fé em sonhos taes, Maria?... Pões?
E fazes bem, que ás vezes
Sonha a gente venturas e revezes,
Que se tornam depois
Bem certos! Ouve pois:

Sonhei que era n'um valle. Anositeceu:
E então duas estrellas
(Tão lucidas, tão limpidas, tão bellas!)
Vieram lá do céu
Alumiar-me. E eu...



Não sabia, e pergunto: — Que buscaes,
Oh lampadas celestes!
Vós, cá por este mundo... que perdestes?
Na terra não achaes
Senão prantos e ais! —

Respondem-me as estrelas (como a quem
As tivesse captivas,
Tão tremulas, as bellas fugitivas!)
«Buscavamos alguém
Que nos quizesse bem:

É sorte nossa, é nossa condição
Dar luz, ser norte e guia;
Mas de mais boamente se alumia
Na terra um coração
Que nos tenha afeição.»

— Pois e se vós do céu, lá onde até
Se ignora o que são dores,
Vindes á terra procurar amores...
Estrellas! se assim é,
Tendes-me aqui ao pé:

Que em summa, a noite da minha alma é tal
Que eu pobre viajante
Ando... se para trás, se para deante,
N'este profundo valle,
Não sei nem bem, nem mal!



Guia-me pois, estrellas do Senhor!
E a jura que vos faço
É que na terra não darei um passo,
Senão só por amor
Do vosso resplendor! —

Ellas então sorrindo-se, que eu vi,
Tão meigas e suaves!
Voaram como duas lindas aves,
Indo poisar ahí...
N'esse teu rosto... em ti!



O seu nome

Ella não sabe a luz suave e pura
Que derrama n'uma alma acostumada
A não ver nunca a luz da madrugada
Vir raiando, senão com amargura!

Não sabe a avidez com que a procura
Ver esta vista, de chorar cançada,
A ella... unica nuvem prateada,
Unica estrella d'esta noite escura!

E mil annos que leve a Providencia
A dar-me este degredo por cumprido,
Por acabada já tão longa ausencia,

Ainda n'esse instante appetecido
Será meu pensamento essa existencia...
E o seu nome, o meu ultimo gemido.



Oh! o seu nome,
Como eu o digo
E me consola!
Nem uma esmola
Dada ao mendigo
Morto de fome!

N'um mar de dores
A mãe que afaga
Fiel retrato
De amante ingrato,
Unica paga
Dos seus amores...

Que rota e nua,
Tremulos passos,
Só mostra á gente
A innocente
Que traz nos braços
De rua em rua;

Visto que o laço
Que a prende á vida
É só aquella
Candida estrella,
Que achou cahida
No seu regaço;



(Não que lhe importe
A ella nada...
Que tudo escusa;
E até accusa
De descuidada
Comsigo a morte!)

Mão bemfazeja,
Se por ventura
Encontra um dia...
Com que alegria,
Com que ternura
Ella a não beija!...

Mas com mais quanto
Amor te escrevo,
Solettro e lejo,
Nome de enleio,
Nome de enlevo,
Nome de encanto!

Como a agua de um lago, toda um nivel,
Vae de circulo em circulo ondeando,
Se a andorinha a roça ao ir voando
Atrás de algum insecto imperceptivel;



E quebrado esse espelho em mil pedaços,
(Que a imagem do céu desaparece)
Em círculos concentricos parece
Tornarem-se a formar novos espaços...

Ou como d'entre as notas ineffaveis
Dos canticos do céu — todo harmonia —
Mal sôa o doce nome de MARIA,
Pasmam as multidões innumeraveis;

E de onda em onda cada vez mais larga,
De brisa em brisa cada vez mais pura,
O nome d'essa excelsa creatura
Por todo aquelle immenso mar se alarga;

E tudo quanto cerca o throno eterno
Áquella doce voz desprende o canto,
Formando um côro universal, emquanto
Reina silencio no profundo inferno...

Assim, n'esta paixão que me devora,
Se aos labios essas syllabas me assomam,
As negras sombras da minha alma tomam
Gradualmente o esplendor da aurora!

Toda a idéa má recua um passo,
Applauam-se os dominios do futuro,
E do crystal mais transparente e puro
Se me arqueia a abobada do espaço!



Desdobra-se o passado á luz do dia
Em valle ameno aos olhos da memoria,
E eu acho não ser perfida, illusoria,
A fé que eu punha em certa luz que eu via...

Vejo que aquelle informe e negro monte,
Que me tapava a mim o fim da vida,
Não era mais que a natural subida
Para se dominar vasto horizonte!...

Esse horizonte és tu, pombinha brava!
Tu cujo peito, que aliás encerra
O que ha de bello e grande em céu e terra
Só com duas conchinhas se tapava...

Mas, enquanto não chego áquella altura,
Donde se avista a terra promettida,
Irei cantando, distrahindo a vida
Com essa invocação suave e pura:

Invocação de nome tão suave
Como esse olhar, que eu só de ver suspiro!
Mas que invoco em silencio... como admiro
A luz da lua e o olhar da ave!

E se algum dia
Deres abrigo
Ao desgraçado
Pobre mendigo,



Expatriado,
Morto de fome,
Dize comigo:
«Mais consolado
Se elle sentia
Lendo o meu nome!»



Desalento

A Casimiro Freire

Que mimos me confortam?
Que doce luz me acena?
Eu tenho muita pena
De ter nascido até!

Quizera antes ao pé
De uma arvore frondosa
Ter já em cima a lousa
E descansar emfim!

Alli nem tu de mim
De certo te lembravas,
Nem estas feras bravas
Me iriam assaltar!

Alli teria um ar
Mais puro e respiravel,
E a paz imperturbavel
De quem emfim morreu!



De alli veria o céu
Ora sereno e puro,
Ora toldado e escuro...
Ainda assim melhor,

Que este areal de amor
Onde ando ao desamparo,
Onde a ninguém sou caro
E nem a mim ninguém!

Alli passara eu bem
A noite derradeira
Á sombra hospitaleira
Que mais ninguém me dá!

Tu mesma que não ha
Quem eu mais queira e ame,
Quem a minha alma inflamme
De mais ardente amor,

Os ais da minha dor
A ti, ah! que te importam?
Teus olhos nem supportam
A minha vista ao pé!

Que mimos me confortam?
Que doce luz me acena?
Eu tenho muita pena
De ter nascido até!



Sempre

Pensas que te não vejo a ti? Bom era!
Gravei tão vivamente n'alma a doce
E bella imagem tua, que eu quizera
Deixar de contemplar-te só que fosse
Um momento, e não posso, não consigo!

Foges-me, escondes-te e, que importa? esculpes
Mais fundo ainda os indeleveis traços!
Realça-te o retrato! E não me culpes!
Culpa-te antes a ti!... Sigo-te os passos!
Vejo-te sempre! trago-te commigo!



Olhar

Não é mais candido o olhar da ave!...
Oh se tu bem soubesses como foi
Para a minha alma um balsamo suave
Aquelle teu olhar... Deus te abençõe!

Suavissimo, puro, intimo, terno
Como o ultimo olhar de mãe... que embora
Dure um momento, é um momento eterno...
Já me não passa aquelle olhar agora!

Nunca em peito ancioso cahiu baga
Tão suave de balsamo celeste!
É uma luz que já se não apaga,
A luz d'aquelle olhar que me volveste!

Pudesse-te eu mostrar, rapido, breve
E momentaneo até como elle foi,
Os ineffaveis jubilos que teve
Meu coração, mulher!... Deus te abençõe!



Margarida

Oh que formosos dias, Margarida,
Esses da tua vida;
E que nublados
Meus dias desgraçados!

Nasci tambem assim risonho e meigo;
Mas hoje apenas chego
O calix da ventura
Á bocca ancioso,
Torna-se a agua impura
E o liquido que bebo
Venenoso!

Sim, venenoso o liquido que bebo.
Nem eu concebo
Como Deus me creasse
Para tormento eterno;
Elle que tão affavel, meigo e terno
Te beija a tí a face
E te embala no collo, Margarida,
A mim dar-me esta vida!...



Mas vejo á sombra de altos edificios
 Miudissimas flores
De tão subtis e delicadas côres
 Que se o sol lhes chegasse
 Talvez que nem resquícios
 Lhes ficasse.
Com uma d'essas azas estendida
 Me tapavas tu todo ;
 E d'esse modo,
 Com esse escudo,
 Eu ria-me de tudo
E levava esta vida alegremente !
 Tenho essa fé !

Vejo tambem a flor que nasce ao pé
 De agua corrente
 Ir lão suavemente
 Levada pela agua !
 Talvez até sem magua
 De deixar sua mãe.
 D'esse modo tambem,
Amparando-me tu a mim nos braços,
 Eu seguia-te os passos
 Fosse por onde fosse,
 E d'esta sorte
 Até a morte
 Ser-me-ia doce !



Dedicação

A Antonio Nobre

Porque é tão alegre a carta
Que acabas de me escrever?
Tens tu já a alma farta
De suspirar e gemer?...

É que quando nos devora
Uma entranhavel paixão,
Soffra a gente muito embora,
Mas a prenda amada não!

Eu sei, sei que tu me escondes
As tuas lagrimas, sei;
E é assim que correspondeste
Ao conceito que formei:

Que não ha anjos dotados
De uma indole melhor;
E que esses olhos rasgados
Encobrem-me só a dor!



Viu um dia um viajante,
Escriptor de toda a fé,
Em Africa uma clephante
Vir mais um fillinho ao pé;

Os indigenas começam
A atirar-lhes; porém,
Quantas setlas arremessam
Todas se cravam na mãe;

Porque mettendo-se a pobre
Entre o filho e o gentio,
De tal maneira o encobre,
Que elle nenhuma o feriu;

E ella andando mansamente,
Lambendo-o, para mostrar
Que não vê, não ouve ou sente
Cousa alguma de espantar,

O consegue pôr a salvo,
Com toda a satisfação
De ter sido só o alvo
Dos tiros da multidão!

Ha no mundo acaso indicio
De dedicação maior,
Prova, extremo, sacrificio
De mais verdadeiro amor?...



Tu és como a elephante
D'esta anedota exemplar...
(Se bem que a mais rara amante
Não passa da mãe vulgar!)

Ir exhalar um gemido,
Reprimil-o dentro em nós,
Por que o não oiça um ouvido
A quem magôa essa voz:

Dizer, n'uma dor immensa,
Tem-te! á lagrima que está
De uma palpebra suspensa
A desprender-se-nos já,

É de um amor verdadeiro,
É de um infinito amor!
E por isso te amo e quero
Infinitamente, flor!



Visão

Será, da gloria o emblema
 Vão problema,
Que a minha alma solver quer,
Ou é, Deus, a imagem tua
 Que fluctua
N'um phantasma de mulher?

Se em mim sinto d'ella a imagem
 Qual na aragem
Sinto o halito da flor,
Foge d'alma o espectro airoso
 Pressuroso
Qual furtivo olhar de amor.

Se ao cahir rapida estrella
 Julgo vel-a
Vir fugindo ao céu e a Deus,
Mal lhe estendo ávidos braços
 De seus passos
Nem vestigio aos olhos meus;



Se me alveja no horizonte,
Se da fonte
No murmúrio lhe oiço a voz,
Corro a vel-a, attento escuto;
Mas ao luto
Meu prazer cedeu veloz;

Quando raro ha quem se affoite,
Alta noite
Solitario a andar como eu,
N'essa voz multipla e vaga
Que divaga,
Oiço-a... escuto... emmudeceu!

Se a seu rosto a bocca estreito,
Peito a peito,
Coração a coração...
Vejo o ignoto empyreo aberto,
Mas desperto,
Foi um sonho, um sonho vão.

Subo á rocha, desço á gruta
Mal se escuta...
Mas oiço-a, oiço-a fallar:
Brado, acode o vento, o abysmo,
E inda scismo
Se era o vento, se era o mar.



Escreve!

A Eugenio de Castro

Não sei o que suppor
Do teu silencio. Escreve!
Quem é amado deve
Ser grato ao menos, flor!

Se eu fosse tão feliz
Que te fallasse um dia,
De viva voz diria
Mais do que a carta diz.

Mas olha, tal qual é,
Não rias d'esse escripto,
Que poueo ou muito é dito
Tudo de boa fé.

Ha n'esse teu olhar
A doee luz da lua,
Mas luz que se insinua
A ponto de abraçar...



Pareça n'elle, sim,
Que ha só doçura, embora,
Ha fogo que devora...
Que me devora a mim!

Que mata, mas que dá
Uma suave morte;
Mata da mesma sorte
Que uma arvore que ha;

Que ao pé se lhe ficou
Acaso alguém dormindo
Adormeceu sorrindo...
Porém não accordou!

Esse teu seio então...
Que encantadora curva!
Como de o ver se turva
A vista e a razão!

Como até mesmo o ar
Suspende a gente logo,
Pregando olhos de fogo
Em tão formoso par!

Oh seio encantador,
Delicioso seio!
Que jubilo, que enleio
Libar-lhe o nectar, flor!



Eu tenho muita vez
Já visto a borboleta
Na casta violeta
Poisar os leves pés;

E n'um enlevo tal,
N'uma avidez tamanha,
Que a gente a não apanha
Com dó de fazer mal!

Pegada á flor então
No pé curvinho e molle,
As azas nem as bole
Toda sofreguidão!

Poisou... adormeceu!
Só vê, só ouve e sente
O calix rescendente
D'aquelle mel do céu!

Pois vê com que prazer
E com que ardente sêde
Te havia... que não hei de!...
Tambem beijar, sorver!

Mas eu só peço dó,
Só peço piedade!
Mata-me a saudade
Com duas linhas só!



Eu, a não ser em ti,
Achar allivios onde?
Escreve-me! responde
Á carta que escrevi!

Cançado de esperar
Ás vezes quando saio,
Pensas que me distraio?
Pois volto com pesar!

Concentra-se-me em ti
A alma de tal modo,
Que esse bulicio todo
Nem o ouvi, nem vi!

Ninguem te substitue
Porque só tu és bella!
Que estrella a minha estrella,
E que infeliz que eu fui!

Mas devo-te suppor
Sempre indulgente e boa:
Escreve-me e perdôa
Meu violento amor!

Respeita uma afeição
Inutil mas sincera!
Tu és mulher, pondera
O que é uma paixão.



Com sangue era eu capaz
De te escrever; portanto,
Tinta não custa tanto,
E não me escreverás?

Uma palavra, sim,
Que me não amas... queres?
Emquanto me escreveres,
Tu pensarás em mim!

Só essa idéa, crê,
Encerra mais doçura
Que as provas de ternura
Que outra qualquer me dê!



Só

Mimosa, casta donzella,
Casta e bella,
Sente arfar-lhe o coração;
Quer que seja dor lhe causa;
Mas a causa
A causa procura em vão.

Alinda os lindos cabellos,
Negros, bellos,
Suppondo que assim distrae;
Mas ao ver a face linda,
Mais ainda,
Em maior tristeza cae.

Vibra n'harpa uma harmonia
Que algum dia
Ao céu lhe erguia o pensar:
Já nem d'harpa a voz lhe accalma
Dentro n'alma
Tristezas do seu penar!



O campo tem lindas flores
De mil côres,
Talvez no campo, talvez...
Mas, vae ao campo — mentira;
Lá, suspira,
O campo não satisfez.

Que é isto, Senhor? que é isto?
Não resisto
A um tal soffrer assim...
Eu nada sei que tivesse
Nem perdesse...
Que farei, Senhor, de mim?

Tu, rolinha, meus amores,
Que estas dores
Pareces soffrer tambem,
Que temos nós, avesinha?
Viuvinha,
O teu soffrer d'onde vem?

E a rola triste rolando,
Suspirando,
Rolando que mette dó,
Metteu o bico no peito
Com tal geito,
Como quem diz — vivo só!



Presentimento

A José Antonio Garcia Blanco

Emilia! não vês a lua
Como vacilla e fluctua,
Ora avança, ora recua,
E não ha passar de alli?
Tu és a imagem d'ella;
És tão sympathica e bella,
Meiga e timida, que ao vel-a
Me lembra sempre de ti!

Tu és o botão de rosa
Que abraçado à mãe formosa
Só folga, só vive e gosa
N'aquella estreita união;
Treme até de ouvir a aragem
Passar por entre a folhagem:
Emilia! tu és a imagem
Do mais timido botão!



Mas embora: o tempo gira.
Um dia o botão, que aspira
O ar da manhã, suspira
E levanta o collo ao céo:
Vê vir raiando a aurora,
Abre o seio á luz que adora,
Correm-lhe as lagrimas, chora...
Chora o tempo que perdeu!

Porque elle, Emilia! não teme
Que a luz da aurora o queime;
Elle suspira, elle geme
Por ver a luz que o creou:
Nem tambem a lua pára;
Se algumas vezes repara
N'uma nuvem menos clara,
É um momento e... passou.

Não ha existencia alguma
Que não tenha amor; nenhuma;
Porque o amor é, em summa,
Essencia de todo o sêr:
Ha sempre quem nos attraia.
Míl vezes que a onda caia,
Ha uma rocha, uma praia
Aonde a onda vae ter!



Tu andas já presentida
D'essa voz que te convida
A encetar n'esta vida
Ai! unra vida melhor...
E em breve desenganada
D'essa existencia isolada
Darás n'alma franca entrada
A sentimentos de amor!



Indiferença

Ora dize-me a verdade :
Tu já sentiste por mim
Uma sombra de saudade,
De amor, de ciume; emfim,
Uma impressão que indicasse
Haver em teu coração
Fibra, corda que vibrasse,
Á minha recordação?

Parece, mas o contrario;
Sim o que devo suppor
É deserto e solitario
O teu coração de amor!
Não digo por outro; invejo
Talvez a sorte de alguém...
Mas o que eu sei, o que eu vejo,
É que me não queres bem!



Amelia

Ouve, Amelia, se a ventura
 Pouco dura,
Tambem dura pouco o mal,
D'esta vida o passo leve
 Corre breve
Corre breve e corre igual.

Assim, pois, quando em meus sonhos
 Mais risonhos,
Sinto ás vezes gosos mil,
Não me importa da verdade,
 Que a fealdade
Rasgue o quadro meu gentil.

Rasgue embora, e embora a vida
 Vôe despida
De prazer, de crença e amor,
Tem tão curta a vida o termo
 Que n'este ermo
Não distingo o espinho e a flor.



Não distingo; mas se ainda
 Visão linda
Ha que em sonhos possa ter;
Se uma cousa ha que eu deseje,
 Que eu inveje,
Ouve, Amelia, vou dizer:

Era em gruta bem selvagem
 Doce imagem
Ver em ti da que eu amei;
Ter contigo a mesma sorte,
 Vida, morte,
Ter, Amelia... o que eu não sei!



Arcadia

Nunca me ha de esquecer, ingrata! escuta;
Não tendo eu mais talvez que os meus dez annos
Esses olhos crueis, esses tyrannos
Commigo em porfiada, aberta lucta.

Se eu fôra voraz lobo ou fera bruta
De entranhas más, de instinctos deshumanos,
Talvez o fructo então de teus enganos
O não colhesses tu de face enxuta!

Mas eu perdôo-te o mal que me has causado;
A culpa não é tua, e só devia
Vingar-me em quem tão bella te ha formado.

E hei-de vingar-me, crê; mas isso um dia
Depois de um beijo teu me pôr em estado
De disputar a Jove a primazia.



Pomba

— Casto lirio, branca pomba,
És tão linda em teu alvor!
Não ha estrella mais bella
De tão magico fulgor.
Candida pomba, alvo lirio,
És tão linda, meu amor!

Dize, donzella, já sentes
Palpitar-te o coração?
Já os teus sonhos, donzella,
Tão socegados não são?
Sabes já, pobre innocente,
Quanto custa uma paixão?

Mas tu, donzella, descoras,
Pareces desfallecer;
Donzella, não me confias
Segredos do teu soffrer?
Dize, donzella, não dizes,
Tens vergonha de dizer?



«Tenho, sim; ninguém m'os sabe;
Só m'os tem ouvido a lua,
Quando em céos annuviados
Lá alta noite fluctua;
Quando só, de noite, scismo
Em terna imagem... na tua!»

— Oh não me illudas, donzella,
Meigo archanjo do Senhor!
Anjos do céu amor devem
Só do céu ao Creador!
Não mereço, branco lirio,
Teu celeste aroma e côr.



A. P. S.

Ego dormio, et cor meum vigilat

Bebeste para esquecer
As maguas do coração;
Mas elle é que não se esquece,
Elle é que não adormece,
Como adormece a razão.

— Eu durmo, diz Salomão;
Mas durmo exhalando ais!
Que o meu coração vigia,
E sente como sentia...
Se ainda não sente mais! —

Não é com vinho que extraes
O veneno d'esse amor...
Apagas o pensamento,
E deixas o sentimento
Sem equilibrio na dor!



Taes nos fez o Creador,
Que sem a luz da razão
Bem se reclina a cabeça;
Mas embora ella adormeça,
Vela sempre o coração!



ELEGIAS

A vida

A José A. S. R. de Castro

Così trapassa, al trapassar d'un giorno,
Della vita mortale il fiore e 'l verde,
Nè, perchè faccia indietro april ritorno,
Sì rinfiora ella mai, nè si rinverde.

Tasso.

Foi-se-me pouco a pouco amorteeendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até eontava
Ir os degrãos do tumulo deseendo.

Em se ella annuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo annuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.



Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céu (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

Ah! quando no seu collo reclinado,
Collo mais puro e candido que arminho,
Como abelha na flor do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado;

Quando á luz dos seus olhos (que era vel-os,
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)
Lia na sua bocca a Biblia santa
Escripta em lettra côr dos seus cabellos;

Quando a sua mãosinha pondo um dedo
Em seus labios de rosa pouco aberta,
Como timida pomba sempre álerta,
Me impunha ora silencio, ora segredo;

Quando, como a alvéola, delicada
E linda como a flor que haja mais linda,
Passava como o cysne, ou como ainda
Antes do sol raiar nuvem doirada;



Quando em balsamo de alma piedosa
Ungia as mãos da supplice indigencia,
Como a nuvem nas mãos da Providencia
Uma lagrima estilla em flor sequiosa;

Quando a cruz do collar do seu pescoço
Estendendo-me os braços, como estende
O symbolo de amor que as almas prende,
Me dizia... o que ás mais dizer não ouço;

Quando, se negra nuvem me espalhava
Por sobre o coração algum desgosto,
Conchegando-me ao seu candido rosto
No perfume de um riso a dissipava;

Quando o oiro da trança aos ventos dando
E a neve de seu collo e seu vestido,
Pomba que do seu par se ia perdido,
Já de longe lhe ouvia o peito arfando;

Quando o anel da bocca luzidia,
Vermelha como a rosa cheia de agua,
Em beijos á saudade abrindo a magua,
Mil rosas pela face me esparzia;

Tinha o céu da minha alma as sete côres,
Valia-me este mundo um paraíso,
Distillava-me a alma um doce riso,
Debaixo de meus pés brotavam flores!



Deus era inda meu pae; e em quanto pude
Li o seu nome em tudo quanto existe,
No campo em flor, na praia arida e triste,
No céo, no mar, na terra e... na virtude!

Virtude! Que é mais que um nome
Essa voz que em ar se esvae,
Se um riso que ao labio assome
N'uma lagrima nos cae!

Que és, virtude, se de luto
Nos vestes o coração?
És a blasphemia de Bruto:
Não és mais que um nome vão!

Abre a flor á luz, que a enleva,
Seu calix cheio de amor,
E o sol nasce, passa e leva
Comsigo perfume e flor!

Que é d'esses cabellos de oiro
Do mais subido quilate,
D'esses labios escarlata,
Meu thesoiro!

Que é d'esse halito que ainda
O coração me perfuma!



Que é d'esse collo de espuma,
Pomba linda!

Que é d'uma flor da grinalda
Dos teus doirados cabellos!
D'esses olhos, quero vel-os,
Esmeralda!

Que é d'essa franja comprida
D'aquelle chaile mais lev
Do que a nuvem côr de neve,
Margarida!

Que é d'essa alma que me deste,
D'um sorriso, um só que fosse,
Da tua bocca tão doce,
Flor celeste!

Tua cabeça que é d'ella,
A tua cabeça de oiro,
Minha pomba! meu thesoiro!
Minha estrella!

De dia a estrella de alva empallidecc;
E a luz do dia eterno te ha ferido!
Em teu languido ollhar adormecido
Nunca me um dia cm vida amanhecesse!



Foste a concha da praia! A flor parece
Mais ditosa que tu! Quem te lia partido,
Meu calix de crystal onde hei bebido
Os nectares do céo... se um céo houvesse!

Fonte pura das lagrimas que choro,
Quem tão menina e moça desmanchado
Te lia pelas nuvens os cabellos de oiro!

Some-te, vela de baixel quebrado!
Some-te, vóa, apaga-te, meteoro!
É só mais n'este mundo um desgraçado!

E as desgraças podia prevel-as
Quem a terra sustenta no ar,
Quem sustenta no ar as estrellas,
Quem levanta ás estrellas o mar.

Deus podia prever a desgraça,
Deus podia prever e não quiz!
E não quiz, não... se a nuvem que passa
Tambem póde chamar-se infeliz!

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;



A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
É como o fumo se esvae:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cae!

A vida é flor na corrente,
A vida é sôpro suave,
A vida é estrella cadente,
Vôa mais leve que a ave:
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma apoz outra lançou,
A vida — penna cahida
Da aza de ave ferida —
De valle em valle impellida
A vida o vento a levou!

Como em sonhos o anjo que me afaga
Leva na trança os lirios que lhe puz,
E a luz quando se apaga
Leva aos olhos a luz!

Levou sim, como a folha que desprende
De uma flor delicada o vento sul,
E a estrella que se estende
N'essa abobada azul;



Como os avidos olhos de um amante
Levam consigo a luz de um terno olhar,
E o vento do levante
Leva a onda do mar!

Como o tenro filhinho quando expira
Leva o beijo dos labios maternas,
E á alma que suspira
O vento leva os ais!

Ou como leva ao collo a mãe seu filho,
E as azas leva a pomba que voou,
E o sol leva o seu brilho...
O vento m'a levou!

E Deus, tu és piedoso,
Senhor! és Deus e pae!
E ao filho desditoso
Não ouves pois um ai!
Estrellas déste aos ares,
Dás perolas aos mares,
Ao campo dás a flor,
Frescura dás ás fontes,
O lirio dás aos montes,
E roubas-m'a, Senhor!

Ah! quando n'uma vista o mundo abranjo,
Estendo os braços e, palpando o mundo,



O céu, a terra e o mar vejo a meus pés,
Buscando em vão a imagem do meu anjo,
Soletro á froixa luz de um moribundo
Em tudo só: Talvez!...

Talvez! — é hoje a Biblia, o livro aberto
Que eu só ponho ante mim nas rochas quando
Vou pelo mundo ver se a posso ver;
E onde, como a palmeira do deserto,
Apenas vejo aos pés inquieta ondeando
A sombra do meu sêr!

Meu sêr... voou na aza da aguia negra
Que, levando-a, só não levou consigo
D'esta alma aquelle amor!
E quando a luz do sol o mundo alegre,
Chrysallida nocturna a sós commigo
Abraço a minha dor!

Dor inutil! Se a flor que ao céu envia
Seus balsamos se esfolha, e tu no espaço
Achas depois seus atomos subtis,
Inda has-de ouvir a voz que ouviste um dia...
Como a sua Leonor inda ouve o Tasso...
Dante, a sua Beatriz!

— Nunca! responde a folha que o outono,
Da haste que a sustinha a mão abrindo,
Ao vento confiou;



— Nunca! responde a campa onde do somno
E quem talvez sonhava um sonho lindo,
Um dia despertou!

— Nunca! responde o ai que o labio vibra;
— Nunca! responde a rosa que na face
Um dia emmurcheceu:
E a onda que um momento se equilibra
Em quanto diz ás mais: Deixae que eu passe!
E passou e... morreu!



Rachel

A D. Candida Nazareth

Despe o luto da tua soledade
E vem junto de mim, lirio esquecido
Do orvalho do céu!
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher! irmã dos que hão soffrido,
Mulher! sou irmão teu.

Consolos não te dou, que não existe
Quem de lagrimas suas nunca enxuto
Possas as de outro enxugar:
Não póde allivios dar quem vive triste,
Mas é-me doce a mim chorar se escuto
Alguem tambem chorar.

Botão de rosa murcho á luz da aurora!
Que peccado equilibra o teu martyrio
Na balança de Deus?
Se é como justo e bom que elle se adora,
Quem te ha mudado a ti, ó rosa, em lirio,
E em lirio os labios teus?



Não enche elle de balsamos o calix
Da flor a mais humilde, e esses espaços
 Não enche elle de luz?
Não veiu o Filho seu, lirio dos valles!
Só por amor de nós pregar os braços
 Nos braços de uma cruz?

Mulher, mulher! quando eu n'um cemiterio
Levanto o pó dos tumulos sósinho:
 Eis, digo, eis o que eu sou!
Mas, quando penso bem n'esse mysterio
Da virtude infeliz: Vac teu caminho;
 Dois mundos Deus creou!...

Deus não dispara a setta cnvenenada
À pombinha, que aos ares despedira,
 Com mão traidora e vil;
Imagem sua, Deus não volve ao nada,
Não anniquila a flor que ao chão cahira
 Lá d'esse eterno abril!

Has-de, cysne, expirando alçar teu canto;
Has-de lá quando a lua da montanha
 Te acene o extremo adeus,
Voar, Candida, ao céo, e ebria de encanto
No oceano de amor que as almas banha,
 Unir teu canto aos seus.



Seus d'ellas, mãe e irmã... cinzas cobertas
D'um só lanço de terra... Oh desventura!
Oh destino cruel!
Vejo-as ainda ir com as mãos incertas
Guiando-se uma á outra á sepultura,
E a mãe: «Rachel! Rachel!»

Desde então, á janella do occidente
Te hão de ver como a bussola em seu norte
Fita pensando... em quê?
Oh! não n'os vões tambem, pomba innocente!
É grande a eternidade e é certa a morte:
Espera, vive e crê!

Por ocasião da morte de sua irmã Rachel e, poucos dias depois, de sua mãe.



De lucto

Sempre fechada, sempre triste! apenas
Assomando á janella quando ha chuva...
Bem se vê que és sósinha, que és viuva
E te minam a alma grandes penas!

Mas ouve, a vida foge, a vida voa!
É como a onda da seara a vida!
Eras feliz, ditosa, eras querida?
Ha quem te queira ainda e se condoa.

Homens não digo; Deus, a natureza,
O campo, as flores, essa praia, as ondas!...
Não te enterres em vida, não te escondas;
És moça, tens encantos, tens belleza!

Pódes amar ainda e ser amada;
Amada e mais feliz talvez, quem sabe?
Bem é que a noite da tua alma acabe,
E a reanime a luz da madrugada!



A madrugada, que no proprio inverno
Sacode o pranto que mergulha as flores!
Tens chorado de mais! Novos amores...
Só o amor é n'este mundo eterno.



Marina

APPARIÇÃO

Como esse olhar é doce!
Doce da mesma sorte
Como se nunca fosse
Toldado pela morte:

Como se alumiasse
O sol ainda em vida
As rosas d'essa face...
Agora emmurchecida!

Colhesse-as eu mais cedo,
E logo que alvorece...
Já não tivesse medo
Que a terra m'as comesse!

Mas pura como a neve
Que às vezes cáe na serra,
É que a nossa alma deve
Tambem voar da terra.



Gelasse a morte fria
A mão profanadora
Que te ennublasse um dia
A luz que dás agora!

É n'essa côr tão linda,
Rosa da madrugada!
Que sinto a alma ainda
Andar-me enfeitada!

Se um dia nos meus braços
Te desbotasse as côres,
Passavam os abraços...
Passavam os amores!

Oh! não: mil vezes antes
No céu lá onde habitas,
E os rápidos instantes
Que vens e me visitas,

N'este degredo nosso,
Que tanta gente estima,
E eu, só porque não posso,
Não largo e vou lá cima!

Vem tu cá baixo, abala,
Deixa em podendo o collo
Tão terno que te embala,
E vem-me dar consolo!



Como essa imagem pura
Ah! sobrevive ao nada
E escapa á sepultura,
Tão fresca e perfumada!

Nunca uma noite eu deixo
De estar a ver que existes,
Em quanto me não feche
O somno os olhos tristes;

E n'esse largo espaço
Que te não vejo, espero
Lhe contes o que eu passo
N'este aspero desterro;

Que assim que te não veja
É noite fria e escura,
Noite que mette inveja
Á mesma sepultura!

SAUDADE

Em acordando agora,
O meu contentamento...
É ver em cada aurora
Um dia de tormento!

Pudesse eu dar-te a prova
Dos dias que me esperam,



Lançando-me na cova
Onde elles te puzeram!

Lançassem-me algum dia
Ao pé, que de repente
O coração te havia
De ainda pular quente;

A face cobrar logo
A fórma e côr perdida,
E a bocca toda fogo
Ah! inspirar-me a vida!

Supplica, ó anjo! implora
Ao Pae universal
Que me deixe ir embora
D'este horroroso valle

De lagrimas amargas
E turvas de tal modo,
Como umas nuvens largas
Que tapam o céu todo!

ETERNIDADE

Inferno e céu conforme
A nossa fé, confesso
Que é um mysterio enorme,
É um mysterio immenso...



Mas um mysterio é tudo:
Folhinha de herva e estrella,
Não ha comprehendel-a!
É contemplal-a mudo.

E a herva como existe,
A mim quem m'ò diria,
Se a luz que me alumia
Nem sabe em que consiste?

Mas uma coisa sabe
O que a cabeça ignora
— O coração... que mora
Em peito onde não cabe!

Ha uma luz mais clara
Que a luz do pensamento:
A d'essa imagem cara...
A d'este sentimento!

... 21 DE SETEMBRO

Ha uma hora ou mais,
Marina! que contemplo
A casa de teus paes
Que é para mim um templo.

Está a porta aberta,
E vejo alumuada



A parte descoberta
Da casa da entrada.

Lá andam a passar
Do quarto onde acabaste
Á casa de jantar
Os vultos que deixaste.

Os vultos, que os vestidos
Tão negros que puzeram,
De luto, tão compridos,
Não sei que ar lhes deram !

A tua bella irmã,
A tua Piedade,
A rosa da manhã,
A flor da mocidade,

Quem lhe diria a ella,
Tão cheia de alegria,
Que havíamos de vel-a
Assim já hoje em dia !

É esta vida um mar...
E bem se póde a gente,
Marina! comparar
A rapida corrente,



Que vae de lado a lado
Por esses valles fóra
Sem nunca lhe ser dado
Ter a menor demora:

Pára quando a engole
Aquelle mar sem fundo;
Nem pára; é como o sol
E como todo o mundo...

Ahi não pára nada,
Tudo viaja e anda,
Que a ordem lhe foi dada,
E dada por quem manda.

Chega a corrente lá,
Engole-a logo a onda:
Depois, que é d'ella já?
A nuvem que responda;

Que a nuvem que nos passa
Pela manhã nos ares,
Era hontem a fumaça
Que andava n'esses mares;

E a nevoa que tu vês
Nas ondas fluctuantes,
Corria-nos aos pés
Talvez um dia antes.



A água é que no giro
Em que anda eternamente
Não deu nunca um suspiro
Em prova de que sente...

.....



Lamento

Senhor, Senhor, que um ai nunca me ouviste
Na minha dor!
Ai vida, vida minha, como és triste!
Senhor, Senhor!

Quando eu nasci o sol cobriu o rosto,
Mal que eu o vi;
Tingiu-se o céu de sangue, e era sol-posto
Quando eu nasci!

Pela manhã a rosa era mais alva
Que a alva lã!
E o cravo desmaiou á estrella de alva,
Pela manhã!

Ao longe o mar se ouviu, leão piedoso,
Um ai soltar;
Pelas praias se ouviu gemer ancioso,
Ao longe o mar!



Ninguém as viu cair, ondas de espuma
Que o chão sumiu ;
E as lagrimas cahiam-me uma a uma,
Ninguém as viu !

Oh rouxinol, a ti nasce-te o dia
Ao pôr do sol !
Mostre-me a campa a luz que te alumia,
Oh rouxinol !



Adeus

A ti que em astros desenhei nos céos,
A ti que em nuvens desenhei nos ares,
A ti que em ondas desenhei nos mares,
A ti, bom anjo, o derradeiro adeus!

Parto! Se um dia (que é possível, flor!)
Vires ao longe negrejar um vulto,
Sou eu que aos olhos d'esta gente occulto
O nosso immenso desgraçado amor.

Talvez as feras ao ouvir meus ais,
As brutas selvas, as montanhas brutas,
Concavas rochas, solitarias grutas,
Mais se condoam, se commovam mais!

E lá d'aquellas solidões se aqui
Chegar gemido que uma pedra estale,
Que um cedro vibre, que um carvalho abale,
Sou eu que o sólto por amor de ti...



De ti, que em folha que varrer o ar,
Em rama, em sombra que bandeie a aragem,
De fito sempre n'essa cara imagem
Verei sorrindo, sentirei passar!

De ti que em astros desenhei nos céos,
De ti que em nuvens desenhei nos ares!
De ti que em ondas desenhei nos mares,
E a quem envio o derradeiro adeus!

(Musica de C. Braga.)



A Hermann

«Conchega a mãe ao peito o filho caro;
Estende a pomba as azas no seu ninho
Pelos filhinhos seus;
Embala o arbusto agreste o fructo amaro,
Guia a bussola o nauta em seu caminho,
Como um dedo de Deus.

«Bebe a nuvem no mar, no rio a fera;
Acha o tigre covil na antiga llyrcania,
Hoje em dia Ghilã;
Renasce a planta á luz da primavera,
E no calix da flor gotta espontanea
Cae á luz da manhã.

«Onde ha ramo no mundo em que não pouse
Avesinha do céu? espinho, palma,
Sem um docel azul?
Um peito que n'um peito não repouse?
Dous olhos entre os quaes não gire uma alma,
Como seu norte e sul?



«Só eu no mundo um gosto em vão pretendo:
Quebro entre os persas, entre os indios pária,
 Judeu entre christãos,
Só eu debalde ao céo as mãos estendo,
Como o naufrago á praia solitaria
 Debalde estende as mãos!

«Tenho no livro azul onde Elle escreve
Esse nome, que nunca pronuncia
 Quem bem o soletrou...
Mil vezes tenho lido que não deve
Queixar-se mais que a flor que vive um dia
 Um verme como eu sou.

«Porém, chorando, as maguas diminuem.
Custa muito soffrer sem que um gemido
 Ah! solte a nossa dor!
E se aos olhos as lagrimas affluem,
É que este allivio nosso é permittido;
 O céo orvalha a flor.»

Diz isto o orphão. De alma os ais lhe saem,
Como os suspiros de harpa eólea em ermo;
 Ninguem no mundo o ouviu;
Mas se a teus pés as lagrimas lhe caem,
Tocou a mão de Christo a mão do enfermo,
 O Lazaro surgiu!



Por isso, Hermann! espantas-me. Não scismo
Nos prodigios da milagrosa vara
 Que o Senhor Deus te deu;
Teu coração, Moysés do christianismo,
Tua alma é que eu admiro, e te invejára
 Se o que é teu... fosse teu.

Recitada no beneficio dado por Hermann em Coimbra a favor da Sociedade Philantropica-Academica.



Actriz

Senhores, vêde o sol: diariamente
Nasce, cruza esse espaço e no poente
Acaba de brilhar.
É útil, é preciso, é necessario;
Não é pois inconstante, não é vario;
É certo, é regular.

Hervas que nutrem, animaes que comem,
E a imagem de Deus — que falla — o homem,
Sem essa luz, dizei:
Vegetavam acaso, existiriam?
Os eccos d'esses valles repetiam
Alguma voz? O quê!...

Seria tudo um ermo escuro e mudo;
Tudo insensivel, solitario tudo!
Mas Deus cria essa luz;
E um mar sem praias de silencio e morte,
Sêres de toda a casta, toda a sorte
Produz e reproduz!



Sim, essa luz benefica converte
Por mysteriosa alchimia frio, inerte,
Imperceptivel grão
Em tenras hastes, em botões mimosos,
Folhas, flores e fructos saborosos
Que recamam o chão!

Mas julgaes vós agricola sómente
A mão do creador omnisciente?
Pergunta singular!
Basta só ver a ondeada trança
Com que elle adorna a virgem que vos lança
O seu primeiro olhar!

A terra é de côr varia, a planta verde:
Porquê e para quê? Pois que se perde
Em ter tudo uma côr?
Pois que se ganha em ser tão bem pintada,
Symetrica, mimosa, perfumada
Uma ephemera flor?

È que Deus é artista! e noite e dia
E céu e terra e mar o denuncia...
Vêde nascer o sol!
Pôr-se alta noite a lua encantadora...
Em quanto ao mesmo tempo canta e chora
Ao longe o rouxinol!



Deus é artista, sim; Deus ama o bello,
Mais talvez do que o util. O desvelo
 Com que elle trata a flor!
Antes de abrir, que mãe tão carinhosa
Resguarda mais solícita que a rosa
 Um seu botão de amor!

Nem podia sahir obra incompleta
Das mãos de Deus: geometra e poeta
 Em summo gráo traçou
A compasso a abobada celeste;
Mas de que aerias nuvens a reveste
 Que ao vento tomam vôo!

Creou, de fogo o sol — o grande astro!
E creou, não de fogo, de alabastro
 A sua bella irmã!
— Sombra apenas do sol, desnecessaria,
Luz phantastica, vaga, solitaria,
 Inutil, fatua, vã!

Mas luz intima! luz do sentimento!
Luz de amor e de fé! que inspira alento
 A nossos corações!
Unica luz á qual se mede o fundo
D'esse concavo mar... d'esse outro mundo...
 D'esse mundo de sóes!



Porque se ao sol deveis fruetos e flores,
Á lua deveis mais, deveis amores...

Deveis... como direi?

Esta entranhavel, vaga saudade
De não sei que melhor realidade,
Que o mundo que se vê!

Quantas vezes depois da lida insana
De um dia, n'este mar da vida humana,
Vendo surgir no céu
Essa luz melancholica e suave,
Eu aeho então, e eom que allivio, a chave
D'este mysterio meu!...

D'este amor por phantastieos amores...
Comtudo mais leaes e duradores
Que os d'esse mundo são!
D'este mundo de sombras... até prestes,
Sombra tambem, á sombra dos eyprestes
Achar satisfação!...

E eu digo, digo á lua scismadora
Com os olhos risonhos de quem ehora
Pranto consolador:
Se pois Deus te creou porque eras bella...
Que valerá o sol mais que uma estrella?
Um rei do que um pintor?



Ao ver-te, dôce lampada suspensa
De vaporosa nuvem, n'essa immensa
 Abobada dos céos,
Pareces-me o thuribulo sagrado
Com os rolos de incenso evaporado
 Em tua honra, oh Deus!

E a minha vista sofrega acompanha
Esse clarão phantastico á montanha
 Ou da terra ou do mar,
Onde acabada a obra do seu dia,
Astro de amor e de melancholia,
 Se deita a descansar.

E eu descanso tambem; filha da arte...
Cumpre-me a mim, oh lua, contemplar-te!
 E pergunte-me alguem:
— Tu que fazes no mundo, mulher futil?
«O que Deus faz... na flor, na lua inutil...
 Sou artista tambem!

Para ser recitada no theatro do Principe Real



Margarida

Se a alma é immortal, mulher, conforme
Proclama a consciencia, emfim já gosas;
Senão, descança que era tempo; dorme.

Deus não havia de pintar as rosas
Da tua face com tamanho esmero,
Esculpir-te essas fôrmas graciosas,

Dar-te uns olhos que ainda considero
O mais puro crystal de uma alma pura,
Para desgraça tua. Creio e espero

Verificar ainda que a tortura
D'esta vida passou, e ao pranto amargo
Te succedeu o riso da ventura.

A terra que é? um ponto: vasto, largo,
Immenso, eterno, o espaço onde me afundo
Á proporção que o pensamento alargo...



Eu mergulho no mar, e vejo o fundo;
Mal avisto a abobada dos céos:
Sim meço a terra, mas não meço o mundo:

Onde eu acabo principia Deus!
É curta a vista, curto o horizonte,
Passado o qual, aos olhos dos atheus,

Ergue no céu a luminosa fronte
A lampada da Fé, onde a nossa alma
Vae, como a corça a solitaria fonte,

Matar a sêde que mais nada acalma.



A uma gata

Tu só, pobre animal, beijas o triste!
Tu que o rato devoras, e que os dentes
Tens afiados para quanto existe!
Caprichosa excepção! dize: Que sentes?

Amas, pobre animal! e tens tu pena,
Sim, póde na tua alma entrar piedade?
Se póde entrar eu sei! Negar quem ha de
Amor ao tigre, coração á hyena!

Tudo no mundo sente: o odio é premio
Dos condemnados só que esconde o inferno.
Tudo no mundo sente: a mão do Eterno
A tudo deu irmão, deu par, deu gêmeo.

A mim deu-me esta gata, a mim deu-me isto...
Esta fera, que as unhas encolhendo
Pelos hombros me trepa e vem, correndo,
Beijar-me... Só não vivo! amado existo!



A A. Janny

Oh Janny, teus ais me exaltam ;
Partem d'alma e n'alma eccôam ;
Filhos de alma á alma voam,

Sim, Janny !

E se as lagrimas te esmaltam,
Te aljofaram, te matizam,
Pelas faces me deslizam

Como a ti.

Mas tu, flor ! brotaste agora :
Quando o sol mal te inda aponta,
Porque choras como á conta

Do porvir ?

Se ella a flor sorri á aurora,
Tua irmã na primavera,
E ave e homem, anjo e fera

Vês sorrir ?



Pomba, eu sei! ha sempre n'alma
Mola occulta: por mais cedo
Que lhe toque incauto dedo,
Mal nos vae!
Outra Oreb a sêde accalma,
Mas de pranto amargo e duro;
Que é da nuvem do futuro
Que ella cae.

Tu Janny, nas azas tuas
Do teu genio, tens anhelos,
Que pediam sonhos bellos
E d'amor.
Sonhas inda; lá fluctua
Já nas aguas do diluvio
Viva imagem, sôpro, effluvio
Do Senhor!

Que vês tu? Sobre a mais alta
Das montanhas d'este globo,
Que vês tu? N'um throno, o roubo,
Que é o rei.
Digno rei!... que mais exalta,
Mais eleva os que o adoram,
Quanto mais que odeie lhe imploram
Povo e lei.



Rei é Deus... se é escravo o homem,
Rei fez elle o homem todo.
Cada qual pode a seu modo
 Bem viver.
Pois se as feras se não comem
Uma á outra, havia aquelle
Que Deus fez á imagem d'Elle
 Tal fazer?

Se o faz, fal-o, porque o sangue
É manjar de regio labio...
Deus é justo, Deus é sabio,
 Não quer tal!
Costume é que o boi se cangue,
Mate e coma, porque esse
Tal qual nasce á terra desce
 Tal e qual.

Deus é livre: imagem sua
Livre a alma que perscruta:
Livre o braço que executa
 Não servil!
Ante o crime só recúa,
Ante o sangue... petrifica!
Mas se um dedo o rei lhe indica
 Mata o vil.



Oh, se Italia, Italia ainda
Presta ao mundo um novo mobil,
Se inda á vida esta alma ignobil
Restitúo!
Desce! desce éra bem vinda!
Quer manná inebriante,
Quer espada flamejante,
Vem, se és tu!

Bella és sempre! De Deus filha,
Saes ao pae na formosura!
Bella és sempre, sempre, pura,
Como a luz!
Tu, auctor da maravilha
D'este mundo, ajuda-o n'isto!
— Garibaldi! ou novo Christo!...
Gloria... ou Cruz!

Geme, pomba!... Quem não ha-de?...
Chora, rosa! chora dhalia,
Dos jardins d'esta outra Italia,
Portugal;
Mas se um dia a liberdade
Passa enxuta o mar vermelho,
Tu, dos anjos casto espelho,
Gala o mal.



No album

DE EDUARDO AUGUSTO TEIXEIRA BARBOZA

... descrente dos annos na flor!

D. AMELIA JANNY.

Porque inclinas a languida cabeça
Como a bonina á luz do sol que expira,
Se ha n'este mundo quem por ti suspira,
Se ha n'esta vida quem por ti padeça?

Que olhas tu para o céo, se a gloria é tua?
Que ha n'esse espaço mais de bello e immenso,
Que em ti, botão de amor, quando suspenso
N'agua te espelhas ao clarão da lua?

Oh! como em sonhos ávido concheço,
Virgem, ao coração teus seios tumidos,
Aos seccos labios meus teus labios humidos,
E á minha alma esse olhar languido e meigo!

Volve-o lá para o céo se os astros amam,
Se os astros sentem, se as estrellas sabem
Quantas maguas em peito humano cabem,
E se elles d'este amor tambem se inflamam.



Volve lá para Deus de amor infindo,
Como é infindo o espaço, infindo o mundo!
Oh não nos deixes lirio pudibundo,
Embala no meu seio o gesto lindo!



De
Anthero de Quental

*Fumo e seismo. — Os castellos do horizonte
Erguem-se á tarde, e ereseem, de mil côres;
E ora desmaiam, ora em mil ardores
Se incendeiam... vuleões de estranho monte.*

*Depois, que fôrmas vagas vem defronte,
Que parecem scismar loueos amores!
Almas que vão, por entre luz e horrores,
Passando a barea d'esse aereo Aeheronte!*

*Apago o meu cigarro quando apagas
Teu facho, ó sol, — ficamos todos sós; —
É n'esta solidão que me consumo...*

*Ó vós, nuvens da tarde! ó coisas vagas!
Bem vos entendo a côr... pois, como a vós
Belleza e Altura se me vão em fumo!*



Resposta

Em fumo se vae tudo, amigo : olhando
Para as nuvens do céu, nuvens d'aquellas,
E até não sei se diga que mais bellas
Anda a gente fazendo e desmanchando !

Dá-me uma saudade em me lembrando
Do bello tempo que passei com ellas
Por essa immensa abobada de estrellas,
Por esse mar de fogo viajando !

Andasse ainda eu lá, que não me havia
De ver por estes charcos atolado,
Onde nem sol nem lua me alumia !

Andasse ainda eu lá, desenganado
Mesmo já como estou de achar um dia
Essa patria de onde ando desterrado !



A Anthero

Tal é a confiança que te inspira
Estes reis, estes povos, esta gente,
Que é para o céo que appella e se retira
Tua alma já de triste e descontente.

Mas Deus então seria ou impotente
Ou seria um Deus barbaro: mentira!
Não póde suspirar eternamente
Quem ha já tantos seculos suspira.

Vae ganhando terreno a luz brilhante,
Luz toda liberdade e toda amor
Que ha de salvar o mundo agonisante.

A palavra, esse Verbo creador
Ha de fazer que um dia, e não distante,
Só o nome de imperio inspire horror.



A minha mãe

Patria, berço de amor que a alma embala
Em quanto a luz vital nos illumina,
E onde só descansado se reclina
Quem longe d'ella dôr continua rala...

Se n'essa essencia, mãe, que a flor exhala,
Na essencia de uma flor d'essa collina,
Vês lagrima de amor que dentro a mina
Com saudades de quem do céu lhe falla:

Se quando, o céu buscando, o fumo ondeia
Quando esse valle o sol deixa indeciso,
Vês como fumo e flor aspira, aneia

Um pae, um Deus, um céu, um paraíso,
Ah! tendo eu tudo, tudo em minha aldeia,
Vê tu se labio meu desfolhá um riso!



A D. Pedro II

Per me reges regnant.

Os reis são também symbolos; e vós
Representaes todo um imperio amigo;
Por isso é que levanto a minha voz,
E ouvi, Pedro segundo, o que vos digo:

Vós não tendes um unico inimigo,
Vós sois dos reis que podem andar sós:
Basta abolirdes o commercio atroz
Do desgraçado escravo: eu vos bemdigo!

E que é ser rei? Levar a primazia
Aos mais em tudo; espirito profundo
Que arte e sciencia, livre e escravo abarca.

Regem os reis pela sabedoria:

Quem a não tem, não póde ser monarcha:
Vós sois digno de o ser no Novo-Mundo.



N'um romance

Moldada ao bem nasci, mas debil planta
Verguei do vicio ao sopro pestilente;
De entre o vicio porém minha alma crente
Castos hymnos a Deus saudosa canta.

Ah! se um mentido affecto amor levanta
N'um pobre coração inexperiente,
D'elles a culpa é toda; uma innocente
Não consulta a razão, razões supplanta.

Cahi, verguei, Senhor! Já pervertida
Graças, beijos vendi, vendi belleza...
Triste commercio de mulher perdida!

Oh mas, Deus do amor! foi só franqueza!
De impias mãos me arrancae, tira-me a vida,
Alcance-me o perdão mortal tristeza!



Minha mãe

A D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos

Quando a minha alma estende o olhar ancioso
Por esse mundo a que inda não pertença,
Das vagas ondas d'esse mar immenso
Destaca-se-me um vulto mais formoso :

É minha santa mãe ! berço mimoso
D'onde na minha infancia andei suspenso ;
É minha santa mãe, que vejo, e penso
Verei sempre se Deus é piedoso.

Como linguas de fogo que se attraem,
Avidamente os braços despedimos
Um para o outro, mas os braços caem...

Porque é então que olhamos e medimos
A immensa distancia d'onde saem
Os ais da saudade que sentimos !



Dor d'alma

A Esposa de Theophilo Braga

Flor do meu coração! mimoso fructo
Do meu primeiro amor!
A quem ainda abraço, beijo e escuto...
Por cumulo de dor!

Não me esqueço da estrella, cujo brilho
Apenas entrevi;
A mãe nunca se esquece do seu filho!
Não me esqueço de ti!

Andorinha da minha primavera,
Que te acolheste ao lar
De quem, havia tanto, estava á espera
De te ouvir gorgear;

Mas ao poisar no tecto d'esta casa
(Que sorte Deus nos deu!)
Cobriste a cabecinha com a aza...
Avesinha do céu!



E a mim resta-me a dor que me consome,
Resta-me o meu pezar;
Resta-me a terra fria que te come!
Saudade sem par!

Foste a flor que ao abrir cahiu da haste
Logo pela manhã!
E se é tambem em pó que te tornaste...
Como esta vida é vã!

Como Deus nos converte em noite o dia,
Em escuridão a luz,
Em dor profunda a intima alegria,
E em summa a gloria em cruz!

Eras o meu enlevo, a minha gloria!
E se ao menos tambem
Se apagasse esta imagem da memoria
Da tua triste mãe!...

Flor do meu coração! mimoso fructo
Do meu primeiro amor,
A quem ainda abraço, beijo e escuto...
Por cumulo de dor!



Pezames

A Bulhão Pato

Por força que ainda choras
A morte de tua irmã,
E n'essa casa onde moras
Não raia ainda a manhã.

É profunda a escuridão,
Conforme sempre acontece,
Se um dia nos anoitece
Na alma, no coração.

Póde allumiar embora
O mundo um sol creador:
Se intima dor me devora,
Ponho os olhos n'essa dor!
Vejo a imagem que está
No meu coração gravada;
No mundo não ha mais nada...
Nem eu suspeito se ha.



Tu agora é essa estampa,
Essa imagem que vês só;
Esses restos, essa campa,
Essas cinzas, esse pó...

Ah! remate universal
De quanto ha vil e sublime,
De toda a virtude e crime,
De todo o bem, todo o mal!

Mas, é possível que acabe
O mal como o bem? Não é.
Não é a razão que o sabe,
Só quem o sabe é a Fé.

Mas... a pó não se reduz
A luz, a alma do homem:
Nem os vermes a consomem;
Os vermes não comem luz!



Ultimo adeus

Fique em silencio eterno a minha lyra;
Vae effluvio de Deus! Deus te bem fade;
N'esta alma em teu logar fica a saudade,
Se a essencia sobrevive á flor que expira.

Dizer-te adeus não pude; quando ocorre
Tal voz ao labio, o labio empallidece,
Como a nota da lyra nos fallece
Ante a lua que cae, e o sol que morre;

Ante o sopro que varre o cedro e o vime,
Ante o sublime aspecto do oceano,
Ante a esposa do Martyr sobrehumano,
Ante tudo o que é grande e que é sublime.

Embora: quando a lampada crepita,
Já falta de oleo languida esvoaça;
A nuvem estala, ruge a onda, e passa...
Guarda silencio a abobada infinita.



IDYLIOS

Carta

Maria! ver-te á porta a fazer meia,
Olhando para mim de vez em quando,
É o que n'esta vida me recreia.

Acordo até de noite suspirando
Por que rompa a manhã e tenha o gosto
De te ver já tão cedo trabalhando.

Desde pela manhã até sol-posto
Que tu não tens descanso um só momento;
Por isso tens tão bella côr de rosto!



E eu pallido, Maria! Ô pensamento
Não é trabalho que nos dê saude:
Esta imaginação é um tormento.

Que bello tempo aquelle em quanto pude
Levar, como tu levas, todo o dia
N'essa vida chamada ingrata e rude!

Nunca soube o que foi melancolia,
Nunca provei as lagrimas salgadas
Com que a nossa alma as penas allivia;

Andava, sim, por essas cumeadas
Ao sol, á chuva, muita vez, sósinho,
Vendo os valles das rochas escarpadas;

Descendo pelo córrego estreitinho,
De pontal em pontal cortando o matto
Pelas chapadas fóra de caminho;

Mas não era que já o teu retrato
Me andasse a mim no coração impresso,
Onde hoje o trago no maior recato,

E um desengano teu, que não mereço,
Me tivesse tirado a fé tão doce
De alcançar algum dia o que appeteco.



Não foi, não, a paixão que assim me trouxe
Tão erradio a mim, digo a verdade
E nem eu te negava se assim fosse;

É que a gente na sua mocidade
Não cabe em si, não pára de contente,
E assim fui eu na flor da minha idade.

Tu eras n'esse tempo simplesmente
A flor que vae nascendo; e mais valia
Seres tão tenra ainda e innocente!

Já esse lindo pé que tens, Maria!
Esse quadril tão largo e cinta estreita
Me não vinha á idéa noite e dia;

Esses encontros de mulher perfeita,
Esse peito redondo e arqueado
Como o de pomba farta e satisfeita!

Talvez vivesse então mais socegado,
Ou já que a minha sorte é sempre triste,
Ao menos não andasse enfeitado!

Esse bello pescoço... não existe
Outro assim torneado! o rosto é lindo
E a tão meiga expressão ninguem resiste!



A bocca é tão vermelha que em te rindo
Lembra-me uma romã aberta ao meio
Quando já de madura está cahindo!

Esses olhos azues... que olhar! Receio
E desejo estar sempre a contemplar-o;
Não ha mais dôce e mais custoso enleio!

Eu não ousou fallar então, nem fallo
De enlevado que estou, e juntamente
Gemendo e abafando os ais que exhalo...

Oh nuvem da manhã resplandecente,
Manto real de seda delicada,
Cada fio um grilhão que prende a gente!

Bem podias, Maria! andar tapada
Só com o teu cabelo á semelhança
Do sol em nuvem de manhã dourada!...

É tudo encantador! A gente cança,
Cança de estar olhando e sempre vendo
Um novo encanto a cada olhar que lança!

E se essa linda voz nos sae dizendo
As mimosas palavras que costuma,
Sente-se a gente logo derretendo;



Que além de um rosto tão perfeito, em summa
Coube-te em sorte um coração perfeito,
E em ti não ha, Maria! falta alguma!

Oh que ditoso, alegre e satisfeito
Não viverá o homem que algum dia
Sentir pular-te o coração no peito,

E que em deliciosissima agonia,
Vendo-te já os olhos desmaiando
Como desmaia o céo á luz do dia,

Nas azas da ventura atravessando
Os espaços de um extase ineffavel
Abraçado contigo fôr voando

Lá para onde tudo é bello e estavel!



Remoinho

Olha como embrulhado
Que está ainda o céu!
E o chão, como ensopado
Da agua que choveu!

Foi um diluvio de agua;
E o furacão que fez,
Emilia! até dá magua
Tantos estragos: vês?

Esta infeliz viuva
Foi-lhe o telhado ao ar;
Depois, já nem da chuva
Tinha onde se abrigar!

De mais a mais sósinha,
Sem ter nenhum dos seus
Aqui ao pé, céguinha...
Bemdito seja Deus!



Além n'aquelle cerro
Parece que raspou
Com uma pá de ferro
A terra que encontrou!

Nem um só pé de trigo
És lá capaz de ver...
Já eu disse commigo:
Como póde isto ser?

As arvores arranca
O vento muito bem;
Serve-lhe de alavanca
A rama que ellas teem.

Vem de lá elle e topa
N'uma arvore, que faz?
Enrola-se na copa,
E tronco e tudo, zaz!

Que as folhas não são nada,
Uma por uma, não;
Mas já uma pernada...
Tão poucas ellas são?

Vê lá se o teu cabello
É para comparar,
Mas possa alguém sustel-o,
Levanta-te no ar.



Aqui um loureirinho,
Que era o que havia só,
Encontra-o no caminho,
Ia-o fazendo em pó.

D'aqui passa, á maneira
Assim de um caracol,
Áquella farrobeira
Põe-lhe a raiz ao sol.

Aquelle enorme tronco
Quiz resistir; depois
Ouviu-se um grande ronco,
Quando o eu vejo em dois:

Andava a rama toda,
Emilia! assim, vês tu?
Á roda, á roda, á roda,
Eis senão quando, ruh!

Foi quando veiu o outro
Urrando como um boi...
Oh que horroroso encontro!
Então é que ella foi!

Vês uma cobra enorme
Á calma, quando está
Grande calor, conforme
As tenho visto já;



Que não tem ar avonde,
Falta-lhe já o ar,
Quer sangue ou agua onde
Se possa refrescar ;

Anceia-se, sacode
O corpo todo a ver
Se vòa, mas não póde,
Voar não póde ser ;

E como não supporta
Já o calor do chão,
Ao ver-se quasi morta
De raiva e afflicção

Apenas finca a ponta
Do rabo em terra, e sáe,
E faça-se de conta
Que é a voar que vae,

N'aquellas roscas todas
Que olhando-se-lhes bem,
São outras tantas rodas
Em cima de onde vem ;

N'aquelle parafuso,
Aquelle rodopio,
Á roda como um fuso
Suspenso por um fio ;



Com a cabeça chata,
Aquelle olhar feroz,
Aquelle olhar que mata
Sempre de fito em nós?

Assim d'essa maneira
É que elle vinha, o tal;
Salta-lhe á deanteira
Este de força equal;

E assim que se avistaram
Não sei o que lhes dá,
Ficam suspensos, param
Como com medo já;

Aquelles sorvedoiros,
Em vez de remoinhar,
Parecem-se dois toiros
Jogando a terra ao ar;

Ouvia-se oliveira
Zunir no ar então
De um para o outro inteira,
Nem bala de canhão!

E assim se vão chegando
Cada vez mais até
Que eu ólho, eis senão quando
Vejo... mas vejo... que?!

.....



Mãe e filho

Primicias do meu amor!
Meu filhinho! do meu seio
Tenro fructo que á luz veiu
Como á luz da aurora a flor!

Na tua face innocente,
De teu pae a face beijo,
E em teus olhos, filho, vejo
Como Deus é providente;

Via em lamina doirada
O meu rosto todo o dia,
E a minha alma não havia
De a ver nunca retratada?

Quando o pae me unia á face
E em seus braços me apertava,
Pomba ou anjo nos faltava
Que ambos juntos abraçasse!



Felizmente Deus que o centro
Vê da terra e vê do abysmo,
Que bem sabe no que eu scismo,
Na minha alma um altar viu dentro:

Mas com lampada sem brilho,
Sem o deus a que era feito...
Bafeja-me um dia o peito,
E eis feito o meu gosto, filho!

Como em lagrimas se espalma
Dor intima e se esvaéce
De alma o resto quem pudesse
Vasar todo na tua alma!

Mas em ti minha alma habita!
Mas teu riso a vida furta...
Mas que importa! (morte curta!)
Se um teu beijo resuscita!



Muito pedir

— Dá-me esse jasmim de cera,
Minha flor?
«Mas e depois, se lh'o dera,
Meu senhor?

— Depois, era uma lembrança.
«Mas de quê?
— De uma tão linda creança,
Já se vê.

«Oh tão linda! Mas parece,
Sendo assim,
Que inda quando lhe não désse
Tal jasmim...

— Não me esquecia por certo.
«Nunca já?
— Nunca. «Nunca é muito incerto,
Mas... vá lá.



— E a rosa, que bem lhe fica!
Dá-m'a, flor?
«Oh a rosa, a rosa pica,
Meu senhor!



Boas noites

Estava uma lavadeira
A lavar n'uma ribeira,
Quando chega um caçador:

— Boas tardes, lavadeira!

5 «Boas tardes, caçador!

— Sumiu-se-me a perdigueira
Alli n'aquella ladeira;
Não me fazeis o favor
De me dizer se a bréjeira
10 Passou aqui a ribeira?

«Olhe que d'essa maneira
Até um dia, senhor,
Perdereis a caçadeira,
Que ainda é perda maior.



15 — Que me importa, lavadeira!
Aqui na minha algibeira
Trago dobrado valor...
Assim eu fôra senhor
De levar a vida inteira
20 Só a ver o meu amor
Lavar roupa na ribeira!...

«Talvez que fosse melhor...
Ver coser a costureira!
Vir de ladeira em ladeira
25 Apanhar esta canseira,
E tudo só por amor
De ver uma lavadeira
Lavar roupa na ribeira...
É escusado, senhor!

30 — Boas noites... lavadeira!

«Boas noites, caçador!...



Rosa e rosas

A Rosa trouxe-me rosas
E nada mais natural,
Mas eu prendas tão mimosas
É que não tenho, inda mal!

Quando tinha, se me desse,
Não digo mais que uma flor,
Talvez de flores lhe enchesse
Esses cofrinhos de amor!

Águas passadas, Rosinha!
Deixal-o; veja se vê
N'este chão que já foi vinha
Coisa que ainda se dê;

Veja e escolha: está na mesa
O que ha em casa... é tirar,
Tirar com toda a franqueza...
Que inda hão de espinhos sobrar!



Mas se espinhos, mas se abrolhos
Lhe não agradam, amor!
Mire-se bem nos meus olhos...
Que ha de ahi ver uma flor!



A donzella

E

O musgo

Um dia, não sei que eu tinha...
Uma tristeza tamanha!
E lembra-me ir á montanha
Que temos aqui vizinha.
Onde em tempo me entretinha
Horas e horas sósinha,
Quando ainda não se estranha
Que n'uma teia de aranha
Se prenda uma innocentinha,
Ou atrás de uma avesinha
Se cance a ver se a apanha.

Depois é que o mundo falla
E se mette com a vida
De quem ás vezes se cala
Por ser mais bem procedida;



Que esta gente que faz gala
Em coisa que vê, contal-a,
E sendo mal permittida
Inda em cima accrescental-a,
Teem a lingua comprida
E bem deviam cortal-a!

Vou pelo córrego acima,
Subo á ponta do penedo;
Que a vida só quem a estima
É que da morte tem medo:
A mesma tristeza anima
A encarar a pé quedo
A morte que se approxima
A tirar-nos do degredo,
Que inda a gente se lastima
De não acabar mais cedo!

E alli sósinha chorando
Me lembrava ora a ventura
Da minha infancia, inda quando
Levava os dias brincando,
Ora a desgraça futura
Que me estava annunciando
Não sei se a minha amargura
Se uma nuvem grande escura,
Que se ia no ar formando
E vinha já avançando,
Como que á minha procura.



E ainda o pranto corria
E o cabelo me batia
No rosto que me doía,
Tal era a força do vento,
Já tudo tão pardacento
A nevoa e chuva fazia
Que eu olhava, mas dizia:
É nuvem ou penedia
Aquelle vulto cinzento?...
O mar brilhante algum dia
Como prata luzidia
Já ninguém o distinguia
Da terra e do firmamento:
Uivar só é que se ouvia,
Mas uivar sem sentimento;
E como em grande tormento
Se desvaira a phantasia,
— Fosse eu mar, disse; valia
Mais ser coisa bruta e fria,
Como a rocha onde me sento!

Faz um trovão no momento
Que eu soltava esta heresia;
E áquella rouca harmonia
Occorre-me um pensamento,
Que me dá uma pancada
O coração de tal modo,
Como se o rochedo todo
Desandasse na chapada...



Era a voz da consciencia
Que me accusava do crime
De negar á Providencia
A razão com que me opprime!
Peço perdão, commovi-me
E n'um extase sublime
Lagrimas de penitencia
Como um balsamo, uma essencia,
Purificam-me e senti-me
Com uma nova existencia!

Ólho; as nuvens esvalham-se:
Os roncões do mar ouviam-se,
Mas já mais de espaço a espaço;
O sol ainda tão baço,
De luz tão pouco brilhante
Que se media a compasso
Como a cara de um gigante,
Descobre-se e resplandece!
Ao longe o mar apparece...
E tudo, mar, terra e céos
Tão formoso me parece
Como se agora tivesse
Sahido das mãos de Deus!

No rochedo onde descança
Meu corpo desfallecido,
O verde musgo vestido
Sempre da côr da esperanza,



Agora reverdecido,
Me ensina a ter confiança
N'Esse que do céu nos lança
Em dia tempestuoso,
Só para nosso repouso,
O arco da aliança!

Pobre musgo descuidado,
Sem olhos para chorar,
Sem poder alliviar
Com seu pranto um desgraçado,
Consolar-se e consolar;
Fallas mais a meu agrado
Que o livro mais afamado
D'esses livros, que em lugar
De nos dar consolação,
Nos fazem cahir no chão
Um pranto mal empregado,
E inda mais amargurado
Nos deixam o coração!

Colhi-o, pul-o no seio,
E é hoje o livro que leio...



Duas rosas

Que bonita, meu amor!
Que perfeita, que formosa!
A ti puzeram-te Rosa,
Não te fizeram favor;
A rosa quem ha que a veja
Bandeando, sem gostar?
Mas por mais linda que seja
A rosa quando se embala,
Não te ganha nem eguala
A ti em indo a andar!

A rosa tem linda côr,
Não ha flor de côr tão linda;
Mas a tua côr ainda
É mais fina e é melhor!
Murcha a rosa, que desgosto!
Só de lhe a gente bulir;
E essas rosas do teu rosto
É em alguém te tocando
Que parece mesmo quando
Ellas acabam de abrir!



Cheiro o da rosa, esse não,
Não é mais do meu agrado,
Que o teu bafo perfumado,
A tua respiração!
Depois a rosa em abrindo
Vae-se-lhe o cheiro tambem;
A tua bocca, em te rindo,
Só o bom cheiro exhala!
E quando fallas, a falla,
Isso é que a rosa não tem!

Ella que tem, meu amor?
O cheiro, a côr e mais nada.
Confessa, rosa animada,
Que és outra casta de flor!
Os olhos só elles valem
Duas estrellas, bem vês;
Pois vozes que a tua egualem
Na doçura, na pureza...
Na terra não, com certeza;
Agora no céu... talvez!

Não ha assim perfeição,
Não ha nada tão perfeito!
Mas é um grande defeito }
O de não ter coração! }
N'isso é que te leva a palma



A rosa sendo uma flor
Sem voz, sem vida, sem alma...
Que abre logo á luz da aurora,
E á noite esconde-se e chora
Pelo sol, o seu amor!

Ora e se a rosa, vê bem,
Tem amor, não tendo vida,
Será coisa permittida
Tu não amares ninguem?
Cuidas que Deus te agradece
Essa isenção, minha flor!
Deus a ninguem reconhece
Por filho senão quem ama...
A terra e o céu proclama
Que elle é todo puro amor!



Botões de rosa

Trazeis-me rosas; de onde as heis trazido,
Boa velhinha e minha boa amiga?
Rosas de inverno? permitti que o diga,
Sois feiticeira! onde as heis colhido?

Na primavera de meus annos ólho,
Mas vejo abrolhos e não vejo flores;
E vós colhêl-as, como as eu não colho...
Sois feiticeira.— enfeitiçaes de amores!

Enfeitiçaes, que a formosura, crêde,
Não vem da face avelludada e bella;
A formosura vem só d'alma; é d'ella
Que brota a fonte que nos mata a sêde.

Vós sois velhinha, já não tendes côres
Que o rosto animem e que os olhos prendam,
Mas tendes prendas que o amor accendam,
Tendes ainda no inverno... flores!



Pois eu vos digo: que por este mimo,
Estes dois gemeos inda tão pequenos,
Daria eu tudo que se vê do cimo
D'essa montanha que domina os reinos;

Donde eu olhára para a terra, e vira...
Vira a meus pés o seductor do inferno:
Mas sendo eu barro... que é do bafo eterno
Que o barro anima, que o sentir inspira!...



Lirio do valle

N'um valle assim flor mimosa
Quem nunca no mundo achou?
Casto lirio côr de rosa,
Que abre só quando eu lá vou!
Que sympathica florinha!
Se visseis como sósinha
A pobre vive feliz!
Vive sósinha e contente
Passando vida innocente,
E maguas nenhuma sente
Ou se as sente não o diz.

Segunda-feira ao sol-posto,
Que me ha de á idéa vir?
Il-a vêr; e tive o gosto
De a encontrar a dormir.
Tinha as pétalas unidas
E n'uma fenda escondidas
Que alli mesmo a rocha tem:
«Dormes? (disse eu) dás-me um beijo?
Dormes, dormes?» Quando a vejo
Ir entreabrindo, e com pejo
Suspirar: — Tu, mais ninguem.



Primeiro amor

A Joaquim de Araujo

Oh Mãe... de minha mãe!
Explica-me o segredo
Que eu mesmo a Deus sem medo
Não ia confessar:
Aquelle seu olhar
Persegue-me, e receio,
Presinto no meu seio
Erguer-se-me outro altar!

Eu em o vendo aspiro
Um ar mais puro, e tremeo...
Não sei que abysmo temo
Ou que ineffavel bem...
Oh! e como eu suspiro
Em extase o seu nome!...
Que enygma me consomme,
Oh Mãe de minha mãe!



Miseria

A Silva Pinto

Era já noite cerrada,
Diz o filho: «Oh minha mãe,
Debaixo d'aquella arcada
Passava-se a noite bem!»

A cega, que todo o dia
Tinha levado a andar,
A taes palavras do guia
Sentiu-se reanimar.

Mas saltam dois cães de gado,
Que eram como dois leões:
Tinha-os á porta o morgado
Para o guardar dos ladrões.

Tornam os pobres á estrada,
E aonde haviam de ir dar?
Ao palacio da tapada
Onde el-rei ia caçar.



À céguinha meio morta
Torna o filho: «Oh minha mãe,
Alli no vão de uma porta
Passava-se a noite bem!»

— Se os cães deixarem... (diz ella,
A triste n'um riso amargo).
Com effeito a sentinella:
— «Quem vem lá?... Passe de largo!»

Então céguinha e filhinho,
Vendo a sua esperança vã,
Deitaram-se no caminho
Até romper a manhã!...



Sonho doirado

A Gomes Percheiro

— Não vá tão depressa,
Que eu fico sósinho;
Vá mais de mansinho,
Que a gente tropeça
Por este caminho.

«Mas, filho, anoitece
E lua não temos;
Já quasi não vemos,
Depois, se escurece,
Aqui ficaremos.

— Eu quero e não posso,
Que eu não comi nada;
A mãe, de apressada,
Inda antes de almoço
Metteu-se á jornada.



«Mas, filho, desterra
Já essa lembrança,
Que a gente se alcança
O alto da serra,
Depois já não cança.

— Chegar á altura
Talvez não consiga,
Que a fome me obriga,
Mas sinto tontura
De tanta fadiga.

«Ficar n'um deserto
É um desatino;
Tu tão pequenino,
E nós já tão perto
Do nosso destino!

— Ah, mãe, que tristeza,
Não ter uma choça!
Que a gente não possa,
Não fallo em riqueza,
Mas ter casa nossa!

«Em baixo na aldeia
Em casa do cura,
Se alguém o procura
Tem cama e tem ceia
Até com fartura.



— Tal cura é um santo,
Uma alma bem nobre ;
Se assim trata o pobre,
Que Deus lhe dê tanto
Que sempre lhe sóbre!

«Sim, dizem que ás portas
Do santo velhinho
Costuma um anjinho
Vir lá horas mortas
Pôr pão, carne e vinho.

— E que elle reparte
Depois pela gente ?
Já vou mais contente ;
Talvez me inda farte
E durma bem quente !



Maria da Graça

(No seu oitavo aniversario)

Gostas de contos, Maria?...
Pois um te vou eu contar
Que me contaram um dia
E me ha de sempre lembrar:

Houve um tempo uma menina
D'essa idade ou pouco mais,
(Chamava-se ella Angelina)
Que era o encanto dos paes.

Os paes eram pobresinhos,
Não a podiam trazer
Bem vestida, coitadinhos,
Mas que haviam de fazer!

Nem tudo a todos é dado,
E vestir bem, vestir mal...
Andar limpinho, asseado
É o ponto principal.



Ella o cabello, as orelhas,
O rosto, o pescoço, emfim
As mesmas chitinhas velhas
Cheiravam a alecrim!

Só isto, fosse ella cega,
Lhe dava graça a valer;
Quanto mais sendo tão meiga,
Que mais não podia ser:

Às vezes, que não havia
Nem um bocado de pão,
E a pobre mãe não podia
Disfarçar a afflicção,

Já ella, toda anceada
Por ver a chorar a mãe,
Principiava, coitada,
Com as lagrimas tambem:

— Não sei porque se consome
Em não tendo que me dar;
A mim não me custa a fome,
Custa-me vel-a chorar! —

E beijando e abraçando
A mãe para a distrahir,
Toda trémula, chorando,
Fingia que estava a rir!



Quando chegou á idade
De já dizer tudo bem,
Claro e com facilidade,
A mãe fez o que convem:

Pôl-a na escola (que a gente
Não é como os animaes,
Que vêem unicamente
Com os olhos, nada mais:

Quem teve a grande desgraça
De não aprender a ler,
Sabe só o que se passa
No logar onde estiver,

Assim como um porco immundo
Que vê dois palmos do chão:
Do mais que vae pelo mundo,
Nunca póde dar razão).

Pôl-a na escola que havia
De uma senhora de bem,
Que ensinava, e recebia
Só dos ricos, mais ninguem.

Lá a levou vestidinha
Pobremente, já se vê,
E toda envergonhadinha,
Talvez sem saber de quê!



A mestra que se a algumas
Tratava com mais amor,
Era ás pobres, disse a umas
Das que trajavam melhor:

— «Todas são alumnas minhas;
Aqui todas são eguaes
(E ás vezes as pobresinhas,
Tendo menos, valem mais...)

Façam logar as meninas
A esta que agora vem;
Como é das mais pequeninas
No meio, ahi, fica bem.

E ella assentou-se no meio
Das taes, por signal até,
Mostrando certo receio
De se lhes chegar ao pé.

Com effeito era mania
Das taes meninas mofar
De alguma que não podia
Tanta riqueza ostentar:

E mal viram descuidada
A mestra com outras, diz
A que era mais estouvada
Zombando da infeliz:



— «Quem lhe deu esse vestido?
Isso era da sua mãe?
Porque lhe está tão comprido!
Isso que prestimo tem?»

Diz a outra: — «Olha esta fita
Do cabelo! . . . Era melhor
Atal-o com uma guita . . .
Já nem se lhe sabe a côr!»

Assim levaram o dia,
A ponto que já as mais
Entravam na zombaria
Que estavam fazendo as taes.

A pobre, com a vergonha
Por que a fizeram passar,
À noite deita-se e sonha . . .
Que havia de ella sonhar?!

Que vê cabir uma estrella
Do grande collar de Deus,
Tão brilhante, que só ella
Alumiava esses céos;

E a estrella vinha descendo,
Amparando-se no ar,
Como uma pomba sustendo
As azas para poisar . . .



E poisou a poucos passos;
E ella, cega de esplendor,
Sente que a tomam n'os braços
E a beijam com muito amor:

Beijos como só lhe dera
A propria mãe que a creou;
Mas essa mãc... bem não era...
Quem era?! E n'isto acordou.

Abre os olhos, vê na meza,
Onde a mãe tinha uma cruz,
Oh que enxoval! que riqueza!
E põe-sc: — Jesus! Jesus! —

Acode a mãe, e pasmada,
Espantada do que vê,
De mãos postas, ajoelhada,
Reza... sem saber o quê!

Ergue-se então e desdobra
Uma capa, um chale, um véo,
Vestidos muitos, de sobra,
E tudo feito do céo...

D'aquella seda tão pura,
De tão delicada côr
Que a gente vê n'essa altura
Onde está nosso Senhor;



E assim toda entremeada
De estrellinhas taes e quacs,
As de uma noite estrellada,
Brilhantes como crystaes!

Ao outro dia Angelina
Vae á eschola, e mal entrou,
Parece que a luz divina
Toda a casa alumiou!

Oh! como aquellas vaidosas
Não haviam de ficar...
De vergonha as presumpçosas
Nem levantavam o olhar!

Assim é que a Providencia
Costuma fazer aos vis,
Que levam a insolencia
A zombar de um infeliz!

Hoje é dia dos teus annos;
O presente que te dou,
É mostrar-te os desenganos
Que esperam quem se exaltou.

Quizera que toda a vida
Te conservasse o Senhor
Meiga, humilde e condoida
Com a miseria e a dor!



Conto infantil

Elvirinha, diga, diga,
Minha amiga,
Não me quer?!...
Tudo por quanto suspira,
Dou-lhe, Elvira,
Se quizer!

Um beijinho bem saudoso
Bem mimoso,
Não me dá!
Não me mata este desejo?
Dá-me um beijo?
Diga lá!

Não me conta alguma historia,
Minha gloria,
Minha flor?!
Não me conta algum continho
Meu anjinho,
Meu amor?!



Senão conta, então eu conto
Lindo conto
Que apprendi,
Quando eu era d'essa idade
N'uma herdade
Que ha aqui.

E elle é tão lindo, tão lindo!...
Vá ouvindo:
Mette dó!
Pobre galo, morto á faca,
De casaca
E paletot!

Lembrou-se elle, esse tal galo...
(Vou contal-o,
Ha de ser já:)
Ir um dia de espavento
Ao convento,
Que além está.

Bons sapatos nóvosinhos
Nos pésinhos
Encaixou;
Vestiu calças de veludo,
Vestiu tudo
Quanto achou.



Lenço bordado de flores
Furta-côres,
De setim,
Tão lindo que nem de seda
Que lhe exceda
Vi assim!

Pedi a sege ao vizinho,
Seu padrinho
E seu patrão,
Tão galante, tão bonita,
Tão catita,
Que mais não.

Salta n'ella e vae trotando,
Suspirando
Por ver já
Certa franga seus amores
De mil côres,
Que lá está.

Chega á porta canta o galo,
Vem escutal-o
Do quintal
Mui contente a franginha:
Bonitinha,
Que era a tal.



Confessou-lhe a prisioneira
Mui lampeira
O seu amor,
Ouve o galo, e na loucura
Vae, procura
O confessor.

Diz o galo:— Meu compadre,
Senhor padre,
Quer ouvir?
Tenho aqui um casamento
No convento
Que pedir.

«Pois filho, que demoramos?
Vamos, vamos,
Se lhe apraz;
Que sem fallar á rodeira
Faz asneira,
E nada faz.»

Foram ambos e bateram
Responderam,
Mas então?!
Responderam que em conventos
Casamentos
Nunca estão!



Pede o galo um segredinho,
De mansinho
Diz e diz...
Toma-o ella á sua conta
Pela ponta
Do nariz;

Tira uma faca do bolso
E o pescoço
Tal lhe fez,
Que os dois quartos da casaca
Poz-lhe a faca
Em mais de tres.

Veja agora, minha Elvira,
Se admira
E faz chorar!
Perder assim um fadista
Vida e crista
Por casar!

Diga, pois, se foi ouvindo,
Não é lindo?...
Mette dó!
Pobre galo morto á faca
De casaca
E paletot!



Braille

Recitada por uma alumna do Asylo-Creche dos Cegos
n'um beneficio

Filha da instituição
Que tem a santa missão
De guiar, de dar a mão
E dar luz a quem não vê,
Seria talvez melhor
Mostrar alguma instrucção,
Lendo, escrevendo... Mas, quê?
Se vós dirieis: — Não lê,
Diz o que sabe de cór! —

Todayia, nós sabemos
Ler, escrever e contar...
Quanto se pôde esperar
Do curto estudo que temos:
Inda outro dia nós lemos
E achámos muito engraçada
A fabula intitulado
A Cigarra e a Formiga.



Se vós quizerdes que a diga,
A mim não me custa nada;
Que eu não a li, decorei-a;
E aqui n'esta folha e meia,
Quando a memoria me falhe
A tenho em letra de Braille.

Braille, esse engenho subtil!
Braille, intelligencia rara!
Cego... mas d'esses céguinhos,
Que fazem com seis pontinhos,
O que não fazem com mil
Muitos de uma vista clara!

Em summa, vista não temos;
Mas, na pontinha do dedo,
Cá temos certo segredo
Com que lemos... com que *vemos!*



Sonhando

Vem de alto gosar, lirio!
Noite estrellada e tepida;
A vista ao céo intrepida
Lança, penetra o empyreo;

Dilata os seios tumidos;
Larga este terreo albergue;
Nas azas da alma te ergue,
Ergue os teus olhos humidos.

Que vês? — Sóes, de tal sorte
Que os crera tochas pallidas,
Quando as guedelhas medidas
De sangue arrasta a morte. —

Virgem de eburneo humero,
Cada luz de essas conta
Acima outras sem conta,
D'esses clarões sem numero.



Transpõe-n'os ; que elevando-te,
Por cada um d'aquelles,
Milhões e milhões d'elles
Verás alumando-te.

Ávante, pois, acima
Dos sóes de uma luz tremula ;
Alma dos anjos emula,
Deus o teu vôo anima.

Que vês? — Um vacuo eterno. —
E n'elle? — Em ermo tumulo,
Em ignea letra... (cumulo
De horror...) BYRON... o inferno! —

Animo, virgem, animo,
A vista entranha n'elle!
— Não posso; o olhar repelle,
Repelle o peito exanimo. —

Foge! — O horror fascina-me
São reprobos que exalam
Horridos ais que abalam
O inferno... Oh Deus, anima-me! —

Escuta-os! — Escutemol-os...
Como elles bramam, rugem,
E o espaço uivando estrugem...
Gelam-se os membros tremulos! —



Entra! — Não posso. — Arromba!
— Prohibem-m'ó. — Subleva-te.
— Prohibe-o Deus. — Eleva-te.
Acima, ingenua pomba.

Que vês? — A luz clareia-me!
Que céo, que azul ethereo!
Oh extase, oh mysterio!
Sobeja a vida, anceia-me... —

Falla. — Deus! que harmonia.
Aqui a alma exalta-se;
A alma aqui dilata-se...
CAMÕES... É a Poesia!



DISTICOS

N'um album

Esta vida é um mar; e n'este mar
Qual é o astro que nos alumia?
Que norte, estrella ou bussola nos guia?...
Um olhar de mulher! um terno olhar!



Dois céos

Olhos azues... os teus!
São de um azul tão doce,
Que ainda que não fosse
Creado o céu por Deus,
Elles eram uns céos!

Anonyma

Sei que és um anjo: o que ignoro
É o teu nome; mas eu,
Se passo e ólho, o que imploro
É amor, anjo do céu!

Dizendo-te eu o nome, e tu a mim,
Nem tu nem eu sabia mais que assim:
Um nome não é nada! O que mais vale
É boas almas e um amor igual.



Patria

Como o prodigo volta ao lar paterno
Desenganado do que em vão procura,
Eu já desfalecido n'esta lida
De sonhos sobre sonhos de ventura,
Desejava dormir o somno eterno
Abrindo junto ao berço a sepultura!
Fechar em summa o circulo da vida
No saudoso ponto de partida!

Chegado pois, Senhor, aquelle dia
Que se me apague a luz que me alumia,
Deixai-me descansar onde repousa
Meu santo pae, e sua terna esposa
— A minha santa mãe!
Ser-me-hia assim mais leve a fria lousa...
Que a terra onde se nasce é mãe tambem!

Sempre

Nem te vejo por entre a gelosia;
Nunca no teu olhar o meu repouisa;
Nunca te posso ver, e todavia
Eu não vejo outra coisa!



N'um album

Mal sabes, nem eu posso descrever-te
Esta minlia fatal melancholia;
Não me lembra de ver romper o dia;
N'esta alma é sempre noite! Mas ao ver-te,
Porque será que a mim se me converte
A noite em luz e a magua em alegria?
Não serás tu o sol que me alumia?

Clarão

Não viste como ha pouco, descobrindo
O sol n'um instantaneo desencontro
De duas nuvens carregadas, lindo
Que ficou tudo, céu e mar tão outro?
Fita em mim os teus olhos um momento,
Verei raiar o sol no firmamento!



N'um album

Se o nosso coração tivesse porta
Por onde a gente visse o que lá ia,
Já eu, minha senhora, vos dizia:
«Não me posso exprimir, mas pouco importa.
Olhae, que haveis de ver entre os deveres,
Que a gratidão gravou em caracteres
Que só póde apagar o Creador,
O de vos distinguir entre as mulheres
Como um primor, um mimo, a gemma, a flor!

N'uma rosa artificial

Diz a virgem, vendo a rosa
Que principia a abrir:
És como eu sou, flor mimosa!
Não se te deve bolir.



Esperança

Sempre que em vida, flor, passado o marco
Divisorio da esperança e da saudade,
Uma lagrima ás palpebras te assome,
Olha essa bella ponte de um só arco,
Que o Architeto de ineffavel nome
Lança para passar a tempestade!

Amo-te

Eu não te posso a ti dizer mais nada
Senão essa palavra já sem força,
 Á força de empregada.
Mas eu, timida corça
 E minha amada!
 Pomba innocente,
Tão longe e tão presente!
Digo-a a ti com quanta força mais,
 Mais puro intuito
 E mais razão!
N'essa palavra as syllabas são ais
Que me saem a mim do coração:
 — Amo-te... muito! muito!



A uns annos

Dura a vida como a flor ;
Mas dura uma eternidade
Passada na anciedade,
Passada no dissabor.

Quando a fortuna bafeja
O fragil baixel da vida,
Nunca parece comprida,
Por mais comprida que seja.

Ora tendo vós a sorte
De ver hoje a vosso lado
O vosso filho adorado,
Vossa adorada consorte,

A natural alegria
Vos faz cahir n'um engano ;
Vós não fazeis mais um anno . . .
Fazeis, mas é — mais um dia.



Gutenberg

Oh filho de Mayença
Falado em toda a parte,
Oh inventor da arte
Que a todas perpetúa!
Oh inventor da Imprensa,
— Luz da humanidade!
Justa celebridade
E pura gloria a tua!

(N'um numero consagrado a Gutenberg.)

Os Lusíadas

Os LUSÍADAS estão como na hora!
Tres seculos e nada,
Nem uma lettra unica apagada!
Porque a gente decora,
E nem os vermes comem
Não traçam, não consomem
Uma obra inspirada,
Suma-se o vulto, que a compoz, embora.
Os dons da Divindade
— A belleza, a verdade,
Essa gloria de Deus como do homem —
Raíam e ficam em perenne aurora!



Camões

Camões comparado
Aos mais escriptores,
Nem entre os maiores
Foi sempre egualado:

Qual d'elles deu brado
Com tantos primores,
Taes fructos e flores
De engenho inspirado?

Com graças tão finas,
Sciencia tamanha?
Estancias divinas!

Qual d'elles lhe ganha?
Os mais são collinas,
Elle é a montanha!



A Alice Moderno

Senhora! Deus vos depare
Um coração que se inflamme
Tambem ao ler o que eu li;
Um coração que vos ame,
Um braço que vos ampare,
Alma que vos alumie!
E pois sois dada a voar,
Tambem sustereis no ar,
Bem alto e longe d'aqui,
Quem vos ame, ampare e guie!

(Em agradecimento de um exemplar das *Aspirações*.)

No album

(De D. Guiomar Torrezão)

Tinheis-me já inspirado
Tão profunda sympathia,
Que se me fosse a mim dado
Dizer-vos o que sentia,
Vos tinha já declarado
Que vos amava, Guiomar!
(Mesmo antes de vos fallar...)



Censura

Ao livro inutilizado de Eugenio de Castro,
Novas Poesias

Tem phantasia, coração sensível,
E, apesar de baixinho, ergue-se ao nível
De mais de um escriptor, que em verso e rima
Ahi cultiva a lingua com primor.

Como Qualificador
(Por commissão e favor)
Amigo e admirador,
Voto que a obra se imprima.
Taxal-a... taxe o leitor.

Em bilhete de visita

A D. Antonio da Costa

Ja li o novo livro; e se me cabe
Juizo em tal materia, ingenuamente
Dir-vos-hei que é um livro de quem sabe,
E ao mesmo tempo um livro de quem sente.



D. Margarida Relvas

A terra póde gastar
O corpo que aqui se encerra;
Não póde gastar a terra
O nosso eterno pesar!

Era a mãe, a meiga irmã
Da desgraçada pobreza!
E a flor, a gloria, a nobreza
Dos ricos da Collegã!

(Para se distribuir nas exequias celebradas na Collegã em abril de 1887.)

Epitaphio

Aqui jaz o amor
De filho, esposo e pae,
Da justiça e do bem!
Homens de bem, choraе!

(Na campa do Dr. Antonio Joaquim de Araujo.)



Victor Hugo

Corre a nação afflicta
A ver se elle está morto:
Quem sabe? O mundo absorto
Espera a decisão...
Que as multidões se assomem,
Que apalpem, tudo hesita;
Porque era aquillo um homem,
Um simples homem? Não!

(N'um numero consagrado a Victor Hugo, por occasião do seu fallecimento.)

Epitaphio

No jardim do coração
Nasceram-nos duas flores;
Mas quasi ainda em botão
Desbotaram-lhes as cores,
E eil-as cahidas no chão...
Onde estão nossos amores,
E os nossos olhos estão!

(Offerecido ao Dr. Theophilo Braga e sua Ex.^{ma} Esposa para a campa dos seus filhos, em cuja lapide está gravado.)



No tumulto

De Alice Lopes de Oliveira

Ella aqui jaz, Alice...
Ás quinze primaveras!
Ah! custa a crêr devéras
Que Deus tal permittisse!

Menina, e em condição
De vida venturosa...
Como é, Senhor! que a rosa
Se esfolha inda em botão?!

Luctuosa

«Faz hoje um anno que falle-
ceu o eminente poeta Gonçalves
Crespo.»

(Correio da Noite.)

Triste noticia, tristemente lida!
Faz hoje um anno que morreu aquelle,
Que me cantou a mim! Choro eu a elle...
É de cantos e lagrimas a vida!



Epitaphio

Uma idéa unicamente
Teu esposo e filhos sustém:
Ver-te ainda eternamente,
Cara esposa! terna mãe!

(Na campa da esposa de Albino José de Moraes Ferreira.)

Amigo velho

Uma vez encontrâmo-nos os dois
N'esse mar da politica; depois,
Como diversa bussola nos guia,
Cada qual foi seu rumo: todavia
Em certas almas nunca se oblitera
A afeição de um companheiro antigo:
Sou para vós por certo o que então era;
E eu, como então na minha primavera,
Abraço o venerando e velho amigo!

(A Martins de Carvalho n'um dia dos seus annos.)



A estrella do Egypto

Quem te manda, linda estrella,
Quem te colheu do jardim?
É segredo? Não foi ella...
A mais formosa donzella,
Que te colheu para mim?

Oh! se outra mão te arrancara
Perderas aroma e côr;
Nem a estrella conservara
Sua graça extrema e rara,
Seu perfume e seu frescor.

Andaluzia

A tua consternação,
A tua angustia mortal,
Mostra-nos uma verdade:
Que o mundo está ainda em formação,
Mas quanto á ordem physica; a moral
Essa levou a ultima demão
Quando Christo nos trouxe a Caridade
N'esta palavra — Irmão.



Cabello loiro

Tenho no coração
Um santuario de oiro,
Altar de adoração
A um cabelo loiro.

Loiro ou castanho, aquelle
Que em tempo me prendeu.
E de quem era elle?
Bem sabes que era o teu.

E vel-o hoje ainda
Mais bello... que surpresa!
Deliciosa ingleza!
Que cada vez mais linda!

Velho operario

A Anthero de Quental

Trabalhei emquanto pude,
Regando do meu suor
Campos que não eram meus;
Velho e com pouca saude,
Faltam-me as forças, senhor,
Peço por amor de Deus!



Engeitadinha

— De que choras tu, anjinho?
«Tenho fome e tenho frio!
— E só, por este caminho
Como a ave que caiu
Ainda implume do ninho!...
A tua mãe já não vive?
«Nunca a vi em minha vida;
Andei sempre assim perdida,
E mãe por certo não tive!
— És mais feliz do que eu,
Que tive mãe e... morreu!

As creches

«Mãe! leva-me também?
— Não póde ser, filhinha!
«Pois deixa-me sósinha?
— Deixo-te a outra mãe...
Que é mãe da orfandade
E como mãe te ama!
«E ella como se chama?
— Chama-se a Caridade!

(Para se distribuir n'um bazar em beneficio das Creches.)



A uma menina

Anjo! quem do céu vos trouxe,
E vos perdeu?
Desterro que isto não fosse,
Quanto não era mais doce
Viver no céu!

N'uma campa

Quando em vida adormecia,
Eu de olhos fechados via,
Sentia, ria e chorava;
Conforme o que a phantasia
Em sonhos me desenhava:
Era o corpo que dormia,
Era a alma que velava.
No leito ou na campa fria,
Para a alma é sempre dia.



Alma

Os olhos são da terra,
A alma, essa é do céu:
A luz que a alma encerra
Nada a desvaneceu.

Mergulha até ao fundo
D'esses profundos mares
E vae por esses ares
Até ao outro mundo...

No infinito espaço
Liberrima divaga;
Nada lhe embarga o passo
E nada a luz lhe apaga.

Hilariana

Se eu de bordão e saccola
For bater ao seu portão,
Menina, dispenso a esmola;
Deixe-me beijar-lhe a mão.

No Dia.



Na campa
DE
Anthero de Quental

Aqui... jaz pó; eu não; eu sou quem fui...
Raio animado de uma Luz celeste,
Á qual a morte as almas restitue,
Restituindo á terra o pó que as veste.

A
D. Albertina Paraiso

Cantas com voz tão suave
Que lembras ingenua ave,
Que, se intima dor a opprime,
Não a reprime, não cala;
Mas tambem não chora... canta!
Que é assim que ella se exprime,
Nem Deus lhe deu outra falla:
As notas são ais que exhala,
E n'esse pranto sublime
Desabafa... e nos encanta!



Invocação

Oferecida ao INSTITUTO JOÃO DE DEUS, em Braga

Praza a Deus que a sã doutrina
Que n'esta casa se ensina
A alma nos esclareça;
Que esta luz tão pequenina
Cresça por graça divina
Até que emfim resplandeça.

A alma como o diamante
Sendo polida é brilhante;
Em bruto não luz, não brilha,
Não se distingue da terra,
Não descobre a luz que encerra,
Não mostra de quem é filha.

No festival

(8-3.º-93)

Esta festividade
É feita ao pobre velho!
Fal-a a Mocidade...
Que será sempre espelho
Da generosidade.

Na *Vitalidade* de Aveiro.



Estas honras, este culto
Bem se podiam prestar
A homens de grande vulto;
Mas, a mim, poeta inculto,
Espontaneo, popular,
É de véras singular.

No *Seculo*, n.º 4:715.

Que vindes cá fazer, oh Mocidade,
Despedir-vos de mim? Quanto vos devo!
Tambem levo de vós muita saudade!
E em lá chegando á outra vida,... escrevo.

No *Diario de Noticias*, n.º 10:492.

Será uma grande festa,
Uma festa singular!
Ah, mas se eu escapo d'esta...
Tenho muito que contar!

(Em conversa com a Esposa.)



Esparsas

Ao vêr que tudo me cansa
E até já nem fallar posso,
Lembra-me quando fui moço,
Consola-me essa lembrança.

Já gosei a mocidade,
Já fui agil e robusto;
Agora vou indo a custo
Caminho da Eternidade.

Sei que o circulo da vida
Se ha de fechar, é bem certo;
Mas o ponto da partida
Não n'ô quizera tão perto.

Caparica, Agosto de 1895.

Patria... é a bonança
Depois do temporal;
É onde se descansa
No leito sepulchral.

Não ha maior conforto...
Que a todo o que viveu
Em busca d'este porto...
A patria — é lá no céu.



CANTICOS

Psalmo

Pois não credes em Deus, vendo-o nas flores,
Nos labios da mulher que se namora
Quando um beijo libou dos seus amores!

Eu vejo a Deus na rosa quando chora
Lagrimas ternas, lagrimas de encanto
Ao ver mais uma vez romper a aurora.

Eu vejo a Deus n'um filho que amo tanto!
Eu oiço a Deus gemer n'um seu gemido,
Eu oiço a Deus cantar se oiço o seu canto!



Tenho-o mais de uma vez, adormecido,
Achado a suspirar meu proprio nome
No leito do meu anjo tão querido!

Sempre que a dor ás palpebras me assome,
Que apalpe o coração que a dor me rala,
O sinto junto á dor que me consome.

Elle soffre comnosco! Elle nos falla
Pelos humidos labios do menino
Que do collo da mãe no chão resvala.

Elle é que a luz nos dá, pharol divino,
Centro dos sóes, dos mundos, do universo,
Que ao halito da flor marca o destino!

Elle a face nos lambe! Elle do berço
Das aguas se se ergueu, tambem valente,
Cedro e lirio caliu, voou disperso!

Como é grande Jehovah, como é clemente!



Oração

No album de Rachel

Olha por ella tu, dos céos que habitas,
Do mundo oh creador!
Ampara o lirio delicado e fragil,
Ampara a debil flor!

Do manto que te envolve e d'onde pendem
Sóes sem conto, dos céos,
Ella baixou á terra, estrella tua,
Anjo dos anjos teus.

Exhalaste-a do seio á terra ingrata
N'um suspiro de amor:
Ou na terra a protege, ou sobre nuvens
Volva a teu seio, Senhor!

Não permittas que a dor seus labios murche,
Senhor, que és Deus e pae!
Senhor, a cujo halito vacila
O mundo, e o cedro cae.



Ah nunca os olhos seus lagrimas turvem
De acerba anciedade,
Nunca, Senhor, por ti! que em sóes te firmas
Dos céos na immensidade.

Se o raio que as nuvens sobre nós disparam
VeloZ rasgando os ares
Á voz tua, bom Deus, lá vae sumir-se
Nas entranhas dos mares;

Se á flor, filha do sol, que á luz só vive,
A luz mandas, oh Deus!
E saudoso no céo, na gloria esperas,
Bom Pae, os filhos teus;

Do mundo oh Creador, que o mundo abranges
Dentro em tua clemencia,
Ampara o lirio delicado e fragil,
Protege a innocencia!



Luz da Fé

A Joseph Bénoliel

Tu, sol! já não me alegras
Como alegravas, não:
Vós, sim, ó nuvens negras,
Relampago e trovão!

Quando o trovão me aterra,
Recordo-me de Deus;
Abalo cá da terra
E vou por esses céos:

E lá n'essas alturas,
Por onde só a fé
Em regiões tão puras
Nos deixa tomar pé;

Voar, pairar nos ares
Como uma aguia cá,
De lá só vejo os mares,
E é porque a luz lhes dá.



O mais, como se apanha
E empolga com a mão,
Seja a maior montanha,
Seja a maior nação;

O mais fica no fundo
D'esse infinito mar;
O mais pertence ao mundo...
É escusado olhar.

Deus deixa ás creaturas
Cá baixo a sua cruz,
E fecha as almas puras
N'um circulo de luz:

As chagas, as miserias
Cá d'este lamaçal,
Nas regiões ethereas,
Lá não se avista tal.

É só a luz que foge,
Mais uma irmã que tem
— A alma — que até hoje
Não a prendeu ninguém,

São essas duas luzes
(Qual d'ellas tão subtil
Que ás forças e ás cruces
Do despota mais vil,



Se escapam de tal modo
Que é de os fazer raivar)
Cá d'este mundo todo
O que se vê brilhar!

Porque uma e outra aspira
Continuamente ao céu,
A alma que suspira,
E a luz que Deus nos deu.

Porque uma e outra é pura,
Perpetua e immortal;
E a sua formosura,
Não ha nenhuma igual.

Quem é, oh luz formosa,
Oh minha bella irmã,
Quem é que faz a rosa
Abrir pela manhã?...

Eu amo-te e (as trevas
Não teem esplendor!)
Tu só é que me lévas
O tempo e o amor!

Mas eu estimo o raio
E gosto do trovão,
Por ver que quando caio
É que me elevo então.



Por ver que em tendo medo
Mais se me aviva a fé;
E a fé, não ha rochedo
Firme como ella é!

Por cima da desgraça
Ou seja do que for,
Ella não olha, passa
De fito no Senhor!

A essa luz divina,
Oh luz! é que tu és
Tão pura e crystallina
Como o senhor te fez!

Por isso a noite escura...
Ah! se eu a preferi
Á tua luz tão pura,
É por amor de ti!



Padre Nosso

Pae nosso, de todos nós,
Que todos somos irmãos;
A Ti erguemos as mãos
E levantâmos a voz:

A Ti, *que estás no céu*
E nos lanças com clemencia,
Do vasto estrellado véo
Os olhos da Providencia!

Bemdito, *santificado*
Seja o teu nome, Senhor!
Inviolavel, sagrado
Na bocca do peccador!

E *venha a nós o teu reino!*
Acabe o da vil cobiça!
Reine o amor, a justiça
Que prégava o Nazareno;



De modo que *seja feita*
A tua santa vontade,
Sempre a expressão perfeita
Da justiça e da verdade!

Seja feita assim na terra
Como no céu onde habita
Esse, cuja mão encerra
A criação infinita!

O pão nosso n'esta lida
De cada dia nos dá...
Hoje, e basta; a luz da vida
Quem sabe o que durará!

E perdoa-nos, Senhor,
As nossas dividas; sim!
Grandes são, mas é maior
Essa bondade sem fim!

Assim como nós (se é dado
Julgar-nos também crédores),
Perdoamos de bom grado
Cá aos nossos devedores.

E não nos deixes, bom Pae,
Cahir nunca em tentação;
Que o homem, por condição,
Sem o teu auxilio cáe!



Mas tu, que não tens segundo,
Mas tu que não tens igual,
Dá-nos a mão n'este mundo,
Senhor! *livra-nos do mal!*



Loas

À

Senhora do Cabo

No cirlo do Almargem

Recitada por anjos alternadamente

AO RECEBER A BANDEIRA

Quem a Mãe do Céu adora,
Avalia o que se passa
Em vossas almas agora.
 Todos assentámos praça
E prestámos juramento
À Virgem cheia de Graça
 Por isso n'este momento
Como irmãos tomamos parte
No profundo sentimento
 Que vos deixa este estandarte.



RECEBIDA A BANDEIRA

Vae renascer a aurora
Que as nossas almas banhava
N'uma luz consoladora!

De cá onde ella raiava,
Lá ao longe reflectia
A suave luz que dava.

Não é como a luz do dia,
Como a luz do sol que passa;
Ella a todos alumia,
A Virgem cheia de Graça

Mas quando os céos escurecem,
Quando os astros se nos somem,
Sempre os olhos esmorecem.

Oh Mãe de Deus e do homem,
Que tomaes tamanha parte
Nas maguas que nos consomem;
Thesouro d'onde reparte
Os seus dons a Divindade!
Quem ha que de vós se aparte
E resista á saudade!

Maria! Maria!
Celeste harmonia!
Nos labios doçura
Na alma alegria!



Ó Virgem pura!
Mãe de Jesus!
Que a toda a cruz
Acompanhaes!

Por que esperaes,
Mãe de piedade?
Ouvi os ais
Da saudade!

Vinde, Senhora!
Aquelle povo
Quer ver de novo
Raiar a aurora!

E vós, donzellas
Virgens mimosas,
Tecei capellas
De brancas rosas!

Deixae pezares,
Cantae louvores,
Ornae de flores
Os seus altares!

Candidos lirios,
Ternos martyrios
Encham os ares
Do seu aroma;



Que ella, a Rainha
Prestes caminha,
Prestes assoma
N'esses logares.

Á SAHIDA

De luz se inundem os céos,
Frangem-se as nuvens de ouro
Em honra da Mãe de Deus!

Essa gloria, esse thesouro
Que o Senhor tem a seu lado,
E os anjos cantam em côro!

Aquella que o seu cuidado
É a pobre mãe afflicta.
E o orfão desamparado,
Virgem Maria bemdita!

Curvae arvores frondosas
Até ao chão vossa rama!
Encha-se a estrada de rosas!
Esta é quem o céu proclama
Santa, pura, immaculada!
Que os seus filhos tanto ama!

Incansavel advogada
E protectora nos céos
De toda a alma accusada
Lá no tribunal de Deus.



Esta é quem o navegante
Debaixo da tempestade
Chama, invoca supplicante!
Que em toda a necessidade
Nos ampara, nos abriga
No seu manto de piedade!
Que uma palavra que diga
Ao Filho em nosso favor,
Já o Senhor não castiga;
Condoe-se do peccador.

NO TRANSITO

Oh joia primorosa
Da coroa do Senhor!
Oh sempre fresca rosa
De puro e casto amor!

A quem a flor envia
O seu primeiro aroma
Logo ao romper do dia,
Mal a aurora assoma.

Oh immortal aurora
Que céo e terra encanta,
Por quem a rosa chora,
Por quem a ave canta!



A quem por toda a terra,
A quem por todo o mundo,
No pincaro da serra,
No valle o mais profundo,

Foi levantada igreja,
Foi levantado altar,
Que ao longe nos alveja
Como um baixel no mar!

Em ti se abriga a esperança,
Na grande desventura; •
Em ti auxilio alcança
O triste que o procura!

Em ti se quebra o encanto
De mal fundado amor!
Em ti se enxuga o pranto
De irreparavel dor!

Maria! Maria!
Celeste harmonia!
Nos labios doçura,
Na alma alegria!

Á CHEGADA

Virgem Mãe do mesmo Deus!
Virgem filha de teu Filho!



Não ha estrella de mais brilho
N'esses céos!

De olhar fito n'esse olhar,
De olhos fitos n'esses olhos,
Não ha baixos, não ha escolhos
N'este mar!

Vem a onda, sobrem
Nova onda, e nada teme
Quem te vê guiando o leme,
•Virgem Mãe!

Tu guardaste em goso e dor
Sempre n'alma a paz de um templo!
Foste em vida o nosso exemplo,
Mãe de Amor!

Navegando, mas de pé
N'este mar cavado embora,
Vou na barca salvadora,
Que é a Fé!

Não me assusta a multidão
De inimigos que me aggride!
Contra a *Torre de David*,
Tudo é vão!

Por feroz que esteja o mar
De repente fórma um lago...



Basta um só reflexo vago
D'esse olhar!

Esse olhar é quem a mim
Me encaminha e me soccorre!
O meu norte é só a *Torre*
De marfim!

Meu pharol, refugio meu!
Sol que dia e noite brilha!
Mãe de Deus, e de Deus filha!
Mãe do Céu!

NO TEMPLO

Salve, Rainha, Mãe
Da paz e da concórdia,
Mãe de misericórdia,
Fonte de todo o bem!

Rainha, nossa *vida!*
Doçura, esperança nossa!
Da mais humilde choça
Aos altos céos querida!

Salve, Rainha eterna
De throno inabalavel!
Soberana sempre affavel,
Rainha sempre terna!



A vós, *a vós* *bradamos*
Cá d'estes *descampados*,
Por onde os *degredados*
Os *filhos de Eva* andamos!

Por vós n'estes *anceios*
De *incomportavel dor*
Ah! *suspirámos* cheios
De *saudade e amor!*

Gemendo, e sempre *assim*
Chorando o *nosso mal*,
N'este profundo valle
De lagrimas sem fim!

Das *nuvens, eia pois*,
Oh advogada nossa!
Rompa um *clarão* que possa
Mostrar-nos já quem sois!

Sim! *esses vossos olhos*
Tão misericordiosos,
Que tornam os *abrolhos*
Lirios deliciosos,

A nós volvei, *Senhora*,
Do *céo e mar e terra!*
Que todo o *bem encerra*
Que todo o *mundo adora!*



E, se um viver sem luz
Expia tanto erro,
Depois d'este desterro
Nos mostrae a Jesus!

Oh Mãe sempre clemente!
Oh Mãe sempre piedosa!
Mãe sempre carinhosa!
Mãe sempre complacente!

Oh nossa doce Mãe!
Oh sempre Virgem pura,
Excelsa creatura,
Fonte de todo o bem!

Maria! a nossa voz
Ouvi-a lá nos céos!
Rogae, rogae por nós,
Oh santa Mãe de Deus!

Para que auxiliados
D'essa divina graça,
Nós, filhos da desgraça
E pobres desherdados,

Sejamos, às avéssas
Do mal que nos attrae,
Ah! dignos das promessas
De Christo — Deus e Pae!



Maria

*Refugio dos peccadores,
Consolação dos afflictos.*

Quantas maguas, quantas dores
Tendes vós alliviado,
Oh mãe do Crucificado,
Refugio dos peccadores!
Quem ouve os nossos clamores,
Quem acode a nossos gritos,
Senão vós, olhos bemditos,
Senhora da piedade!
Vós chamada com verdade
Consolação dos afflictos!



Crucifixo

«Minha mãe, quem é aquelle
Pregado n'aquella cruz?
— Aquelle, filho, é Jesus...
É a santa imagem d'elle!

«E quem é Jesus? — É Deus!
«E quem é Deus? — Quem nos cria,
Quem nos manda a luz do dia
E fez a terra e os céos;

E veio ensinar á gente
Que todos somos irmãos,
E devemos dar as mãos
Uns aos outros irmãmente:

Todo amor, todo bondade!
«E morreu? — Para mostrar
Que a gente pela Verdade
Se deve deixar matar.



Céguinha

Depois que Deus me cegou,
Não vejo os filhos andar
N'esta miseria em que estou :
Mil graças, Senhor, vos dou!
Mas inda os oiço chorar...
E assim pobre como sou,
Nada tenho que lhes dar,
E de balde me condôo !
Senhor, poupae-me o pezar
Tambem de os ouvir chorar !

Oração da pobre

Senhora ! Sois mãe,
E mãe de Jesus,
A fonte da luz,
A fonte do bem !
Doei-vos da triste
Que assim se consome,
E apenas resiste
Às maguas que tem...
Sou mãe, tenho fome...
Meus filhos tambem !



Bem dita

Lá vem a Rainha Santa,
Que povo e rei tudo encanta!
Rainha pela belleza,
Rainha pela virtude!
Traz tambem no seu regaço
Rosas dos jardins do paço,
Com que rei e côrte illude...
Mas com que vale á pobreza
E aos enfermos dá saude!
Por isso muita alma afflicta,
Sorrindo na desventura,
Em na vendo assomar grita:
Oh bem dita formosura
De corpo e alma... bem dita!



Hymno academico

Sejam céo, terra e mar, vale e serra
Tudo aroma, verdura, harmonia ;
Mas apague-se o sol que alumia,
Reinará só terror sobre a terra.

CÔRO

Viva a luz ! Deus é luz, luz é vida !
Noite é morte e a sciencia é a luz !
Aprendeí, gerações ! bem erguida
Lá se ouve inda no Gôlgotha a cruz !

VOZ

E a sciencia é a luz que irradia ;
Mal accesa enche a casa a candeia ;
Toda a syllaba entranha uma ideia,
Toda a ideia nossa alma alumia.

CÔRO

Viva a luz !.....



VOZ

E a sciencia os mysterios não cala ;
Não fallar cumpre aos mortos sómente,
Cumpre ao vivo exprimir o que sente,
Bosque e fonte, ave e mar, tudo falla.

CÔRO

Viva a luz !.....



Saudação

Dos alumnos da Escola-Asylo dos Cegos a el-rei D. Luiz

Senhor, que assim cuidaes
De uns pobres como nós;
Que tanto nos amaes,
Honraes e protegeis;
Senhor, que assim nos daes
Provas do vosso amor:
Bem vindo sois, senhor!

Assim o rei dos reis
O Deus dos nossos paes,
Senhor, vos pague a vós
O bem que nos fazeis!

(Musica de Keil.)



Coeli...

Quem na abobada immensa
Poz a lampada suspensa
Do sol que o dia nos dá?
E ha quem se atreva, se affoite
A contar os soes que á noite
Nos alumiam de lá?

Quem é que, se um braço estende,
A lua em pino suspende
E aos homens diz: Descançae!
Filhos de quem vos adora,
Meus filhos, dormi agora;
Vela agora o vosso pae!



Deus?

A Marco Antonio Canini

Quem me terá trazido a mim suspenso,
Attonito, alheado... ou a quem devo,
Emfim, dizer que em nada mais me enlevo,
A ninguém mais do coração pertença?...

Se desço ao valle, ao alcantil me elevo,
Quem é que eu busco, em que será que eu penso?
És tu memoria de horisonte immenso
Que me encheu alma d'um eterno enlevo?...

Segues-me sempre... e só por ti suspiro!
Vejo-te em tudo... terra e céu te esconde!
Nunca te vi... cada vez mais te admiro!

Nunca essa voz á minha voz responde...
E ecco fiel até do ar que aspiro,
Sinto-te o halito!... em minha alma ou onde?



FABULAS

A cigarra e a formiga

Como a cigarra o seu gosto
É levar a temporada
De junho, julho e agosto
N'uma cantiga pegada,
De inverno também se come,
E então rapa frio e fome!

Um inverno a infeliz
Chega-se á formiga e diz:
— Venho pedir-lhe o favor
De me emprestar mantimento,
Matar-me a necessidade;



Que em chegando a novidade,
Até faço um juramento,
Pago-lhe seja o que for.

Mas pergunta-lhe a formiga:
«Pois que fez durante o estio?»
— Eu, cantar ao desafio.
«Ah! cantar? Pois, minha amiga,
Quem leva o estio a cantar,
Leva o inverno a dançar!



Cão e presa

Um cão apanha um coelho
Á margem de uma ribeira;
Mas vendo-o n'aquelle espelho,
Larga-o, salta a ribanceira...
E assim perde o que levava,
E mais o que ambicionava!

Abençoada prudencia
(E é esta a moralidade!)
Quantos pela apparencia
Perdem a realidade!



Honra e proveito

Um dia os Deuses, cada qual uma arvore
Á sua guarda consagraram: Jupiter,
Esse o carvalho, a murta Venus, Hercules,
Lá esse o alamo, e o loureiro Apollo.

Vendo-as Minerva todas infructiferas:
— Que é isto? (exclama.) Jupiter acode-lhe:
«Senão, diriam, filha, que as guardavamos
Só pelo fructo. — Que me importa? digam-no;
É pelo fructo que a oliveira escolho!

«Minerva! (brada o pae de homens e deuses)
És quem de todos sabes mais sem duvida;
No que não luza... mal fundada gloria!

Honra sem proveito faz mal ao peito.



A aguia e o corvo

Vendo um corvo uma aguia arrebatat
Nas garras um carneiro,
Não podendo, coitado, pôr-se a par
Da rainha do ar
Na força e no tamanho,
Mas sendo igualmente carniceiro,
Dirige-se ao rebanho,
Paira grasnando,
Mira o cordeiro
Que acha mais refeito,
Precipita-se e agarra-o com effeito,
Mas ferrando-lhe as unhas na lã só!
Lã, por signal,
De uma espessura tal,
Que até mettia dó
Ver o pobre animal
Depois estrebuchar a ver se ao menos
Escapava d'aquella corriola.
Qual!
Metteu-o o pastor n'uma gaiola
E deu-o aos pequenos.



Cada qual veja as suas aptidões
E o grao que tem na ordem dos ladrões;
A unha de um gatuno pouco abarca;
Um pão se tanto, quando não é preso!
Roubo de peso,
Roubo de vulto, só ladrão de marca.



Ossos do officio

Uma vez uma besta do thesouro,
Uma besta fiscal,
Ia de volta para a capital,
Carregada de cobre, prata e ouro;
E no caminho
Encontra-se com outra carregada
De cevada,
Que ia para o moinho.

Passa-lhe logo adeante
Largo espaço,
Colleando arrogante
E a cada passo
Repicando a choquilha
Que se ouvia distante.

Mas salta uma quadrilha
De ladrões,
Como leões,
E qual mais presto
Se lhe agarra ao cabresto.



Ella reguinga, dá uma sacada
Já cuidando
Que desfazia o bando;
Mas, coitada!
Foi tanta a bordoada,
Ah! que exclamava emfim
A besta official:
— Nunca imaginei tal!
Tratada assim
Uma besta real! . . .
Mas aquella que vinha atraz de mim,
Porque a não trataes mal?

«Minha amiga, cá vou no meu socego.
Tu tens um bello emprego!
Tu sustentas-te a fava, e eu a troços!
Tu lá serves el-rei, e eu um moleiro!
Eu acarreto grão, e tu dinheiro!
Ossos do officio, que o não ha sem ossos.



Cabra, carneiro
e
cevado

Uma vez

Uma cabra, um carneiro e um cevado
Iam n'uma carroça todos tres,
Caminho do mercado...
Não iam passear, é manifesto;
Mas vamos nós ao resto.
Ia o cevado n'uma gritaria,
Que a cabra e o carneiro
Não podendo na sua boa fé
Acertar com a causa do berreiro,
Diziam lá comsigo:
Que mania!
Cá este nosso amigo
E companheiro
Por força gosta mais de andar a pé!...
O caso é,
Que o cevado gritou tanto ou tão pouco,
Que o carroceiro



Perde a cabeça,
Vae como um louco,
Saca um fueiro
E diz-lhe: — Hom'essa . . .
Passa a mais!
Eu inferneiras taes
Não as aturo!
Ouvir berrar ha tanto tempo é duro!
Pois o senhor não vê que esta nem chora!?
Nem ao menos as lagrimas lhe saltam,
Como é tão natural n'uma senhora?!
Goellas não lhe faltam,
E de ferro;
O ponto é que ella as abra;
Mas é cabra . . .
Teve outra criação:
Não dá um berro
Sem alguma razão!
E julga que este cavalheiro é mudo?
É serio, tem proposito, é sisudo;
Às vezes berra que estremece tudo,
Mas só quando é preciso;
Tem juizo . . .
Miolo!
«Miolo! (exclama o outro); pobre tolo!
Elle suppõe que o levam á tosquia,
E por isso nem pia.
Esta, pensa tambem que vae, de carro,
Ao tarro,



Vasar a teta;
Pobre pateta!
Deixal-os! lá se avenham;
Mas porcos não se ordenham!
Cevados não se ordenham nem tosquam!
De mais sei eu o fim com que se criam...
De mais sei eu!
Por isso brado ao céu!
Por isso choro a minha triste sorte!
Por isso gritei, grito e gritarei,
Do fundo da minha alma até á morte:
Aqui d'el-rei!
Aqui d'el-rei!

Fallava como um homem! Muita gente
Não discorre com tanta discreção.

Infelizmente
Quando o mal
É fatal,
A lamuria que vale!
Que vale a prevenção!
Antes ser insensato, que prudente;
Um insensato, ao menos, menos sente:
Não vê um palmo adeante do nariz;
Vê o presente
E está contente...
É mais feliz!



Meia fabula

Disse um tigre mosqueado
A um pobre cordeirinho:
— Tu andas muito arriscado
Por estes valles sósinho.
Queres ser meu alliado?
«Mas dize-me: esse focinho
Parece-me ensanguentado!...
— É sangue de um desvairado
Que se julgava adivinho,
Que se julgava inspirado.
«E devoraste-o?... Coitado!

O pobre do cordeirinho
Foi andando de mansinho,
Foi andando disfarçado
E dizendo, horrorisado:
«Com semelhante malvado,
Meu pobre vello nevado...
Meu pobre vello de arminho!»
E não quiz ser alliado.



Leão moribundo

A João Arroyo

Achou-se um dia o rei dos animaes
Por vellice ou doença moribundo,
E (ha casos n'este mundo
Incriveis, mas reaes...)
Quem d'antes mais solícito o servia,
É que ás portas da morte o injuria!

Veiu o cavallo e deu-lhe uma patada!
Veiu o lobo, ferrou-lhe uma dentada!
Veiu o boi, arrumou-lhe uma marrada!
Elle comtudo, manso como um lago,
Apenas lhes lançou um olhar vago...

Mas quando ouviu um zurro,
E olhando então devéras,
Viu aos pinotes vir correndo o burro...
Ah! presentindo a injuria,
Com mais horror, que furia,
O forte de outras eras,



Rei dos bosques e feras,
Em summa, o grande, o generoso, o forte,
Arranca das entranhas
Um gemido, um rugido, um uivo, um urro
Que retumbou por valles e montanhas:
«Antes a morte! a morte!»
A morte! a morte!

FIM DO 1.º VOLUME



INDICE

LYRICAS

CANÇONETAS

	Pag.
Amor	1
Sympathia	4
Casto lirio	5
Melancholia	8
Noite de amores	10
Carta anonyma	12
Resposta	13
Letra	16
Lágrima celeste	18
Enlevo	21
Beijo	24
Perdão!	28
Amores, amores	30
N'um album	32
Folha cahida	34
Saudade	36
Sêde de amor	40
?	45
Aroma e ave	47
Lembras-me	48
Os olhos fallam	49
Thuribulo	51
Tristezas	54
Agora!	56
Estrella	58
Fragmento	59
Modinha	61
Desalento	62
Ella	64



	Pag.
Encanto.....	66
Deliciosa cruz.....	68
A***.....	70
Duvida.....	71
Cantigas.....	74
Anceio.....	77
Amor mystico.....	79
Não sentes no coração?.....	82

ODES E CANÇÕES

	Pag.
Adoração.....	83
Encanto.....	85
Alma perdida.....	87
Foges?.....	89
Deixa!.....	91
Amor.....	93
Paixão.....	95
Descalça!.....	97
Beatriz.....	99
Anjo da Guarda.....	102
Heresta.....	103
Fascinação.....	109
A um retrato.....	111
Espera!.....	113
Adeus.....	115
Tristeza.....	118
No tumulto.....	121
N'um convento.....	123
Sol do meu dia.....	125
Não!.....	127
Innocencia.....	133
No leito nupcial.....	136
Amo-te.....	140
Sol infimo.....	143
Luz do céu.....	144
N'um album.....	146
Ultimo adeus.....	148



	Pag.
Ventura	151
Mal sabes	152
Malmequer.....	153
No album de N. L.	155
Ciume	156
Desdem.....	159
Olhar	160
Sonho	165
O seu nome	168
Desalento.....	174
Sempre	176
Olhar	177
Margarida	178
Dedicação.....	180
Visão	183
Escreve!	185
Só	190
Presentimento	192
Indiferença.	195
Amélia.....	196
Arcadia	198
Pomba	199
A. P. S.	201

ELEGIAS

	Pag.
A vida	203
Rachel	213
De lucto	216
Marina	218
Lamento	226
Adeus	228
A Hermann	230
Actriz.....	233
Margarida	238
A uma gata.....	240
A A. Janny	241
No album de T. Barbosa	245



	Pag.
De Anthero de Quental	247
Resposta	248
A Anthero	249
A minha mãe	250
A D. Pedro II	251
N'um romance	252
Minha mãe	253
Dor d'alma	254
Pezames	256
Ultimo adeus	258

 IDYLIOS

	Pag.
Carta	259
Remoinho	264
Mãe e filho	269
Muito pedir	271
Boas noites	273
Rosa e rosas	275
A donzella e o musgo	277
Duas rosas	282
Botões de rosa	285
Lirio do valle	287
Primeiro amor	288
Miseria	289
Sonho doirado	291
Maria da Graça	294
Conto infantil	301
Braille	306
Sonhando	308

 DISTICOS

	Pag.
N'um album	311
Dois céos	312



	Pag.
Anonyma	312
Pátria	313
Sempre	313
N'um album	314
Clarão	314
N'um album	315
N'uma rosa artificial	315
Esperança	316
Amo-te	316
A uns annos	317
Gutenberg	318
Os Lusíadas	318
Camões	319
A Alice Moderno	320
No album de G. T.	320
Censura	321
Em bilhete de visita	321
D. Margarida Relvas	322
Epitaphio	322
Victor Hugo	323
Epitaphio	323
No tumulo	324
Luctuosa	324
Epitaphio	325
Amigo velho	325
A estrella do Egypto	326
Andaluzia	326
Cabello loiro	327
Velho operario	327
Engeitadinha	328
As creches	328
A uma menina	329
N'uma campa	329
Alma	330
Hilariana	330
Na campa de Anthero de Quental	331
A D. Albertina Paraíso	331
Invocação	332
No festival (8-3.0-95)	332
Esparsas	334



CANTICOS

	Pag.
Psalmo	335
Oração	337
Luz da Fé	339
Padre nosso	343
Loas á Senhora do Cabo	346
Salvé, Rainha	353
Maria	356
Crucifixo	357
Céguinha	358
Oração da pobre	358
Bem dita	359
Hymno academico	360
Saudação	362
Cœli	363
Deus?	364

FABULAS

	Pag.
A cigarra e a formiga	365
Cão e presa	367
Honra e proveito	368
A aguiã e o corvo	369
Ossos do officio	371
Cabra, carneiro e cevado	373
Meia fabula	376
Leão moribundo	377



INDICE ALPHABETICO

PARA O

Exame comparativo das poesias em todas as anteriores edições

	Pag.
Achou-se um dia o rei dos animaes	377
Adeus tranças côr de oiro	115
Ah se eu fosse borboleta	61
A lua desce	16
A luz que dá o teu rosto	56
Amas-me a mim? Perdoa	71
Amo-te a ti, e a Deus	140
Amo-te, flor! Se te amo, Deus que o sabe	111
Amo-te muito, muito!	93
Anjo! quem do céu vos trouxe	329
Aqui jaz o amor	322
Aqui... jaz pó; eu não; eu sou quem fui	331
Arida palma	34
A Rosa trouxe-me rosas	275
Às vezes trémula, inquieta	64
A terra pôde gastar	322
A ti que em astros desenhei nos céos	228
A tua consternação	326
Bebeste para esquecer	201
Beijo na face	24
Cae a folha da rosa pudibunda	109
Camões comparado	319
Cantas com voz tão suave	331
Casto lirio, branca pomba	199
Como a agua em funda gruta	123
Como a cigarra o seu gosto	365
Como esse olhar é doce!	218
Como o prodigo volta ao lar paterno	313
Conchega a mãe ao peito o filho caro	230



	Pag.
Corre a nação afflictta.....	323
Dá-me esse jasmim de cera.....	271
Deixa que ao romper de alva o cravo, abrindo.....	91
Depois que Deus me cegou.....	358
De que choras tu, anjinho?.....	328
Despe o luto da tua soledade.....	213
Deus cria as almas aos pares.....	87
Dispensavas-me em tempo alguns olhares.....	159
Disse um tigre mosqueado.....	376
Diz a virgem, vendo a rosa.....	315
Donzella, vou dar-te a flor.....	82
Dorme, estatua de neve.....	136
Dura a vida como a flor.....	317
Ella aqui jaz, Alice.....	324
Ella não sabe a luz suave e pura.....	168
Elvirinha, diga, diga.....	301
Em fumo se vae tudo, amigo: olhando.....	248
Emilia! não vês a lua.....	192
Encolhe as azas, que te abraças, louca!.....	133
Era já noite cerrada.....	289
Esse olhar silencioso.....	118
Esta festividade.....	332
Esta vida é um mar; e n'este mar.....	311
Estas honras, este culto.....	333
Estava uma lavadeira.....	273
Estrella que me nasceste.....	58
Eu digo, quando assoma.....	47
Eu mysterios se os profano.....	13
Eu não te posso a ti dizer mais nada.....	316
Eu olhos sei de uns.....	32
Filha da instituição.....	306
Fique em silencio eterno a minha lyra.....	258
Flor do meu coração! mimoso fructo.....	254
Foi-se-me pouco a pouco amortecendo.....	203
Fumo e scismo. — Os castellos do horizonte.....	247
Gostas de contos, Maria?.....	294
Ha muitos sonhos de imaginação.....	165
Já lí o novo livro; e se me cabe.....	321
Lagrima celeste.....	18
Lá vem a Rainha Santa.....	359
Luz de intima influencia.....	68
Mãe! leva-me tambem?.....	328



	Pag.
Mal sabes, é certo	70
Mal sabes, nem eu posso descrever-te	314
Mal sabes o que soffro n'um momento	152
Maria! vêr-te á porta a fazer meia	259
Meu casto lirio	5
Meus olhos sempre inquietos	66
Mimosa, casta donzella	190
Mimosa noite de amores	10
Minha mãe, quem é aquelle	357
Moldada ao bem nasci, mas debil planta	252
Mulher, foges-me? espera!	89
Na marcha da vida	54
Não brilha o sol	21
Não é mais candido o olhar da ave!	177
Não me admira a mim que o sol, monarcha	146
Não sei o que ha de vago	45
Não sei o que suppor	185
Não sou eu tão tola	30
Não vá tão depressa	291
Não vês como eu sigo	1
Não viste como ha pouco, descobrindo	314
Nem te vejo por entre a gelosia	313
No jardim do coração	323
N'um valle assim flor mimosa	287
Nunca me ha de esquecer, ingrata! escuta	198
O sol na marcha luminosa voa	151
Oh doce luz, oli lua!	8
Oh filho de Mayença	318
Oh Janny, teus ais me exaltam	241
Oh Mãe... de minha mãe!	288
Oh que formosos dias, Margarida	178
Oh quem me dera embalado	77
Olha como embrulhado	264
Olha por ella tu, dos céos que habitas	337
Olhas-me tu	4
Olhos azues... os teus!	312
Ora dize-me a verdade	195
Os Lusíadas estão como na hora!	318
Os olhos são da terra	330
Os olhos sempre que os puz	143
Os reis são tambem symbolos; e vós	251
Ouve, Amelia, se a ventura	196



	Pag.
Pae nosso, de todos nós	343
Passavas como rainha	85
Pátria, berço de amor que a alma embala	250
Pensas que te não vejo a ti? Bom era!	176
Pois não credes em Deus, vendo-o nas flores	335
Pois se como sempre fomos	49
Por força que ainda choras	256
Porque é tão alegre a carta	180
Porque inclinas a languida cabeça	245
Praza a Deus que a sã doutrina	332
Prestes, se ainda á rocha de granito	148
Primicias do meu amor!	269
Quando a luz dos teus olhos contemplo	102
Quando a minha alma estende o olhar ancioso	253
Quando a minha alma nasceu	79
Quando em vida adormecia	329
Quando vejo a minha amada	74
Quantas maguas, quantas dores	356
Que bonita, meu amor!	282
Que magua ou que receio	103
Que mimos me confortam?	174
Que vindes cá fazer, oh Mocidade	333
Que vos disse, meus olhos tentadores!	144
Quem a Mãe do Céu adora	346
Quem és, que ao ver-te o coração suspira	97
Quem me terá trazido a mim suspenso	364
Quem na abobada immensa	363
Quem te manda, linda estrella	326
Rainha das mulheres	156
Salve, Rainha, Mãe	353
Se a alma é immortal, mulher, conforme	238
Se ao enlaça-a no peito	48
Se eu de bordão e sacco	330
Se eu fosse nuvem tinha immensa magua	125
Se o nosso coração tivcsse porta	315
Sei que és um anjo: o que ignoro	312
Sejam céu, terra e mar, vale e serra	360
Sempre fechada, sempre triste! apenas	216
Sempre que em vida, flor, passado o marco	316
Senhor, que assim cuidaes	362
Senhor, Senhor, que um ai nunca me ouviste	226
Senhora! Deus vos depare	320

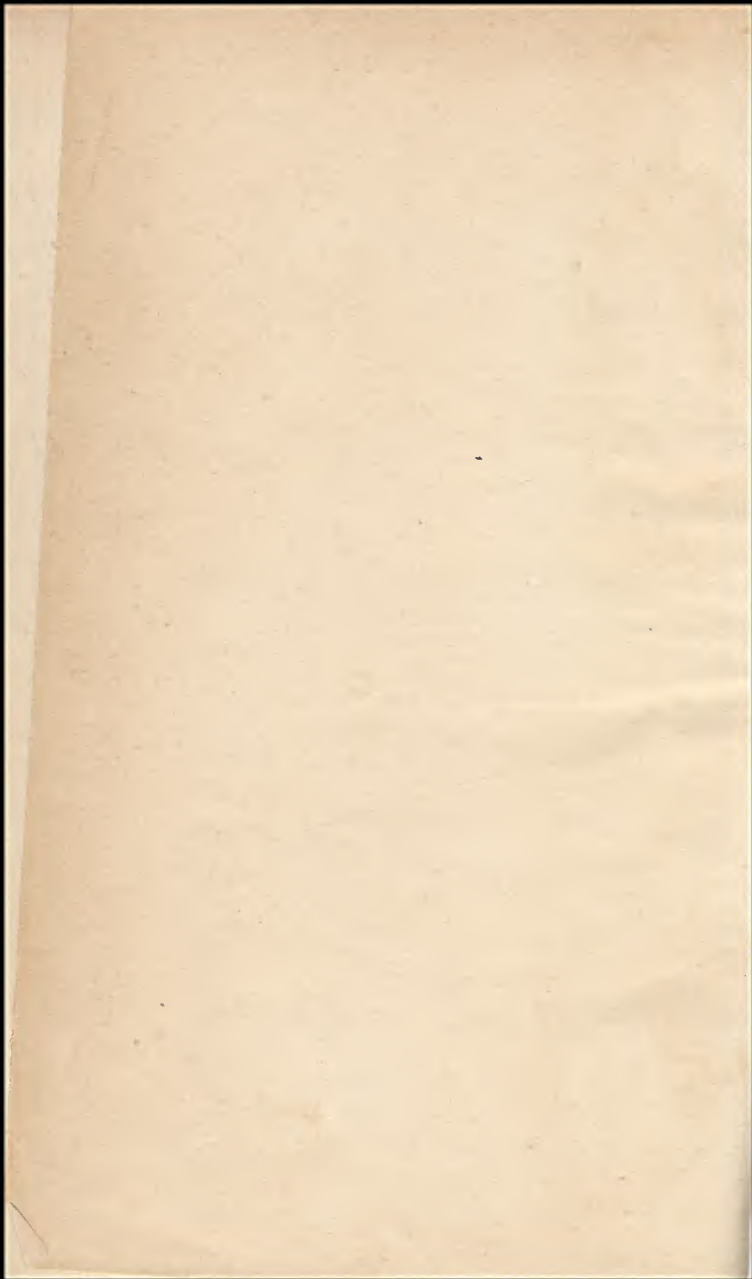


	Pag.
Senhora! Sois mãe.....	358
Senhores, vêde o sol: diariamente.....	233
Será, da gloria o emblema.....	183
Será uma grande festa.....	333
Seria o beijo.....	28
Suppõe que de uma praia, rocha ou monte.....	95
Tal como desfeitas correm.....	12
Tal é a confiança que te inspira.....	249
Talvez em eu morrendo a teus ouvidos.....	153
Tem phantasia, coração sensível.....	321
Tenho, mulher, um único desejo.....	160
Tenho no coração.....	327
Tenho-te muito amor.....	127
Thuribulo suspenso.....	51
Tinheis-me já inspirado.....	320
Trabalhei emquanto pude.....	327
Trago uma scisma commigo.....	62
Trazeis-me rosas; de onde as heis trazido.....	285
Triste noticia, tristemente lida!.....	324
Tu és o Calix.....	36
Tu és o cheiro que exhala.....	99
Tu não vês como as pombas se beijam.....	155
Tu só, pobre animal, beijas o triste!.....	240
Tu, sol! já não me alegras.....	339
Uivaria de amor a fera bruta.....	113
Um cão apanha um coelho.....	367
Um dia, não sei que eu tinha.....	277
Um dia os Deuses, cada qual uma arvore.....	368
Uma idéa unicamente.....	325
Uma vez encontrámo-nos os dois.....	325
Uma vez uma besta do thesouro.....	371
Uma vez—Uma cabra.....	373
Vae-se a tarde despedindo.....	121
Vejo em sonhos vaporosos.....	59
Vem de alto gosar, lirio!.....	308
Vendo um corvo uma agúia arrebatár.....	369
Vi o teu rosto lindo.....	83











cm

1

2

3

4

5

unesp

7

8

9

10

11





unesp

